THIAGO AUGUSTO MODESTO RUDI

A GRANDE MISSÃO DO SÉCULO XIX E A ESCRITA DA HISTÓRIA DE ERNEST RENAN (1848-1863)

ASSIS

2014

THIAGO AUGUSTO MODESTO RUDI

A GRANDE MISSÃO DO SÉCULO XIX E A ESCRITA DA HISTÓRIA DE ERNEST RENAN (1848-1863)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientadora: Profª. Drª. Karina Anhezini de Araujo

ASSIS

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

R916g

Rudi, Thiago Augusto Modesto
A grande missão do século XIX e a escrita da história de Ernest Renan (1848 – 1863) / Thiago Augusto Modesto Rudi. - Assis, 2014
158 f.

Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista.
Orientadora: Drª. Karina Anhezini de Araujo

1. Historiografia. 2. Renan, Ernest, 1823 – 1892. 3. França – História. 4. Filosofia – História. 5. Objetividade. 6. Imaginação. I. Título.

CDD 907.2

THIAGO AUGUSTO MODESTO RUDI

A GRANDE MISSÃO DO SÉCULO XIX E A ESCRITA DA HISTÓRIA DE ERNEST RENAN (1848-1863)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – UNESP para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Data da Aprovação: 17/11/2014

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente: PROFA. DRA. KARINA ANHEZINI DE ARAÚJO - UNESP/Assis

Membros: PROF. DR. TEMÍSTOCLES AMÉRICO CORREA CEZAR - UFRGS/Porto Alegre

PROF. DR. HELIO REBELLO CARDOSO JUNIOR - UNESP/Assis

Em memória de minha mamãe

AGRADECIMENTOS

A escrita da presente dissertação foi possível graças ao sentimento de grande afeição, simpatia, apreço e aprendizado motivado pelo encontro com pessoas queridas. Da presença de algumas e da distância de outras emerge o desejo de que essas palavras, de brilhos nos olhos, abracem-nas com toda a minha gratidão.

Sempre sorri com minha orientadora e amiga, Karina Anhezini, ao dizer que deveria lhe dedicar uma seção à parte de agradecimentos. Desde 2010 ela me ensinou tantas coisas, tantas formas de lidar com as palavras que, talvez por ironia, faltam-me palavras para descrever minha gratidão. Mesmo assim, posso dizer que o desejo de muito aprender ainda com ela e suas lições que generosamente abraçam e entrelaçam o ato de viver e de escrever histórias criaram a possibilidade de tornar-me humano, demasiado humano.

Devo imensos agradecimentos aos professores Hélio Rebello Cardoso Júnior e Temístocles Cezar. Por meio de suas aulas, textos e de nossos encontros durante a Graduação e Pós-Graduação, muito aprendi sobre as possibilidades do ofício do historiador. Tive a imensa satisfação de contar com a presença deles em minha qualificação na qual todas as sugestões foram anotadas e me acompanharam até o término desse trabalho.

Quero agradecer a toda minha família que, mesmo na distância, sempre proporcionou encontros repletos de alegria, afeto e apoio. Dedico um abraço especial à minha irmã, Tati. Desde que era pequeno, ela sempre esteve ao meu lado. Quando, durante a graduação, dava os primeiros passos na pesquisa, ela foi minha primeira leitora que, pacientemente lidando com minhas inabilidades com o computador, digitou todos os primeiros fichamentos de textos que comporiam meu projeto de Iniciação Científica. Ela e minhas duas queridas sobrinhas, Agnes e Isa, sempre fazem com que eu me lembre de que, mesmo com as peripécias da existência, a vida tem sempre razão.

Para lidar com tantas peripécias, tive também a ajuda e o carinho dos meus amigos. Agradeço à minha amiga, vizinha, leitora, revisora, conselheira, companheira de protestos, de textos e de pestos, Aline Menoncello; ela se "esconde" em muitas linhas desse trabalho.

Um grande abraço à Mírian, com quem compartilhei diversos momentos de alegria; se não fosse com ela, possivelmente esse texto não teria se iniciado.

Sou grato pela fundamental presença de Nájyla nesses últimos momentos do trabalho; ela me apresentou lugares fascinantes e "emprestou-me" de forma tão generosa seus ouvidos e até sua família.

À *chérie* Dayane, amiga, professora, revisora do francês, com quem mantive importantes diálogos durante a pesquisa e que sempre, de maneira bondosa e cuidadosa, participou das "traduções" que um texto de história pode promover.

Aos meus amigos Anne, Wesley, Aline, Rogério e Ricardo que, lá da terra do rei do gado, nunca sairão de minhas saudosas lembranças.

A todos os membros do nosso Grupo de Estudos em História da Historiografia que muito contribuíram para a definição dos caminhos percorridos por essa dissertação.

A toda família E. E. Francisco Teodoro de Andrade, tão bem representada pelo diretor Dionísio; foi lá que decidi me tornar professor. Em especial, meus agradecimentos aos professores Cinira e Valdemir que estavam presentes em um dos momentos mais importantes da minha vida e me ensinaram o quanto podemos ser solidários. Com Cinira, aprendi a gostar de literatura, aprendi que amo histórias.

Agradeço a todos os funcionários da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), especialmente, aos funcionários da Seção de Pós Graduação, do Escritório de Pesquisa e Internacionalização, da Seção Técnica Acadêmica e da Biblioteca, sempre tão atenciosos.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela bolsa concedida, possibilitando que eu me dedicasse exclusivamente a essa pesquisa.

"*La mort n'est pas pour elle un sujet d'austères méditations et de tristes retours; le tombeau ne lui parle pas de ce monde infini qu'il ouvre à l'imagination moderne*".

Ernest Renan

"É que ele sabe efêmera toda vitória sobre a morte; fatalmente a desgraçada retorna e ceifa. A morte assombra o Ocidente".

Michel de Certeau

RUDI, Thiago Augusto Modesto. **A grande missão do século XIX e a escrita da história de Ernest Renan (1848-1863)**. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2014.

RESUMO

Esta dissertação parte da seguinte questão: como se escrevia a História em meados do século XIX? Com o intuito de somar alguns significados a ela, a escrita do historiador francês Joseph-Ernest Renan (1823-1892), entre os anos de 1848 e 1863, foi considerada como seu objeto específico. A partir da leitura dos livros e artigos de Renan e das atas das instituições que este autor fora membro, o trabalho buscou compreender os procedimentos e as concepções que nortearam sua escrita da história. Tal estudo propiciou o entendimento de que, primeiramente, Renan caracterizou a história como a grande missão e obra de seu século. Essa missão que definia a história como uma religião e como uma ciência, simultaneamente, empenhava-se em situar a história em um local privilegiado para a significação das ciências e das religiões. Em diálogo com historiadores como Augustin Thierry e Wilhelm von Humboldt e autorizado por lugares como a *Société Asiatique* e a *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, Renan se tornou um dos missionários que, por amor à verdade, entreteceu a crítica minuciosa dos documentos aos intentos da Filosofia da História em uma escrita autorreflexiva, verossímil, dotadora de sentidos e movimentos ao passado.

Palavras-chave: Concepção moderna de História. Regimes de historicidade moderno e antigo. Historiografia francesa oitocentista. Ernest Renan. Objetividade. Imaginação.

RUDI, Thiago Augusto Modesto. **The great mission of the nineteenth century and the history of Ernest Renan's writing (1848-1863)**. 2014. 158 f. Dissertation (Master's degree in History) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2014.

ABSTRACT

This dissertation starts from the following question: what was writing History like in mid-nineteenth century? In order to add some meaning to it, the writings of the French historian Joseph-Ernest Renan (1823-1892), between the years 1848 and 1863 were considered as its specific object. Through the reading of Renan's books and articles and the records of the institutions of which the author had been a member, the study aimed to understand the procedures and conceptions that guided his writing of history. This study provided the understanding that, at first, Renan characterized the history as the great mission and work of his century. This mission that defined history as a religion and as a science, simultaneously endeavored to situate the history in a prime location for the significance of science and religions. In dialogue with historians such as Augustin Thierry and Wilhelm von Humboldt and authorized by places such as the *Société Asiatique* and the *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, Renan became one of the missionaries who, for love of truth, interwove the thorough critique of the documents to the intents of Philosophy of History in a self-reflective, verisimilar writing, endower of senses and movements to the past.

Keywords: Modern concept of history. Ancient and modern regimes of historicity. Nineteenth-century French historiography. Ernest Renan. Objectivity. Imagination.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... **12**

CAPÍTULO 1
QUEM FOI ERNEST RENAN? ENSAIO DA SORRIDENTE AUSÊNCIA DE UM BUSTO..... **17**

1.1 - Renan *brésilien*..... **18**

1.2 - Na ausência do homenageado..... **27**

1.3 - Bufão e mestre da história, entre outros convidados..... **33**

CAPÍTULO 2
A "GRANDE OBRA" DO SÉCULO XIX: UMA "HISTÓRIA CRÍTICA DO ESPÍRITO HUMANO"..... **40**

2.1 - Aqui, ali e apesar de 1848: o futuro de uma ciência que passou..... **40**

2.2 - História das religiões, religião da história..... **49**

2.3 - História: a derradeira "ciência à parte" que "descobre" o passado e "ressuscita" (n)o futuro..... **69**

CAPÍTULO 3
A ESCRITA E OS SENTIDOS DA HISTÓRIA NO SANTUÁRIO DA ERUDIÇÃO.. **82**

3.1 - Na entrada do santuário: ceifas, rastos e restos..... **83**

3.2 - No lugar do pai: o caráter positivo e factual das ciências históricas..... **102**

3.3 - História: o amor pela verdade e um *affaire* com o verossímil..... **115**

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... **135**

FONTES..... **142**

BIBLIOGRAFIA..... **152**

INTRODUÇÃO

A pesquisa é interminável, mas o texto necessita de um fim. Essas palavras, aparentemente estranhas para o início de uma "introdução", revelam, antes de qualquer coisa, a crença na "primeira imposição do discurso": "[...] prescrever como início aquilo que na realidade é um ponto de chegada, ou mesmo um ponto de fuga da pesquisa"[1].

Nesse ponto de chegada, o presente trabalho parte da seguinte questão: *como se escrevia a História em meados do século XIX?* Neste intento, a escrita da história do erudito francês Joseph-Ernest Renan (1823-1892), entre os anos de 1848 e 1863, foi considerada como seu objeto específico. Tomando como fontes privilegiadas os artigos de Renan publicados em periódicos e as atas das instituições das quais este autor fora membro, o trabalho busca compreender os procedimentos e as concepções que nortearam a escrita desse autor.

A emergência da história da historiografia está intimamente ligada a essa necessidade de reflexão acerca do ofício do historiador. No domínio desta meditação, "objetos e sujeitos se desnaturalizam, deixam de ser metafísicos e passam, pois, a ser pensados como fabricação histórica [...]"[2]. Dessa forma, torna-se relevante a preocupação de se compreender, dentre outras coisas, as tensões e disputas que, em épocas anteriores, possibilitaram distintas "invenções do passado".

Manoel Luiz Salgado Guimarães, em artigo no qual dialogou com as sugestões de François Hartog, demonstrou que a partir da publicação dos livros de Hayden White e de Michel de Certeau[3] na década de 1970, a escrita da história fora colocada no âmago das

---

[1] CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

[2] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 21.

[3] As obras mencionadas foram as seguintes: WHITE, Hayden. *Meta-História. A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. (Publicada primeiramente em 1973). CERTEAU,

indagações contemporâneas em torno do fazer histórico[4]. Nesse mesmo trabalho, Guimarães explanou três pontos delimitadores do quadro amplo de transformações que teriam repercutido no trabalho do historiador e, sobretudo, naqueles voltados para a historiografia como campo de investigação. Dentre esses, um parece extremamente significativo, e refere-se à inversão do caminho de pesquisa historiográfica, do texto ao autor, de modo que a escrita passaria a constituir o autor. Ao se questionar a respeito do significado de tal inversão e de sua relevância para essa nova escrita da história, Manoel Guimarães responde da seguinte maneira:

> [...] significa aceitar o papel da cultura como central para compreendermos as condições de possibilidade e de emergência de um texto ser articulado; correlatamente de seu autor se expressar e ganhar identidade como tal. E deste autor espera-se a possibilidade da novidade, da crítica à tradição a partir de um conjunto de textos. Certamente podemos identificar aí um passo decisivo para a constituição da História, num primeiro momento como gênero e depois como disciplina. Uma escrita da história que buscará sua legitimidade não mais nos textos canônicos e na autoridade que deles emanaria, mas na pesquisa original de textos de outra natureza[5].

De acordo com François Hartog[6], esse movimento com intuito de rever o "fazer histórico" teve seu início na década de 80 do século passado, concomitantemente à ascensão da nova história política. Desse modo, tais estudos seriam representativos de "[…] um tempo de estase, momento de pausa em que o olhar para trás se torna legítimo: para abranger o caminho percorrido, para tentar entender onde nos encontramos hoje e por quê"[7]. Além de ser uma resposta ao abandono dos grandes paradigmas de 1960, esta atitude reflexiva, nas palavras de Hartog:

> […] remete e responde a uma mudança de nossa relação com o tempo: a crise do regime moderno de historicidade ocidental (um porvir fechado, um

---

Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. (Publicada primeiramente em 1975).

[4] GUIMARÃES, M. L. S. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, p. 31-47, jan./jun. 2005.

[5] Ibidem, p. 45.

[6] HARTOG, François. *O século XIX e a História: O caso Fustel de Coulanges*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

[7] HARTOG, op. cit., p. 21.

> futuro imprevisível, um presente onipresente, um passado visitado e revisitado de forma incessante e compulsiva)[8].

Motivado por essas questões, iniciei a leitura dos livros, artigos e discursos de Renan e duas expressões foram cada vez mais sendo repetidas por esse autor. A primeira salientando que a "grande missão" do século XIX "é" a história. A segunda ressaltando que a "grande obra" do século XIX "será" a história. Uma missão, talvez até mesmo no sentido religioso do termo, que conquista e evangeliza o outro que lhe é desconhecido, estranho. Uma obra, como um edifício (a ser ou já) construído, ou ainda como uma "produção do espírito". Neste caso, trata-se de sentidos com o poder de caracterizar, de dar a ver o caráter de uma época. Ao mesmo tempo, missão e obra. A meta a atingir que as aproxima, entretanto, é concorrente do tempo da escrita que as afasta, pois enquanto a missão é, ou seja, ainda não foi, a obra será, está terminada e pode ser vista a partir do futuro[9].

Esses possíveis significados tomaram também outros caminhos ao se considerar os artigos de Renan. Em 1857, o erudito francês anunciou, em um pequeno parágrafo, a publicação do segundo volume da obra *Histoire des religions de la Grèce antique* de Alfred Maury[10]. Esse texto de poucas linhas, inscritas no *Journal des Débats*, terminaria com a seguinte frase: "o belo livro que ele [Maury] corajosamente prossegue a publicação terá seu lugar na grande obra que permanecerá de nosso século: a história crítica do espírito humano"[11]. Essa citação leva a crer que, em meados do século XIX, pelo menos parte da "grande obra" havia sido realizada. O interessante é que nesse mesmo ano, alguns meses antes, Renan avaliaria o primeiro volume da obra de Maury de uma forma muito parecida, mas com outras palavras. Nessa ocasião, a obra deste amigo tomaria seu lugar na "grande

[8] Ibidem, p. 23.
[9] Essas questões foram construídas e seguidas durante a presente dissertação, sobretudo, a partir da leitura dos trabalhos de Michel de Certeau e de François Hartog: Cf. CERTEAU, op. cit.; HARTOG, François. *Regimes de historicidade:* presentismo e experiências do tempo. Tradução: Andréa Souza de Menezes et al. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
[10] RENAN, E. [Nota a respeito do segundo volume da *Histoire des religions de la Grèce antique*, de Alfred Maury]. *Journal des Débats*, 22 nov. 1857. p. 3.
[11] Ibidem.

ciência" de seu século, ou seja, na "história filosófica do espírito humano"[12]. Uma obra, uma missão e uma ciência que poderia ser filosófica e crítica ao mesmo tempo (?).

Para compreender as tensões e possibilidades dessa obra e missão que, segundo Renan, caracterizariam seu século, confeccionei um recorte temporal articulador de textos e instituições e constituído pelos marcos dos anos de 1848 e 1863. Dentre os aspectos que compõem essa delimitação, destaco a entrada de Renan na *Société Asiatique* (1847), a publicação e premiação de textos que historiavam as línguas e a filologia (1847-1848) e a escrita de seu livro *L'avenir de la science*, iniciado em 1848 e publicado apenas em 1890. O segundo marco foi produzido considerando, dentre outras coisas, a eleição de Renan para a Cátedra de Hebreu do *Collège de France* (1862), a publicação de sua *Vie de Jésus* (1863) e suas reflexões a respeito das ciências históricas e naturais, também de 1863. Esses textos tornam explícitos o caráter inacabado e a ausência de uma pretensa fixidez na composição do recorte temporal da presente dissertação que, a todo o momento, excede seus marcos e acompanha outros leitores com o intuito de narrar algumas questões de um tempo.

Esses primeiros momentos da pesquisa inspiraram o título e a organização de toda a dissertação. Defini, então, que o primeiro capítulo desse trabalho deveria trazer em seu cerne o problema dessa "grande obra" do século XIX. Após apresentar tal capítulo no Exame Geral de Qualificação, no entanto, surgiu a indagação de até que ponto, iniciar o trabalho com essas questões não geraria certo desconforto nos leitores, mesmo porque: quem foi Renan?

Dessa pergunta surgiu o primeiro capítulo da dissertação intitulado: **Quem foi Ernest Renan? Ensaio da sorridente ausência de um busto**. Acompanhado da bibliografia brasileira e estrangeira a respeito do erudito francês, esse capítulo procura somar alguns significados à questão (quem foi Renan?) por meio da descrição de figurações que se cristalizaram em torno do nome desse autor fartamente estudado. Com essa mudança, o

[12] RENAN, E. *Histoire des religions de la Grèce antique*, par Alfred Maury. Tome I. *Journal des Débats*, 19 mai 1857. p. 2-3.

segundo capítulo passou a ser **A "grande obra" do século XIX: uma "história crítica do espírito humano"**. Partindo das questões já mencionadas, esse segundo momento da dissertação trouxe, ao seu final, um novo problema: para Renan, a história se tornaria ciência e filosofia a partir de uma "escrupulosa análise dos pormenores". Como compreender essa regra?

Com essa pergunta em mente, fiz a leitura dos textos relacionados às principais instituições das quais Renan foi membro. Por meio dessas leituras, foi criado o terceiro capítulo que se intitula: **A escrita e os sentidos da história no santuário da erudição**. Assim, nos momentos finais da dissertação, procuro contar que a "escrupulosa análise dos pormenores" fazia parte de um conjunto maior de regras promovidas para a escrita da história pela *Société Asiatique* e pela *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, instituição para a qual Renan foi eleito membro no ano de 1856.

CAPÍTULO 1
QUEM FOI ERNEST RENAN? ENSAIO DA SORRIDENTE AUSÊNCIA DE UM BUSTO

Em junho de 1863, foi publicado um dos livros mais conhecidos de Renan: *Vie de Jésus*[13]. Uma obra de história com *tour* biográfico; uma história das origens do cristianismo com seu princípio nos "passos" do fundador dessa religião. Renan, que era *também* historiador, sabia dos enormes desafios da *escrita* da história, ainda mais quando ela bem quisesse "fazer reviver as elevadas almas do passado" através da narrativa[14]. Em *Vie de Jésus*, na tentativa de explicar essas dificuldades aos seus leitores, dentre os diversos argumentos de verdade disponíveis, a tática historiadora de Renan foi a de construir uma *suposição* que comparou a escrita da história à restauração de uma escultura por meio de textos. Assim como Luciano de Samósata[15], Renan recorreu a uma das obras do escultor grego, Fídias, para pensar e esclarecer a melhor maneira de re(a)presentar o passado em uma narração.

Em meados de 2012 – quando iniciei a escrita do presente trabalho –, Renan, "ele mesmo", já havia se transformado em esculturas, estátuas, quadros, nomes de ruas (inclusive aqui no Brasil) e bustos. Em outubro desse mesmo ano, um dos bustos de Renan chamou a atenção do *Collège de France* com sua presença no *Colloque de rentrée du Collège de France: Hommage à Ernest Renan*, evento de homenagem e comemoração a sua vida e a sua obra[16].

---

[13] RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863. Primeiro volume da *histoire des origines du christianisme* (1863-1882).

[14] Ibidem. p. LV. No texto original: "[...] faire revivre les hautes âmes du passé [...]". Todas as traduções dos textos de Renan apresentadas neste trabalho são nossas. Além disso, em diversos momentos dessa dissertação, utilizo termos e expressões dos textos de Renan e os coloco entre aspas. Para maior clareza dos leitores e, quando for necessário, em cada final de parágrafo inserirei uma nota de rodapé indicando as páginas de localização das citações.

[15] HARTOG, F (Org). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

[16] O programa e as conferências do *Colloque de rentrée du Collège de France: Hommage à Ernest Renan*, organizado por Henry Laurens, estão disponíveis na seguinte página: <http://www.college-de-france.fr/site/colloque-2012/p1347353206910_content.htm#|q=../colloque-2012/symposium-2012-2013.htm|p=../colloque-2012/symposium-2012-2013.htm|>. No final de 2013, as apresentações desse evento

De 1863 a 2012, da publicação de *Vie de Jésus* ao colóquio que homenageou o autor desse livro, o presente capítulo parte de uma questão aparentemente simples e clara: quem foi Renan? Ao invés de respondê-la precisamente, entretanto, tentarei somente reconfigurá-la; procurarei apenas somar significados a ela e colecionar algumas descrições[17]. Para tanto, tratarei do colóquio feito em homenagem a Renan e depois sublinharei alguns dos modos como ele foi construído por autores que se tornaram incontornáveis para os historiadores. Antes disso, porém, farei uma "parada" no Brasil.

1.1 - Renan *brésilien*

Para iniciar, algumas palavras de Lídia Besouchet: "[...] salta aos olhos que foi Renan a personalidade literária que mais influiu sobre o pensamento religioso da *elite* brasileira da segunda metade do século XIX"[18]. Com a proposta "muito difícil, senão impossível"[19] de explicar quais as influências de Renan sobre o Imperador Pedro II (1825-1891), talvez não seja exagerado dizer que Besouchet fez muito mais ao sublinhar outros pontos de contato entre Renan e o Brasil. Desde a primeira nota de rodapé do texto, Besouchet destaca que as obras de Renan estavam presentes nas bibliotecas de todos os escritores e políticos de fins do XIX; o estilo de Eduardo Prado (1860-1901) foi, antes de qualquer coisa, resultado da influência renaniana, e, Joaquim Nabuco (1849-1910), além da imensa admiração, pôde conhecê-lo pessoalmente[20].

---

foram publicadas em livro: LAURENS, H. (Dir.). *Ernest Renan; la science, la religion, la République*. Paris: Éditions Odile Jacob, 2013.

[17] Esse objetivo de "colecionar **algumas** descrições" dá sentido à dissertação como um todo, já que não tenho qualquer pretensão de exaustividade e/ou de completude.

[18] BESOUCHET, L. Renan e o imperador do Brasil (Influência e contraste). In: *La Bretagne, le Portugal, le Brésil. Echanges et rapports.* Actes du Cinquantenaire de la création en Bretagne de l'enseignement du portugais, Université de Haute Bretagne, Université de Bretagne Occidentale, Université de Nantes, 1973, p. 331-58. p. 331. (Grifo da autora).

[19] Ibidem.

[20] Indico aqui, especialmente referente a Nabuco, os livros *Minha formação* (1900) e *Pensées detachées et souvenirs* (1906), nos quais, para além de várias citações, há capítulos dedicados a Renan.

Quanto às relações entre D. Pedro II e Renan, a primeira certeza da autora, seu ponto de partida foi a impossibilidade do Imperador não conhecer um dos acontecimentos literários do século XIX, ou seja, a *Vie de Jésus*. Nesse livro, as teses cientificistas e a separação entre poder espiritual e temporal, propostas por Renan, encontrariam na pessoa e na política do Imperador um local aconchegante de recepção – Besouchet, aliás, repetiu, algumas vezes, o quanto esse pressuposto renaniano do liberalismo influenciou as ações do Imperador durante a chamada "Questão Religiosa". Quando, em 1871, Pedro II viajou a Paris, um dos nomes registrados no livro de visitas do seu hotel foi o de Renan. De um lado, o Imperador que sabia grego, latim e estudava sânscrito, árabe e hebreu, do outro, Renan, que além de ter uma prima residente no Rio de Janeiro, era filólogo, historiador das línguas semíticas e tradutor de livros bíblicos: assim, "[...] o imperador possuía as qualidades essenciais para interessar a Renan"[21].

Depois dessa viagem, cartas, condecorações e eleições aproximaram ainda mais esses personagens. Renan recebeu de Pedro II a Ordem Imperial da Rosa[22] e o Imperador, em 1875, foi eleito para o *Institut de France*. As correspondências entre os dois, no entanto, é que trazem o efeito de prova ao texto de Besouchet. Dentre essas cartas, destaco uma, de 6 de setembro de 1873, que trouxe dificuldades à autora e que muito interessa ao presente texto. Nessa epístola, que tinha como principal assunto os comentários referentes às inscrições fenícias descobertas na Província da Paraíba, Renan não deixou de mencionar diversos de seus colegas eruditos e, principalmente, o *Corpus Inscriptionum Semiticarum*, que ele havia estimulado, desde 1867, na *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*[23]. O "mistério"

[21] BESOUCHET, L. Renan e o imperador do Brasil (Influência e contraste). In: *La Bretagne, le Portugal, le Brésil. Echanges et rapports.* Actes du Cinquantenaire de la création en Bretagne de l'enseignement du portugais, Université de Haute Bretagne, Université de Bretagne Occidentale, Université de Nantes, 1973, p. 331-58. p. 335.

[22] De acordo com a autora, trata-se de uma condecoração brasileira criada por D. Pedro I e reservada, muitas vezes, aos intelectuais.

[23] Coleção de inscrições semíticas, preparada segundo o modelo alemão, e que se propunha à publicação de todos os textos antigos em línguas semíticas do fim do segundo milênio antes de Cristo até os primeiros séculos de nossa era. Pode-se lembrar aqui, por exemplo, das publicações de inscrições latinas e gregas impulsionadas por Theodor Mommsen no século XIX. Cf. DUPONT-SOMMER, A. Ernest Renan et le Corpus des Inscriptions sémitiques. In: *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 112e année, N. 4,

apontado por Besouchet, contudo, refere-se a um "senhor Netto", citado por Renan, mas não identificado com clareza.

No dia 13 de setembro de 1873, uma carta de certo Joaquim Alves da Costa foi lida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ele contava que seus escravos acharam, em Pouso Alto, próximo da Parahyba, uma pedra com inúmeros caracteres que ninguém compreendia. Os filhos de Joaquim copiaram os caracteres e ele então enviou ao IHGB para que alguém os decifrasse. Três dias depois, em 16 de setembro, o primeiro secretário do IHGB, Joaquim C. Fernandes Pinheiro, com o intuito de receber uma avaliação desse documento, repassou a correspondência e a cópia da inscrição para o doutor Ladislau Netto (1838-1894), "membro digno" da Comissão de Arqueologia e de Etnografia do Instituto[24]. Foi por meio dessa "circunstância singular" que Netto pôde, em um gesto de "homenagem" e de reconhecimento, estabelecer relações com um dos "mais ilustres orientalistas dos tempos modernos", o "venerado Mestre" de "nome glorioso" que estava em "todas as bocas", enfim, Renan. Encarregado de dar sua opinião a respeito desse "documento curioso", Netto, a princípio um tanto indiferente, percebeu a relevância que essa inscrição em caracteres fenícios poderia ter para a história da América e resolveu, mesmo sem conhecimento aprofundado da língua, examinar o monumento[25]. A partir desse exame e correspondendo-se com Renan, o resultado, talvez, não tenha sido o esperado: o documento era apócrifo, não havia fenícios no Brasil. Renan, contando a D. Pedro II de sua resposta a Ladislau Netto, explicou que, mesmo

---

1968. p. 535-546. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai_0065-0536_1968_num_112_4_12307>. Acesso em: 02 mai 2014; MARTINS, Estevão de Rezende. Theodor Mommsen (1817-1903). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010. p. 101-122.

[24] Para mais informações a respeito de Ladislau de Souza Mello Netto, veja: DANTAS, R. M. M. C.; KUBRUSLY, R. S.; APRÍGIO, P. V. Os Registros de Ladislau Netto impressos na história científica do Museu Nacional. In: XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social, 2013, Natal - RN. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História* - Associação Nacional de História, 2013. SANJAD, N. Ciência de potes quebrados: nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista*, v. 19, p. 133-164, 2011.

[25] NETTO, Ladislau. *Lettre a Monsieur Ernest Renan a propos de l'inscription Phenicienne apocryphe soumise en 1872 a l'Institut historique, geographique et ethnograpique du Brésil*. Rio de Janeiro: Lombarts et Comp, 1885. Disponível em: <http://www.obrasraras.museunacional.ufrj.br/o/0040/0040.pdf>. Acesso em: 23 maio 2014. Os termos entre aspas se referem às palavras dessa carta.

sendo delicada a pronunciação sobre um monumento que ele não havia visto, a apocrifia da inscrição era certa e uma pesquisa a respeito de sua origem faria saber que ela era falsa[26].

Mesmo na ausência dos fenícios[27], Renan, desde então, tornou-se um pouco mais brasileiro. Em 2005, pesquisadores de Portugal, da França e do Brasil reuniram-se para um evento de nome sugestivo: *Ernest Renan et le Brésil: L'influence d'Ernest Renan sur le débat idéologique au Brésil fin 19e et début 20e*[28]. Nessa ocasião, Renan também fazia parte do grupo de pensadores franceses que influenciaram "profundamente" a "evolução das ideias no Brasil"[29]. Ao lado de Auguste Comte (1798-1857) e, novamente, de D. Pedro II, o "filósofo e historiador bretão" foi localizado em diversos embates que construíram o Brasil em fins do século XIX e início do XX. A evidência de sua *Vida de Jesus*, traduzida em 1864 para o português, enfatizou o confronto do governo brasileiro com o Vaticano. Se o debate entre Igreja e Estado no Brasil oitocentista parece estar intimamente relacionado às polêmicas renanianas, dessa vez, no entanto, com a transição Monarquia-República, duas palavras passaram a incomodar os intelectuais brasileiros: raça e nação. Assim, o erudito francês, até então, e quase que exclusivamente, um *Renan-Jesus* passa a ser também um *Renan-Nação*; sua conferência *Qu'est-ce qu'une nation?*, de 1882, entrou para o "debate apaixonado" dos intelectuais brasileiros que tentavam definir o que deveriam ser "a Nação e o povo

[26] Carta de Renan a D. Pedro II datada de 6 de setembro de 1873 e citada por BESOUCHET, 1973, op. cit. p. 341-342.

[27] Ainda na década de 1870, no Brasil, outro historiador se preocupou com problemas similares em torno do passado nacional e, especificamente, a respeito da origem dos "nossos selvagens", dos "índios brasileiros": Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878). Dessa vez, a origem desses povos "[...] estava lá, em algum lugar remoto do mundo antigo, possivelmente em companhia dos egípcios...". CEZAR, T. Varnhagen entre os antigos, os modernos e os "selvagens": estudo introdutório de "*A origem turaniana dos tupis e dos antigos egípcios*". In: GLEZER, R.; GUIMARÃES, L. M. P. (Orgs.). *Varnhagen no caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. p. 317-345. p. 326; VARNHAGEN, F. A. de. A origem turaniana dos americanos introdutório a tupis-caraíbas e dos antigos egípcios. Indicado pela filologia comparada: traços de uma antiga migração na América, invasão do Brasil pelos tupis etc. (1876). In: GLEZER, R.; GUIMARÃES, L. M. P. (Orgs.). *Varnhagen no caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013. p. 346-448.

[28] Evento que fez parte do ano do Brasil na França, realizado no dia 7 de outubro de 2005 e organizado pela *ERILAR – Équipe de recherches interdisciplinaires en langues romanes – UFR – Langues*, *Université de Rennes 2 – Haute Bretagne*.

[29] Baseio-me aqui, sobretudo, no texto inserido no *folder* do evento. Disponível em: <http://www.arara.fr/deplianrenan.pdf>. Acesso em: 06 mai 2014.

brasileiros"[30]. Nesse sentido, o interessante caso de Luiz Gama (1830-1882) pode tornar um pouco mais claro ao leitor as tensões em jogo nesse "Renan brasileiro".

Com a publicação d'*O espetáculo das raças*, de Lilia M. Schwarcz, ficou mais explícito aos historiadores brasileiros que, em um balanço das teorias raciais produzidas no século XIX e de suas ressignificações no Brasil, Renan se destacou em função do caráter representativo de sua teoria[31]. Assim, não é de se admirar que importantes atores do regime escravista abraçassem as ideias de Renan, mas o que dizer quando ele também fosse "abraçado" pelo movimento abolicionista? Ou melhor, como compreender que a obra renaniana possa ter fundado a "ética" de um "ex-escravo", "poeta, jornalista e advogado" que "encarnou a luta pelo fim da escravidão" no Brasil? Estas foram algumas das perguntas propostas por Ligia F. Ferreira para entender a leitura que Luiz Gama fez de Renan[32]. "Advogado dos escravos" e um dos primeiros a referir-se à *Vida de Jesus* renaniana, o Luiz Gama de Ligia Ferreira faz lembrar como as *influências* geralmente são marcadas por limites e aflições:

> [...] cumpre apontar os limites da influência de Renan sobre Luiz Gama, já que ele parece ignorar o Renan teórico das diferenças raciais cujas idéias fazem coro com o darwinismo social. Contando com o desaparecimento das raças inferiores no futuro, o autor de *Qu'est-ce qu'une nation?* sonhava com uma humanidade racialmente homogênea, para a aflição de seus seguidores brasileiros, convictos, na virada do Império para a República de que era preciso embranquecer o país a qualquer preço[33].

---

[30] Cf. GODET, Rita Olivieri. Ernest Renan et le projet nationaliste de Mário de Andrade. In: BAREL, Ana Beatriz Demarchi. (Org.). *Os nacionalismos na literatura do século XX*. Os indivíduos em face das nações. Coimbra: Minerva Coimbra, 2010, p. 147-160.

[31] SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças*: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Ao lado de Renan, Schwarcz aloca Le bon, Taine e Gobineau (p. 62-64).

[32] FERREIRA, Ligia Fonseca. Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan. *Estudos Avançados*, 21(60), 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142007000200021&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 jun. 2010. Esse artigo é uma versão ampliada da palestra que a autora proferiu durante a jornada de estudos que acabei de mencionar.

[33] Ibidem, p. 284-285.

Nos limites das aflições da história do cristianismo outras histórias do Brasil também encontraram morada. Ao reler as "paginas memoráveis" do "fim do Mundo Antigo"[34] nas quais Renan, "pelo galvanismo do seu belo estilo", fez ressurgir os "adoudados chefes de seita dos primeiros séculos", Euclides da Cunha (1866-1909) viu em Canudos algumas "aproximações históricas", ou melhor, ele notou a "revivescência integral de suas aberrações extintas"[35]. Ler Renan n'*Os sertões* significou ver nesse espaço brasileiro "um exemplo belíssimo da identidade dos estados evolutivos entre os povos", no qual o "retrogrado do sertão reproduz a fácies dos místicos do passado", deixando claro o quanto Canudos "está fora do nosso tempo"[36].

Foi esse mesmo Renan de *Marc-Aurèle* que se adiantou, ansiosamente, para sussurrar aos ouvidos brasileiros o quão *triste* seria o *fim de Policarpo Quaresma*[37]. Na epígrafe dessa obra de 1915, entre Policarpo e o Imperador Marco Aurélio estava o "grande inconveniente da vida real" e o que a tornava "insuportável ao homem superior", pois, quando se leva os "princípios do ideal" para tal vida, percebe-se que as qualidades se tornam defeitos e, muito frequentemente, o homem motivado pelo "egoísmo e pela rotina vulgar" obtém mais sucesso que o "homem íntegro"[38].

Depois de aproximadamente quarenta anos, em 1956, as *origens do cristianismo* renanianas ainda eram um local privilegiado de comparações e de autoridade para a história do Brasil e, especialmente, para a "história colonial paulista". *Na Capitania de São Vicente*, de Washington Luís (1869-1957), três foram os capítulos nos quais Renan foi citado: "Os

---

[34] Parte do título do sétimo e último volume da *histoire des origines du christianisme*: RENAN, E. *Marc-Aurèle et la fin du Monde Antique: le régne de Marc-Aurèle (161-180)*. Paris: Calmann-Lévy, 1882.

[35] CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: campanha de Canudos. 3ª ed. corrigida. Rio de Janeiro; São Paulo: Laemmert C., 1905. p. 169. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00451800>. Acesso em: 09 maio 2014. Veja também: ALVES, F. J. D'*Os sertões* como obra historiográfica. In: GUIMARÃES, M. L. S. (org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 185-191.

[36] CUNHA, op. cit., p. 170.

[37] BARRETO, Lima. *Triste fim de Polycarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Typ. "Revista dos Tribunaes", 1915. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00118100>. Acesso em: 20 mai. 2014.

[38] Ibidem. (Epígrafe); RENAN, E. *Marc-Aurèle et la fin du Monde Antique: le régne de Marc-Aurèle (161-180)*. Paris: Calmann-Lévy, 1882. p. 468.

jesuítas", "Os índios" e "O cruzamento e a escravidão"[39]. No primeiro, para comprovar que as missões jesuíticas no Brasil dos séculos XVI e XVII foram mais difíceis que em qualquer outra parte, Luís fez a comparação com as missões de São Paulo e de Barnabé, narradas por Renan em *Saint Paul*[40]. Diferente dessa dupla do primeiro século, aqui, os jesuítas "[...] não vieram mudar ou transformar uma crença para outra melhor; vieram criar crenças no espírito bruto de selvagens e no meio de selvagens"[41]. E, para dizer desses índios, nada melhor do que enquadrá-los em uma das "fases" das religiões ensinadas por Renan em sua *Vie de Jésus*; ou seja, nada melhor do que afirmar que os indígenas "[...] nem ainda tinham atingido a fase do fetichismo [...]"[42]. Tal maneira de caracterizar as diversas tribos indígenas, no entanto, é imprópria quando se trata da escravidão no Brasil, pois, segundo Washington Luís, em seu presente a escravidão era considerada um "sistema violento". Como lidar com tal problema? Talvez, somente o nome de Renan, dessa vez, não bastasse; foi preciso que ele viesse junto aos pressupostos do conceito moderno de história, ao lado do "corte" presente-passado para construir a possibilidade e a exigência de objetividade e neutralidade:

> É inútil, parece-me, fazer observar que, nas linhas que aí estão, procuro reunir elementos para a futura história da formação territorial do Brasil, e, por conseqüência, não faço obra de moralista. Isto quer dizer que narro, sem os aprovar ou censurar, os fatos que se desenvolveram para a constituição geográfica do país e para a civilização de seus habitantes. E fazendo esta observação repito conceitos expedidos por Ernest Renan, quando estuda *As Origens do Cristianismo*[43].

---

[39] LUÍS, Washington. *Na capitania de São Vicente*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. (Edições do Senado Federal; v. 24). "Os jesuítas" (p. 119-131), "Os índios" (p.143-154) e "O cruzamento e a escravidão" (p. 209-217). Para mais detalhes de como se escrevia a história no Brasil do início do século XX, especialmente no que tange aos referenciais franceses, veja: ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira*: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939). São Paulo: Editora Unesp, 2011. A respeito das contribuições de Washington Luís, veja: FERRETTI, Danilo J. Zioni. *A construção da paulistanidade*: identidade, historiografia e política em São Paulo (1856-1930). 2004. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

[40] Terceiro livro da *histoire des origines du christianisme*: RENAN, E. *Saint Paul: depuis le départ de Saint Paul pour sa première mission jusqu'a l'arrivée e Saint Paul a Rome (45-61)*. Paris: Michel lévy, 1869.

[41] LUÍS, op. cit., p. 121.

[42] Ibidem, p. 151. Luís explica que, segundo Renan, essa fase do fetichismo "[...] consiste na adoração de um objeto material no qual se supõem poderes sobrenaturais [...]".

[43] LUÍS, op. cit., p. 213. (Grifos do autor).

No Brasil, principalmente no decorrer do século XX, a forma como se deu esta "repetição de conceitos expedidos" pelo pesquisador d'*As Origens do Cristianismo* parece ter transformado, pouco a pouco, o *Renan-Jesus* em um *Renan-Nação*. Essa mudança não diz respeito apenas a um texto privilegiado nas citações brasileiras, ela também possibilita outro debate sobre o estatuto que esses escritos de Renan possuem aqui. A publicação da primeira tradução integral e brasileira da *Vida de Jesus* em 1996, pela Martin Claret[44], ajuda na exemplificação desse debate. No prefácio, os editores se admiravam com a inexistência, até ali, da tradução brasileira desse livro "clássico" e "de grande interesse dos leitores em geral", mas, simultaneamente, destacavam que havia uma tradução portuguesa do início do século XX[45], com diversas reedições e que circulou no Brasil. Com esses dados, qual seria a justificativa dessa tradução brasileira? Presente no prefácio e na quarta capa dessa edição, a resposta dos editores pode ser a seguinte: "*Vida de Jesus* é um livro polêmico e revolucionário: conta a verdadeira história desse Homem-Deus. Lê-lo é um dever religioso e cultural!"[46]. Se, por si só, esse convite do "verdadeiro" pode chamar a atenção, a maneira pela qual tal edição foi organizada acaba por negar essa verdade a-histórica, pois, após a última página do livro de Renan, outras mais de cem páginas de apêndices, com textos recentes, são necessários para que o leitor confirme a "magistral intuição do historiador francês"[47].

---

[44] RENAN, E. *Vida de Jesus (Origens do Cristianismo)*. Prefácio da edição brasileira por Martin Claret. São Paulo: Martin Claret, 1996.

[45] Por exemplo: RENAN, Ernesto. *Vida de Jesus: (Origens do Cristianismo)*. 4. ed. Tradução de Eduardo Augusto Salgado. Porto: Chardron, 1915. (História das origens do Cristianismo; v. 1).

[46] RENAN (1996), op. cit. (Quarta capa da impressão de 2004). Comprei essa edição no início de 2010 e, nessa época, ainda tentava desenvolver uma pesquisa a respeito do cristianismo; lembro-me de pensar que a partir dessa história verdadeira de Jesus poderiam surgir melhores ideias para meu futuro estudo. Somente com o decorrer da graduação em História pude perceber que, justamente por obter o estatuto de uma história verdadeira, esta obra poderia se tornar fonte para uma história das verdades da história, ou seja, para uma história da história. Durante o ano de 2011, sob orientação da Profª. Drª Karina Anhezini de Araujo, desenvolvi um projeto de iniciação Iniciação Científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) que se intitulou: A escrita da História de Ernest Renan na obra *"Vida de Jesus: (Origens do Cristianismo)"* (1845-1863).

[47] RENAN, (2004), op. cit., p. 13.

Diferente da *Vida de Jesus*, a "célebre conferência" *Qu'est-ce qu'une nation?* (1882) possui várias traduções brasileiras[48] e é constantemente citada em teses, dissertações e artigos que se dedicam, em seus mais variados recortes, à questão da Nação. Em grande parte desses trabalhos, talvez até na maioria, encarna-se nessa conferência o papel de texto incontornável para a discussão do que seria uma Nação, esquecendo-se que, no entanto, assim como a "própria Nação", o texto de Renan é uma produção que deve ser localizada no tempo, possui historicidade[49]. Se o Jesus renaninao não pode mais ser uma verdade natural(izada), muitas vezes, a resposta de Renan a "o que é uma nação?" ainda parece ser dotada da mesma *essência* de quando foi produzida[50]. Mas, afinal, o que torna essa conferência tão interessante ao nosso presente[51]? Certamente, algumas dicas de respostas podem ser encontradas nas notas introdutórias das traduções brasileiras já citadas. Para melhor encaminhar minha pergunta a respeito do interesse atual por esse e outros textos de Renan, algumas palavras desse historiador podem "inspirar": "faremos algo de delicado, quase uma vivissecção: trataremos os vivos tal como em geral se tratam os mortos. Para tanto usaremos da frieza, da imparcialidade mais absoluta"[52]. Mais uma vez: o que há de tão interessante nessas propostas de Renan? Seria a "sedutora" maneira de pensar a relação entre os "vivos" e os "mortos"?

---

[48] Facilmente encontradas na internet, indico as seguintes: RENAN, E. Que é uma nação? Tradução de Samuel Titan Jr. Plural; Sociologia, USP, 4, 1. Sem. 1997, p. 154-175. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/04/traducao_1_Plural_4.pdf>. Acesso em: 15 maio 2014; RENAN, Ernest. O que é uma nação? Tradução de Glaydson José da Silva. *Revista Aulas*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2010; RENAN, E. O que é uma nação? In: Carlos Manuel Ferreira da Cunha (ed.) *Escrever a nação*: literatura e nacionalidade (uma antologia). Carlos Cunha e Opera Omnia, 2011. p. 29-44. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/22435/1/Escrever%20a%20na%C3%A7%C3%A3o.pdf.pdf>. Acesso em: 15 maio 2014.

[49] Dentre os textos que rompem com uma maneira naturalizada e citam a conferência de Renan pensando em sua historicidade, destaco, em específico, apenas um (entre outros do mesmo autor) que certamente serviu de modelo para evitar futuras "repetições": GUIMARAES, M. L. L. S. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: Sandra Pesavento. (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003, p. 9-24.

[50] Em muitos estudos são escolhidas as frases de Renan mais afirmativas e que apontam para uma possível essência da Nação, como, por exemplo: "Ora, a essência de uma nação é que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido coisas". RENAN, (Revista Aulas), op. cit., p. 6.

[51] A última notícia que tenho de referências a Renan, em obras brasileiras, é a seguinte: MORENO, Jean Carlos. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, Cristina Carneiro; LUCA, Tania Regina de; GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Identidades brasileiras*: composições e recomposições. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 7-30.

[52] RENAN (1997), op. cit., p. 162.

Seria esse corte visceral entre o passado, o presente e o futuro? Seria a vontade de frieza e imparcialidade absolutas? Seria o desejo de encontrar uma essência do humano e de suas produções? Seria a pregação de um incontingente sofrimento humano? Creio e quero crer que responderemos a todas essas perguntas com um "não" mais irônico e criativo do que as próprias palavras de Renan. Creio e tento criar, portanto, (n)um espaço de diálogo no qual não se pense as produções tão humanas de maneira a-histórica e atemporal.

No sentido dessas crenças[53], descrições e criações de um "Renan brasileiro" entre meados do século XIX e início do século XXI, talvez, seja oportuno somar outros significados a esse nome a partir da "leitura" de um recente colóquio realizado em sua homenagem e em sua "nação".

1.2 - Na ausência do homenageado

Nos dias 11 e 12 de outubro de 2012, foi realizado no *Collège de France* um colóquio em homenagem a Renan. Para a surpresa de alguns, e mais pálido do que o usual, "ele estava lá" – ou, pelo menos, parte dele estava. Ao busto de Renan foi reservado um lugar de honra no palco do anfiteatro, à esquerda dos professores que se apresentaram sentados. Quando alguns palestrantes, contudo, proferiram suas falas em pé, ele fez questão de se colocar de soslaio aos pesquisadores. Com um semblante até sério demais para a ocasião, olhava para o lado oposto daqueles que o comemoravam, ficando a dúvida se ele estaria incomodado com as falas ou se, na verdade, preferiu apontar-lhes o ouvido direito, demonstrando uma concentração invejável. É possível também que essa postura ambígua seja consequência das datas ali comemoradas: o 150º aniversário de sua lição inaugural no *Collège de France* (1862), que resultou na sua expulsão da instituição, e o 120º aniversário de sua morte (1892).

[53] Dentre as leituras importantes na criação dessas crenças, e além das citadas até então, cabe destacar a seguinte: RORTY, Richard. *Contingência, Ironia e Solidariedade*. Lisboa: Presença, 1994.

De qualquer modo, é importante ressaltar que durante os dois dias de evento e em meio a vinte conferências, ele, em nenhum momento, saiu de seu lugar[54].

No presente tópico, tenho como propósito descrever algumas dessas conferências, procurando acentuar certas figurações de Renan e maneiras de estudá-lo construídas nessa homenagem. De modo geral, o "corpo de Renan" foi dividido em quatro partes nesse colóquio: no primeiro dia, a sua vida e as relações de suas obras com a história e a arqueologia tiveram destaque. No segundo, foi o momento de pensar as relações dele com a filosofia e a religião bem como as questões políticas e a posteridade desse indivíduo. Assim, antes do início do evento, foi possível imaginar a seguinte configuração de Renan: vida, história/arqueologia, filosofia/religião e política/posteridade.

Na conferência de abertura, o organizador do evento e professor da cátedra de história contemporânea do mundo árabe no *Collège de France*, Henry Laurens, deu o tom da importância de Renan, considerado a grande referência intelectual do século XIX, sucessor de Victor Hugo nessa posição[55]. A transformação de Renan em objeto de estudo, devido a essa importância e ao caráter "multifacetado" de sua vida e obra, para Laurens, implicava o trato com o cruzamento de várias disciplinas, como a história das ciências, da filosofia, da literatura, das sensibilidades e da história política. Estava aí o pressuposto fundamental desse colóquio que propôs o estudo das etapas da vida de Renan e o exame de sua obra científica e literária. Na apresentação geral feita por esse professor, um "contexto" e um fio condutor, de extrema importância para o presente trabalho, atravessaram toda a vida de Renan: o Orientalismo. De maneira instigante, Laurens conseguiu "ler" a vida de Renan considerando-o

[54] O programa e as conferências do *Colloque de rentrée du Collège de France: Hommage à Ernest Renan* estão disponíveis na seguinte página: <http://www.college-de-france.fr/site/colloque-2012/p1347353206910_content.htm#|q=../colloque-2012/symposium-2012-2013.htm|p=../colloque-2012/symposium-2012-2013.htm|>. Repito essa nota apenas para explicar aos leitores que, a partir daqui, quando citar algumas conferências específicas, destacarei apenas os autores e os títulos das apresentações já que a todas elas podem ser assistidas na página referida.

[55] LAURENS, Henry. Présentation générale de l'oeuvre de Renan.

como um orientalista, ou seja, teve participação notável e "brilhante" nessa instituição que autorizava discursos a respeito do Oriente[56].

Logo em seguida, Michel Zink, secretário perpétuo da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* – uma das instituições que, no século XIX, estava inserida nessa rede de interesses sobre o Oriente –, trouxe outros sentidos para a vida de Renan[57]. Seu objetivo foi o de colocar em paralelo duas obras renanianas, *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*[58] e *Vie de Jésus*. Por meio dessa comparação, que aliás, se repete em muitas pesquisas sobre Renan, nas quais o pressuposto é o de que a biografia desse *savant* do século XIX implicaria diretamente em seu pensamento[59], Zink percebe que Renan se apresenta como um "católico rigoroso" e, mesmo ao abandonar o seminário em 1845, a fé não teria parado de governar sua vida, tornando-o, no final das contas, um "eterno seminarista".

Tobie Zakia, o terceiro conferencista, trouxe algo a mais em sua bagagem que, talvez, enchesse de lágrimas saudosas os olhos do busto. Seu cargo no Fundo Nacional de Segurança Social no Líbano, possivelmente, não atraiu tanto a atenção quanto o fato de ele ser descendente da família que hospedou Renan durante sua missão na Fenícia, em 1860[60]. Trazendo cartas e imagens à sua apresentação, Zakia fez uma interessante incursão sobre as relações entre essas duas famílias que, com o tempo, possibilitariam novas ligações políticas entre a França e o Líbano.

Fechando essa primeira parte dedicada à vida de Renan e, provavelmente, "surpreendendo" o próprio busto, Céline Surprenant se dedicou a compreender o papel desempenhado por ele como administrador do *Collège de France*, de 1883 até a sua morte,

---

[56] Uma das referências incontornáveis para o tema é: SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
[57] ZINK, Michel. Souvenirs d'enfance et de jeunesse: l'éternel séminariste.
[58] RENAN, E. *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*. Paris, 1883.
[59] Posso citar o exemplo do trabalho de Keith Gore, no qual o autor se dedicou a acompanhar a evolução da ideia de progresso desde a infância até a velhice de Renan, concluindo, no fim, que a ideia renaniana de progresso teria evoluído mais por conta dos acontecimentos contemporâneos do que pelo pensamento de sua época. Cf. GORE, Keith. *L'idée de progrès dans la pensée de Renan.* Paris: A. G. Nizet, 1970; GORE, K. Un homme, deux dates: 1848, 1890. *Revue d'histoire littéraire de la France*. Ano 94, n. 1, p. 14-35. Jan./fev. 1994.
[60] ZAKIA, Tobie. Les Renan à Amschit.

em 1892[61]. Estudando os estatutos dessa instituição e as cartas de Renan, dentre outras fontes, a autora procurou determinar as concepções renanianas de ensino e de administração, apontando para a estreita ligação destas com a maneira pela qual ele compreendia a ciência. Em um dos exemplos oferecidos na apresentação, Surprenant lembra que, inclusive quando se tratava de modificações na arquitetura do prédio do *Collège*, a ideia de uma "marcha da ciência" precedia as decisões desse administrador.

Na segunda parte do colóquio, dedicada à história e à arqueologia em Renan, uma lista dos recursos utilizados por esse autor foi construída. Dominique Charpin[62], partindo da *Histoire générale des langues sémitiques*, publicada por Renan em 1855, disse da relevância desse autor, um "semitista", para a decifração de escritas cuneiformes e para a criação da assiriologia. Denis Knoepfler[63], ao ter como foco a *histoire des origines du christianisme*, empreendeu uma análise da importância que a epigrafia greco-latina tivera nesses livros. Também sobre a história do cristianismo, John Scheid, de uma maneira no mínimo curiosa, mas, não inédita, denotou as fontes romanas aí utilizadas, argumentando que Renan desconhecia a natureza da religião romana e o modo de pensar dos romanos[64].

Outros dois recursos foram apresentados nesse momento do colóquio: a exegese histórico-crítica e a viagem. Thomas Römer[65], com o intuito de expor a análise científica da bíblia desenvolvida por Renan, realizou um estudo de como esse autor transmitiu à França os métodos praticados nos países germânicos. Ao fazer um pertinente histórico do nascimento da exegese histórico-crítica desde o século XVII, Römer pôde relacionar a obra renaniana a diversos nomes como, por exemplo, Ferdinand Christian Baur (1792-1860), David Friedrich Strauss (1808-1874) e Heinrich Ewald (1803-1875). A respeito de Ewald, especificamente,

[61] SURPRENANT, Céline. Renan, Administrateur du Collège de France.
[62] CHARPIN, Dominique. Renan, un sémitisant au berceau de l'assyriologie
[63] KNOEPFLER, Denis. Le recours à l'épigraphie dans l'Histoire des origines du christianisme: un souci de renouvellement ou une coquetterie d'érudit?
[64] SCHEID, John. Renan, l'empire et la religion des Romains.
[65] RÖMER, Thomas. Renan et l'exégèse historico-critique de la Bible.

que, assim como Renan, escreveu uma história do povo de Israel, o autor considera que uma visão religiosa e positivista, sob a influência de Hegel, esteve presente nestas histórias[66]. Mesmo com essa estranha associação de palavras, não há como negar a relevância do exercício de Römer que, ao historicizar os métodos de exegese bíblica, concluiu que Renan possui o maior papel na renovação dos estudos bíblicos na França, utilizando-se de ferramentas científicas, ele fora, ao mesmo tempo, um teólogo que estudou a bíblia com uma convicção profunda a respeito da mensagem que ela poderia oferecer.

Com a conferência de Corinne Bonnet, houve a problematização da Missão realizada por Renan na Fenícia, entre 1860 e 1861[67]. Articulando à sua leitura nomes como Lévy-Strauss, Michel Foucault, Paul Ricoeur e François Hartog, Bonnet analisou, principalmente, a publicação resultante da missão renaniana: a *Mission de Phénicie* (1864). Por meio desse estudo, a autora pôde concluir que tal publicação significou, em certa medida, o ato de nascimento da arqueologia e da epigrafia da Fenícia, possibilitando que Renan fundasse sua autoridade científica a partir de uma relação empática com seu objeto de estudo.

O segundo dia de evento se iniciou com apresentações que trataram da filosofia e da religião em Renan. Claudine Tiercelin[68] e Jacques Bouveresse[69] refletiram a respeito dos significados de filosofia, razão, ciência e religião em diversas obras de Renan, realçando, muitas vezes, os pontos de contato e as contradições entre tais noções. As duas conferências seguintes trouxeram um interessante contraponto ao pensarem nos estudos que Renan realizou a respeito da filosofia e da religião orientais[70].

---

[66] É um debate recorrente nos estudos a respeito de Renan a tentativa de defini-lo e de definir as suas referências filosóficas, surgindo, por meio desses trabalhos, caracterizações como "eclético", "positivista-romântico", "espiritualista", "fluidez filosófica renaniana", "ceticismo propedêutico renaniano", etc. Cf. GAULMIER, Jean. "Tout est fécond, excepté le bon sens". Sur le positivisme de Renan. *Romantisme*, n. 21-22, p. 5-20, 1978; SÉGINGER, Gisèle. Renan à la recherche d'un Surdieu. *Romantisme*, n. 91, p. 67-77, 1996.

[67] BONNET, Corinne. "Cette mission qui m'a mis durant une année dans le contact le plus intime avec l'Antiquité": Ernest Renan et la "découverte" de la Phénicie.

[68] TIERCELIN, Claudine. La raison selon Renan.

[69] BOUVERESSE, Jacques. La science, la métaphysique, la religion et la question de leur avenir.

[70] Respectivamente: LIBERA, Alain de. Renan et l'averroïsme; e, ROBERT, Jean-Noël. Renan et le bouddhisme.

A quarta e última parte do evento também começou com o tema das religiões. Perrine Nahum[71], autora de vários textos a respeito de Renan[72], dedicou-se, nessa ocasião, à contribuição política e intelectual de Renan na passagem de uma ciência das religiões para uma história das religiões e a função dessa história na emergência e no desenvolvimento das ciências humanas na França. Para além do lugar ocupado por Renan na tradução da filologia e da exegese alemãs, sua obra marcaria a transformação da ciência em história das religiões, encontrando nas figuras de Salomon Reinach e Georges Dumézil seus "herdeiros distantes". Em seguida, Jean Balcou[73], já conhecido por suas pesquisas nas correspondências e memórias renanianas[74], "voltou" ao século XIX para analisar a maneira como o Papa Pio IX viu Renan. Com esse objetivo, Balcou pôde refletir a respeito das tensões entre esses dois personagens, entre o "dogmático do infalível" e o "pesquisador da verdade".

No fechamento do evento, pelo menos mais duas "faces" foram problematizadas em um Renan, de agora em diante, "político": a de "deus da Terceira República" e a de "pai fundador da República". A primeira dessas "faces" foi apresentada por Antoine Compagnon[75]. Retomando o papel de destaque renaniano no final do século XIX, o autor construiu um processo de conversão no qual Renan passaria de um monarquista constitucional a um deus da República[76].

---

[71] NAHUM, Perrine. Renan passeur: de la science des religions à l'histoire des religions.

[72] Textos nos quais a autora defende a tese de que a linguagem seria central em uma teoria do conhecimento formulada por Renan e a partir da qual o restante de suas obras deveria ser pensado. Cf. SIMON-NAHUM, Perrine. Renan et l'histore des langues sémitiques. *Histoire Épistémologie Langage*. Tome 23, fascicule 2, 2001. p. 59-75. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hel_0750-8069_2001_num_23_2_2833>; SIMON-NAHUM, Perrine. Ernest Renan, Histoire du christianisme et histoire des religions. In: HILAIRE, Yves-Marie (éd.). *De Renan à Marrou. L'histoire du christianisme et le progrès de la méthode historique (1863-1968)*. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaire du Septentrion, 1999.

[73] BALCOU, Jean. Pie IX vu par Renan.

[74] Veja algumas das produções desse pesquisador em: <http://www.univ-brest.fr/crbc/menu/Lab-members/Enseignants-chercheurs_ou_chercheurs_associes/Jean_Balcou>. Acesso em: 20 ago. 2014.

[75] COMPAGNON, Antoine. Le dieu de la Troisième République.

[76] Veja também narrativa de Michel Winock a respeito de como Renan e Hippolyte Taine (1828-1893) repensaram a França diante da guerra franco-prussiana: WINOCK, M. Taine e Renan repensam a França. In: WINOCK, M. *As vozes da liberdade*: os escritores engajados do século XIX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 668-686.

Por último, Pierre Rosanvallon[77], também atentando para as recepções das posturas e reflexões políticas de Renan, fazia um interessante pedido aos presentes: era importante situar Renan em seu tempo. Segundo Rosanvallon, tal procedimento era necessário para que mais complexidade fosse inserida nas apreciações a respeito desse *savant* do oitocentos. Para o autor, esse pedido abrigava inclusive textos tão famosos como o "o que é uma nação?", tornando, assim, possível a compreensão das ambiguidades renanianas.

Político, póstero, religioso, filósofo, arqueólogo, historiador e vivo: partes de um corpo preparado para o co(r)tejo. Encerrou-se, desse modo, esse colóquio que, do ambíguo ao multifacetado e, na ausência do homenageado, parece não ter poupado esforços para a criação de inúmeros bustos ou, ao menos, de várias faces de Renan, redefinindo herdeiros, redistribuindo sua herança e metamorfoseando o memorável em presente.

1.3 - Bufão e mestre da história, entre outros convidados

Após caminharmos por duas coleções de descrições e figurações, gostaria de convidá-los para um breve coquetel de despedida momentânea. Nele, estarão presentes alguns autores que, dificilmente, se ausentam ou se ausentaram das bibliotecas dos historiadores. Trata-se, portanto, de um coquetel de certos momentos, autores e obras importantes para as tensões e mudanças na historiografia ocidental nos quais Renan foi ora mencionado, ora criticado, ora preconizado.

Os organizadores desse *rendez-vous*, um pouco distraídos, trocaram os endereços e enviaram um dos convites a um senhor veementemente crítico aos critérios e sentidos construídos pela história moderna: Friedrich Nietzsche (1844-1900), e, para ajudar na situação, ainda reservaram um lugar para ele logo na recepção. A obra *O Anticristo* (1888)

[77] ROSANVALLON, Pierre. Renan, père fondateur de la République?

simboliza uma das alusões mais famosas de Nietzsche a Renan[78]. Referindo-se às "origens do cristianismo" renanianas, o filósofo alemão criticou, principalmente, os conceitos utilizados por Renan ao definir Jesus como "gênio" e "herói". Interessado no tipo psicológico do Salvador, Nietzsche considerou tais noções extremamente inadequadas no tratamento dos evangelhos; grosseiros erros de Renan, um "bufão *in psychologicis*"[79]. A consideração a essa obra específica de Renan, no entanto, talvez nem se compare a maneira que ele poderia ter sido caracterizado, quando, três anos antes, em 1885, Nietzsche o localizou no "espírito historiador" do século XIX:

> Defendemo-nos ainda, afinal de contas, contra a psicologia do tipo daquela de Sainte-Beuve e de Renan, contra esta maneira de espionar e de farejar as almas praticada por estes gozadores afeminados do espírito e desprovidos de espinha dorsal: nos parece indecente vê-los apalpar com os seus dedos curiosos os segredos dos homens e das épocas que foram sob todos os pontos de vista mais elevados, mais severos, mais profundos e mais nobres do que eles; pois estas épocas não teriam facilmente aberto as suas portas a qualquer vagabundo do sexo ambíguo. Mas este século XIX, que perdeu qualquer sentido mais delicado da hierarquia, não sabe mais bater nos dedos dos intrusos, dos indesejáveis, dos assaltantes; pelo contrário, ele fica orgulhoso com o seu "espírito historiador", graças ao qual é permitido ao plebeu esforçado, contanto que carregue os seus instrumentos de tortura e as suas folhas de pesquisa, introduzir-se na sociedade por mais fechada que seja, entre os santos da consciência moral e também entre os mestres eternamente velados do espírito[80].

Pouco tempo depois desse "estranhamento" e, dois anos após a morte de Renan, em 1894, a obra intitulada *Les maîtres de l'histoire:* Renan, Taine, Michelet[81], de Gabriel Monod (1844-1912), procurou consolidar a concepção da história como ciência, proposta já em 1876,

---

[78] Veja, por exemplo: SHAPIRO, Gary. Nietzsche Contra Renan. *History and Theory*, Vol. 21, No. 2 (May, 1982), p. 193-222; SANTANIELLO, Weaver. Nietzsche's Hierarchy of Gods in the Anti-Christ. *Journal of Nietzsche Studies*, N. 19, Special Issue: Nietzsche and Religion (SPRING 2000), p. 89-102; CHAVES, E., SENA, A. D. S. Nem gênio nem herói: Nietzsche, Renan e a figura de Jesus. *Revista Filosofia, Aurora*, Curitiba, v. 20, n. 27, p. 321-336, jul./dez. 2008.

[79] Cf. BITTENCOURT, Renato Nunes. Nietzsche e a questão da vivência crística na psicologia do redentor d'o anticristo. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 9/10, p. 821-839, set./out., 2009.

[80] NIETZSCHE, F. A História no contexto das "ideias modernas". In: NIETZSCHE, F. *Escritos sobre a história*. Apresentação, tradução e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005. p. 341-342.

[81] MONOD, Gabriel. *Les maîtres de l'histoire*: Renan, Taine, Michelet. Paris: C. Levy, 1894.

com a fundação da *Revue Historique*[82]. Segundo Monod, estudar os três mestres ajudava a resumir o que havia de essencial na obra histórica do Oitocentos, possuidora de três objetivos fundamentais: primeiro, o de criticar as tradições, os documentos e os fatos; segundo, o de desprender a filosofia das ações humanas, descobrindo as leis científicas que as regem e, terceiro, o de devolver a vida ao passado. Ficava claro, desse modo, como cada mestre se encaixava nessas funções. Michelet era o "historiador Ezequiel", o historiador criador, aquele que por meio do sopro da escrita ressuscitava os mortos. Taine, o "historiador filósofo", com uma voz grave descobria as leis das ações humanas. Renan era o "historiador crítico". Um grande criador e pintor, seu poder estava na determinação dos verdadeiros caracteres e condições da crítica histórica. Ele demonstrava as regras positivas do ofício, sem esquecer a parte de subjetivismo, de tato, de adivinhação e de arte contidas na crítica historiadora. Quando muitos homens tinham a necessidade de certeza, Renan recomendou a dúvida como dever. Ele não tinha medo de tentar reconstituir a história por meio da imaginação, pois ele sabia que o homem tinha a necessidade de imaginar e de crer, ele compreendia que nessa imaginação e nessa crença continha uma verdade provisória e parcial. Artista incomparável e erudito de primeira ordem, segundo Monod, Renan quase se igualou a Michelet pela imaginação e se aproximou de Taine pela busca da verdade científica. Com a imaginação controlada e com a ciência problematizada, Renan foi, de acordo com Monod, o mestre que determinou e desembaraçou as condições e os limites do conhecimento histórico.

[82] Renan participou da comissão da *Revue Historique*. Cf. CARBONELL, Charles-Olivier. O século da história. In: _____. *Historiografia*. Tradução de Pedro Jordão. Lisboa: Teorema, [1992?]. p. 91-110; CARBONELL, Charles-Olivier. L'histoire dite « positiviste » en France. *Romantisme*, 1978, n. 21-22. Les positivismes. p. 173-185; DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012; MALATIAN, T. Gabriel Monod. In: MALERBA, J. (Org.). *Lições de história*: o caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 323-352; REIS, José Carlos. A História metódica, dita "positivista". In:_____. *A História entre a Filosofia e a Ciência*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 15-32.

Diferente desse "sejam todos bem-vindos" de Monod, na obra *Introduction aux études historiques*[83], Langlois e Seignobos colocaram um aviso logo na entrada, para os possíveis intrusos, que dizia basicamente o seguinte: aqueles que pensam a história a partir de abstrações e procuram leis, acreditando assim torná-la uma ciência, por favor, retirem-se do recinto. Muito próximo do Renan construído por Monod, os autores dessa obra de metodologia histórica apenas gostariam de examinar as condições, os procedimentos, o caráter e os limites do conhecimento histórico. Com esses intuitos, Renan foi convidado em diversos momentos do livro para comprovar que, realmente, sem documentos originais e autênticos, sem inventários das bibliotecas, sem as viagens coletoras, sem financiamento estatal e sem a classificação das fontes, não se podia escrever história. Para os autores, o ano 1848 representava o marco inicial da reflexão a respeito dos métodos das ciências históricas e, desde então, Renan disse as coisas mais "justas e fortes" sobre as "ciências históricas".

Tudo parecia mais calmo, quando, de repente, em meados do século XX, os presentes nessa confraternização ficaram um pouco apreensivos com a chegada de dois membros de um novo grupo: Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956)[84]. Na *Apologia da*

---

[83] LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. *Introduction aux études historiques*. Librairie Hachette, Paris, 1898. Cabe salientar que esse livro de Charles-Victor Langlois (1863-1929) e de Charles Seignobos (1854-1942) foi reeditado, em francês, alguns anos antes de seu centenário (1992) com um prefácio de Madeleine Rebérioux e, sua primeira tradução para o português no Brasil foi realizada em 1944. Cf. LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. *Introduction aux études historiques*. Préface de Madeleine Rebérioux. Éditions Kimé: Paris, 1992; LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. *Introdução aos estudos históricos*. Tradução de Laerte de Almeida Morais. São Paulo: Renascença, 1946; ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira*: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939). São Paulo: Editora Unesp, 2011; BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. A escola metódica. In: As escolas históricas. Portugal: Publicações Europa-América, 1983; PONS, Anaclet; SERNA, Justo. Apologia de la história metódica. *Pasajes*. Revista de pensamiento contemporáneo, Valência, Espanha, nº. 16, p. 128-136, invierno de 2005.

[84] Como se sabe, é tamanha a bibliografia a respeito dos *Annales*, que indico aqui apenas alguns dos textos que fizeram parte de minha formação: DOSSE, François. *A história em migalhas: dos annales à nova história*. Tradução: Dulce A. Silva Ramos. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da UNICAMP, 1992; DOSSE, François. *A história à prova do tempo*: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Editora UNESP, 2001; BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia*: a Escola dos *Annales* 1929-1989. Tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991; DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012; RIBEIRO, G. A originalidade historiográfica de *La méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* e a concepção braudeliana de história. *História da historiografia*, n. 04, mar., 2010, p. 125-144.

História[85], duas das principais críticas de Bloch à forma como se escrevia a história determinaram novos lugares de destaque para Renan. A primeira crítica situou Renan no problema do "determinismo geográfico", pois, segundo Bloch: "o deserto, seja lá o que diga Renan, não é necessariamente 'monoteísta', porque nem todos os povos que o habitam carregam a mesma alma a seus espetáculos"[86]. A segunda crítica deslocou Renan, de ídolo da "tribo dos historiadores", ele passou a ser um dos membros da "tribo dos historiadores" que idolatravam as "origens": "foi Renan, acho, quem escreveu um dia (cito de memória; portanto, receio, inexatamente): 'Em todas as coisas humanas, as origens em primeiro lugar são dignas de estudo'"[87].

Febvre, pela ocasião do aparecimento dos primeiros tomos das obras completas de Renan[88], publicou algumas resenhas na Revista dos *Annales*, entre 1949 e 1952. Na primeira, marcando um reencontro com Renan[89], Febvre tinha medo de que seus contemporâneos não mantivessem "comércio" com Renan. E, para que isso ficasse claro, citou um dos textos renanianos, de 1868, no qual este explicou que mesmo o conhecimento do presente sendo menos instrutivo que o do passado, o presente também era uma das faces da realidade e merecia ser estudado. A conclusão de Febvre foi a seguinte: "a feliz fórmula! E é uma pena que a capa dos *Annales* não comporte epígrafe! Nunca exprimimos tão bem nosso pensamento [...]"[90].

Por isso, de acordo com Febvre, era preciso "ler e reler Renan". Ele foi um dos "pensadores mais originais deste magnífico século XIX" cujas riquezas ainda não tinham sido esgotadas. "Ler e reler Renan", não apenas sua conferência sobre a nação, nunca relida suficientemente, mas também tantos outros "admiráveis textos", "alimentos válidos para

---

[85] BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zarah Editor, 2002.
[86] Ibidem, 158.
[87] BLOCH, Marc. *Apologia da História*: ou oficio de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zarah Editor, 2002. p. 56.
[88] PSICHARI, Henriette (ed.). *Oeuvres complètes de Ernest Renan*. Paris: Callmann-Lévy, 1947-1961. (10 v.).
[89] FEBVRE, L. Renan retrouvé. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 4e année, N. 2, 1949. p. 200-203.
[90] Ibidem, p. 201. No texto original: "L'heureuse formule! Et quel dommage que la couverture des *Annales* ne comporte pas d'épigraphe! Jamais nous n'avons si bien exprimé notre pensée [...]".

todos os tempos"[91]. O prazer dessa releitura, contudo, devia ser um prazer de historiador, sabendo que muitas das coisas ditas por esse autor de "verdadeira grandeza" não eram mais válidas para o conhecimento, tornando-se, enfim, documento de sua época[92]. De qualquer modo, como "receita" Febvre, ignorar a "arte de Renan", assimilando-o ou não, poderia resultar, simultaneamente, na perda de inteligência e de intuição[93].

Parece que as acaloradas recomendações de Febvre surtiram efeito e muitos outros se juntaram ao grupo. Nas décadas de 1980 e 1990, Benedict Anderson[94] e Eric Hobsbawm (1917-2012)[95] tomaram a "célebre conferência" de Renan como inspiração e como documento para suas reflexões. Hobsbawm, especialmente, caracterizando Renan como um "observador sofisticado", iniciou seu livro indicando o texto renaniano aos seus leitores. Ora, esses dois autores não são duas de nossas principais referências para pensar, inclusive, a "nação brasileira"? E assim, o coquetel atravessava a noite...

Enfim, pode-se perguntar: quem foi Renan? Historiador, filólogo, filósofo, arqueólogo, erudito, epigrafista, teólogo, cientista, seminarista, exegeta, religioso, positivista, polemista, hegeliano, racista, orientalista, semitista, anti-semita, conservador, liberal, monarquista, republicano, ambíguo, multifacetado, heterodoxo, criador, crítico, bufão, busto, mestre, pesquisador da verdade, grande artista, original, deus e pai da Terceira República, sujeito-Jesus-Nação, amigo de D. Pedro II. Respondida a questão? Certamente não. O que seriam, então, todos esses termos, palavras, adjetivos, metáforas e expressões? Sorrisos ausentes em um busto, "ele mesmo" ausência, construído, criado, inventado, fabricado, esculpido, tecido, escrito e inscrito no tempo e na história, escritor e inventor de histórias e

[91] FEBVRE (1949), op. cit.
[92] FEBVRE, L. Ernest Renan, OEuvres complètes. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 5e année, N. 4, 1950. p. 523.
[93] FEBVRE, L. Ernest Rénan, OEuvres complètes. Annales. Économies, Sociétés, Civilisations. 7e année, N. 3, 1952. p. 391-392.
[94] ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989; ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
[95] HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Tradução de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

tempos. Mesmo com tantos sorrisos, no entanto, Renan, possivelmente, questionar-nos-ia: "estaríamos assim, certos de ter [restaurado], traço por traço, a estátua [...]"?[96]. Na torcida pelo curioso sorriso das leitoras e leitores e, partindo dessa questão historiadora que tanto estimulou Renan e muitos outros a participar da "grande obra do século XIX", continuarei a inventar alguns sorrisos.

[96] RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863. p. LVI. No texto original: "Serait-on sûr alors d'avoir, trait pour trait, la statue [...]?".

CAPÍTULO 2
A "GRANDE OBRA" DO SÉCULO XIX: UMA "HISTÓRIA CRÍTICA DO ESPÍRITO HUMANO"

Foi então que, durante a construção, um dos "missionários" se angustiou: "não sei se terei vida e forças suficientes para perfazer um plano tão vasto"[97]. Lidar com um passado que se tornava mais "vasto", lidar com a própria finitude e com a finitude do "outro", com um futuro cada vez mais "obscuro" e imprevisível. No século XIX, estas foram apenas algumas das tarefas requisitadas para uma "edificação" na qual os historiadores puderam ser, ao mesmo tempo, arquitetos e obreiros.

O presente capítulo trata das condições de possibilidade, das formas de emergir desse "edifício", também conhecido como história. Para tanto, foram eleitos alguns textos de Renan como privilegiados para interpretar essa "grande obra" do século XIX, a "história crítica ou filosófica do espírito humano". No percurso desses textos, as religiões foram historiadas e a própria história se tornou uma "coisa religiosa"; a história foi concebida como ciência, e as próprias ciências possuíam histórias. Antes de tudo isso, porém, havia o futuro de uma ciência que passou e que "descobria" passados.

2.1 - Aqui, ali e apesar de 1848: o futuro de uma ciência que passou

> As ciências históricas e suas auxiliares, as ciências filológicas, fizeram imensas conquistas desde que eu as abracei com tanto amor, há quarenta anos. Mas vemos o seu fim. Em um século, a humanidade saberá mais ou menos o que ela pode saber sobre seu passado, e, então, será hora de parar, pois é próprio desses estudos, assim que atingem a sua relativa perfeição, começarem a se demolir[98].

---

[97] RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863. p. V. No texto original: "Je ne sais si j'aurai assez de vie et de force pour remplir un plan aussi vaste".

[98] RENAN, E. *L'avenir de la Science: Pensées de 1848*. Paris: Calmann Lévy Éditeur, 1890. p. XIV. No texto original: "Les sciences historiques et leurs auxiliaires, les sciences philologiques, ont fait d'immenses conquêtes depuis que je les embrassai avec tant d'amour, il y a quarante ans. Mais on en voit le bout. Dans un siècle, l'humanité saura à peu près ce qu'elle peut savoir sur son passé; et alors il sera temps de s'arrêter; car le propre de ces études est, aussitôt qu'elles ont atteint leur perfection relative, de commencer à se démolir".

No final do século XIX, por volta do ano de 1890, Renan escrevia essas palavras que talvez ainda "abracem" provocando mal-estar em escritores que se dedicam, "com tanto amor", à história no século XXI. Diante dessa possibilidade, iniciarei este capítulo tratando da obra *L'avenir de la science* (1890).

Fica a cargo do título indicar que se trata de um livro a respeito do futuro. Sua publicação em 1890, todavia, acaba por inserir, quase que obrigatoriamente, um subtítulo que desloca esse futuro para o passado de meados do século XIX: são "*pensées de 1848*". Entretanto, limitar-se a um "futuro do passado" talvez não bastasse; era preciso um "início", uma "gênese", o Gênesis: "'esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne [...]'"[99]. As palavras de Adão, em latim, serviram de epígrafe para esse livro que anunciava a "ciência" como objeto. A escolha de Renan provavelmente não foi guiada pelo acaso, pois, quando se volta um pouco na narrativa bíblica, antes da criação da mulher exclamada pelo "primeiro homem", encontra-se Deus proibindo que se comesse da "árvore do conhecimento do bem e do mal".

A partir dessa leitura da folha de rosto da obra, portanto, pode-se dizer que se trata de um livro escrito (e/ou também "pensado") em 1848, publicado em 1890, e que indica um futuro para a ciência, sem desconsiderar a "Criação". Aqui, nesse capítulo, dentre as mais de quinhentas páginas de *L'avenir de la Science*, serão privilegiadas as que abrem este livro, ou seja, um prefácio e uma dedicatória – dispostos, aliás, nesta ordem. Um prefácio que, mesmo sem datação, buscou textualizar toda a carreira de um conhecido *savant* do século XIX: Renan, que ao se colocar como o "eu" da escrita, retocou constantemente nesse texto sua posição entre um "há quarenta anos" e um "durante o curto tempo que me resta para viver". A

[99] BÍBLIA, V. T. Gênesis. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução: Joaquim de Arruda Zamith. São Paulo: Paulus, 2008. Cap. 2, vers. 23.

dedicatória, por sua vez, foi dirigida ao seu antigo professor no *Collège de France*, Eugène Burnouf[100], e se localizava em outro espaço-temporal: "Paris, março de 1849".

Desse modo, parece-me significativo tentar compreender esse "encontro" entre dois textos que têm apenas o mesmo nome assinado, mas seus autores guardam escolhas diferentes. Ou então, melhor dizendo, considero esse "desencontro" para interpretar a concepção de história e as relações entre passado, presente e futuro construídas em tais escritos[101]. Creio que seja fundamental, portanto, para a tessitura do presente texto, outra escrita, a "escrita de si". A multiplicação do "eu" no prefácio de *L'avenir de la Science* torna central o desejo de narrar a própria vida. E este "eu" ainda pôde se relacionar intimamente com certos "ele" ou "ela", a história. A citação que abre o presente capítulo traz essa sensação de um "adeus" à "amada": com o provável e presente fim de "minha vida", "posso" até dizer da futura morte das "ciências históricas". Para tornar mais clara essa problemática[102], algumas questões são úteis. Como Renan se inventa nesse prefácio que quase "diz": "eis minha vida e minha obra"? Qual a coerência produzida pela disposição e articulação do prefácio e da dedicatória que, separados por "quarenta anos", parecem delimitar os marcos de uma vida[103]?

---

[100] Eugène Burnouf (1801-1852) foi um dos grandes nomes do "orientalismo" no século XIX, estudioso do sânscrito e do budismo. Membro da *Société Asiatique* e da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, foi também professor de língua e literatura sânscrita no *Collège de France* (1833-1852). Cf. SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; SIMON-NAHUM, Perrine. Renan et l'histore des langues sémitiques. *Histoire Épistémologie Langage*. Tome 23, fascicule 2, 2001. p. 59-75. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hel_0750-8069_2001_num_23_2_2833>. Acesso em: 15 ago. 2011; DATE-TEDO, Kiyonobu. *L'histoire religieuse au miroir de la morale laïque au XIXe siècle en France*. 2006-2007. École Doctorale "Sciences de l'Homme et de la Société", Université Charles-de-Gaulle – Lille 3, Paris. Disponível em: <http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/31/09/53/PDF/Kiyonobu_Date.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2011.

[101] HARTOG, François. *Regimes de historicidade:* presentismo e experiências do tempo. Tradução: Andréa Souza de Menezes et al. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

[102] Dentre as leituras que foram importantes para a construção desse questionamento, destaco os seguintes textos: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Alpiarça: Vega, 2000; GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. RJ: Editora FGV, 2004; ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991.

[103] Importante salientar que, ainda durante a vida de Renan, foram publicadas diversas obras (de sua autoria ou não) que podem ser inseridas no gênero da "escrita de si". Apenas de caráter exemplificativo, duas delas foram: RENAN, E. *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*. Paris, 1883; BAZOUGE, F; DE CARFORT, A. *Biographie de Ernest Renan*. Paris: Charles Douniol, Libraire-Éditeur, 1864. Após a sua morte, pode-se dizer que este interesse não diminuiu, biografias e cartas de Renan foram e são constantemente publicadas: RENAN, E.; BALCOU, J

"Aqui", por volta de 1890, o prefácio se iniciava com a "impressão extremamente viva" que o ano de 1848 causou sobre Renan ("*sur moi*"). Até aquele momento, ele nunca havia refletido a respeito dos problemas socialistas, que "saíram da terra" e assustaram o mundo. Mesmo assim, eles "apoderaram-se" de seu espírito e tornaram-se parte integrante de sua filosofia. Até o mês de maio, no entanto, ele mal tivera tempo para "ouvir os ruídos externos". Uma memória que respondia à questão da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* a respeito do estudo do grego na Idade Média tinha absorvido todos os seus pensamentos. Depois, em setembro, Renan passou por seu concurso de "*agrégation*" de filosofia, e, "perto do mês de outubro, eu me encontrei frente a mim mesmo"[104]. "Sentia" a necessidade de "resumir a nova fé" que lhe substituíra o "catolicismo arruinado". Assim, os dois últimos meses de 1848 e os quatro ou cinco primeiros meses de 1849 foram tomados por essa empreitada. Sua "ingênua quimera de principiante" era de publicar esse grande volume imediatamente (*sur-le-champ*): "era de minha parte uma grande presunção"[105].

Renan ainda escrevia seu *L'avenir de la science* quando Victor Le Clerc teve a ideia de encarregá-lo, junto ao amigo Charles Daremberg, de diversas comissões nas bibliotecas da Itália. Mesmo que esta viagem de oito meses tivesse em vista a "*Histoire littéraire de la France*" e uma tese que Renan havia começado a respeito do Averroísmo, sua "maior influência" estaria noutro "lado". O "lado da arte", "quase fechado" em seu espírito, apareceu nessa ocasião "radiante e consolador". Como uma "fada encantada", como um hino da Igreja, "uma espécie de vento morno descontraiu meu rigor"[106]. Quase todas as "ilusões de 1848"

(Dir.). *Correspondance générale*. Paris: Lib. Honoré Champion, 1995 (T. 1); 1998 (T. 2); 2008 (T. 3); WARDMAN, H. W. *Ernest Renan:*a critical biography. Londres: University of London, Athlone Press, 1964. Por fim, não se pode esquecer do destaque que as relações entre Renan e sua irmã, Henriette Renan, receberam na *História da vida Privada*, especialmente quando o que está em questão são as figuras do pai e dos irmãos e irmãs: PERROT, M. [et al]. *História da vida Privada*, *4*: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução: Denise Bottman, partes 1e 2, Bernardo Joffily, partes 3 e 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

[104] RENAN, (1890), op. cit. p. II. No texto original: "Vers le mois d'octobre, je me trouvai en face de moi-même".

[105] Ibidem. p. II. No texto original: "C'était là de ma part une grande présomption". Ibidem. p. I-II.

[106] Ibidem. p. II. No texto original: "Une sorte de vent tiède détendit ma rigueur".

caíram e ele viu as "fatais necessidades da sociedade humana"[107]. Nas suas criações, ele se resignou a extrair pouco "aroma" de um enorme resíduo de "matéria estragada". Reconciliado com a "realidade" e retornando da viagem, seu livro lhe pareceu "ríspido", "dogmático", "sectário" e "duro"; um "fardo" do "primeiro estado" de seu pensamento, no qual suas ideias eram inteiras demais para a conversa, e bem menos para uma redação seguida. A Alemanha, desde alguns anos sua "*maîtresse*", fizera Renan "à sua imagem" em um gênero no qual ela não triunfava: o de "fazer livros"[108]. Só restava a ele, ainda "jovem", sentir que o público francês consideraria tudo isso uma "insuportável inabilidade"[109].

Para que não restassem dúvidas, amigos foram consultados; principalmente, Augustin Thierry, que tinha para Renan "as bondades de um pai". "Este homem excelente" o dissuadiu de fazer sua entrada no mundo literário com tal obra. Thierry previa um completo fracasso junto ao público e aconselhou Renan a dar artigos de assuntos variados à *Revue des Deux Mondes* e ao *Journal des Débats*. Pouco tempo depois, Sacy o encorajou na mesma via. O "velho jansenista" bem percebia as "heresias" de Renan. De qualquer modo, ficava claro para o "principiante" que se ele quisesse ter "qualquer audiência de pessoas cultas", muito de sua "bagagem" deveria ser deixada na porta[110].

Assim, o "grande volume" foi cortado em pormenor e abandonado no fundo de suas gavetas. Pouco depois, o "golpe de Estado" desgostava Renan do "povo" que acolheu "[...] ironicamente os sinais de luto dos bons cidadãos"[111]. A partir daí, os "trabalhos especiais, as viagens", absorveram-no, "[...] minhas *Origens do cristianismo*, sobretudo durante vinte e cinco anos, não me permitiram pensar em outra coisa"[112]. Ele "dizia" para si mesmo que o "velho manuscrito" seria publicado após sua morte, e então uma "elite de espíritos

[107] A respeito de algumas "utopias" e "ilusões" de 1848, veja: SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
[108] Renan utiliza o termo em alemão: *im Büchermachen*.
[109] RENAN, (1890), op. cit. p. II-III.
[110] Ibidem. p. III-IV.
[111] Ibidem. p. IV. No texto original: "[...] d'un air narquois les signes de deuil des bons citoyens".
[112] Ibidem. p. V. No texto original: "[...] mes *Origines du Christianisme*, surtout, pendant vingt-cinq ans, ne me permirent pas de penser à autre chose".

esclarecidos" se sentiria bem; talvez até viesse daí para a atenção do mundo uma dessas "lembranças", de que os "pobres mortos" precisam, em "concorrência desigual" com "os vivos". No entanto, sua vida se prolongou para além do que ele sempre supôs, e Renan decidiu, "nesses últimos momentos", ser seu próprio editor. Para ele, "essas páginas ressuscitadas" gerariam prazer, especialmente na juventude, que leria e veria como um "[...] jovem homem, muito franco e muito sincero, pensava sozinho com ele mesmo há quarenta anos"[113]. No tocante à "arte da composição", entretanto, faltava habilidade àquele "jovem Renan". As "exigências francesas de clareza e discrição" lhe pareciam uma tirania. Como exprimir com nitidez as "leis mais importantes" que são vistas em uma espécie de "*demi-jour*"? "É assim que, depois de ter sido a primeira a descobrir as verdades do que hoje se chama darwinismo, a França foi a última a aderi-las"[114]. De qualquer maneira, ao contrário de suas ideias fundamentais, seus "hábitos de estilo" se modificaram. Sua "religião" seria sempre o "progresso da razão", o "progresso da ciência". Vários erros existiriam nessas "velhas páginas"; um "otimismo exagerado" as havia impregnado, mas era necessário nelas reconhecer a expressão de uma "grande honestidade intelectual" e de uma "perfeita sinceridade"[115].

Ao fazer o balanço do que permaneceu quimera e do que se realizou destes "sonhos" de "meio século" atrás, Renan concluiu: "eu tinha razão". Mesmo com algumas decepções, o "progresso" se cumpriu de acordo com as linhas "imaginadas". Ele "bem via" que tudo se faz na "humanidade e na natureza"; a "criação" não tinha lugar na "série de efeitos e causas". Pouco "naturalista", ele "era evolucionista decidido" em tudo que dizia respeito aos produtos da humanidade. E, quanto ao objeto do conhecimento, este devia ser compreendido como um "imenso desenvolvimento" cujas ciências cosmológicas dariam os "primeiros anéis

[113] RENAN, (1890), op. cit.. p. V. No texto original: "[...] jeune homme, très franc et très sincère, pensait seul avec lui-même il y a quarante ans".
[114] Ibidem. p. VII. No texto original: "C'est ainsi qu'après avoir aperçu la première les vérités de ce qu'on appelle maintenant le darwinisme la France a été la dernière à s'y rallier".
[115] Ibidem. p. IV-VII e XI.

perceptíveis" e cuja "história propriamente dita" mostraria os últimos resultados. "Como Hegel", Renan "fazia mal" em atribuir, com tanta certeza, à humanidade um papel central no universo. No entanto, e mesmo assim, devia ser guardada a primazia da "história do homem", já que a humanidade criara a "consciência do universo"[116].

Talvez esse dever encontrasse sua justificativa no fato de que em um século as ciências históricas e as ciências filológicas se demoliriam, sobretudo, por conta de todos os esclarecimentos da "história das religiões". Tornou-se claro, não por razões "*a priori*", mas pela discussão de "supostos testemunhos", que nunca houve nos "séculos atingíveis ao homem" nem revelação, nem "feito sobrenatural". O "*processus*" da "civilização" estava "reconhecido em suas leis gerais". "A desigualdade das raças está constatada"[117]. Os "títulos de cada família humana", com menções mais ou menos honrosas na "história do progresso", estavam quase determinados[118].

As previsões para as ciências políticas e sociais foram ainda mais pessimistas: a "velha economia política", das "tão altas" pretensões de 1848, "naufragou"; o "socialismo" continuava a inquietar o mundo sem criar uma solução clara. Para Renan, a causa dessas variações estava na incerteza quanto ao objetivo a ser atingido e ao "fim ulterior da humanidade". Neste sentido e, "para nós, idealistas", a única doutrina verdadeira seria aquela "transcendente", na qual o objetivo da humanidade "é a constituição de uma consciência superior". Algum problema nisso? Sim, pois tal doutrina não teria a capacidade de servir de base a uma "política aplicável"[119].

"Em resumo, se pelo incessante trabalho do século XIX, o conhecimento dos fatos aumentou singularmente, o destino humano se tornou mais obscuro do que nunca"[120]. O que

[116] RENAN, (1890), op. cit. p. XII-XIII.
[117] Ibidem. p. XIV. No texto original: "L'inégalité des races est constatée".
[118] Ibidem. p. XIV.
[119] Ibidem. p. XV-XVII.
[120] Ibidem. p. XVII-XVIII. No texto original: "En résumé, si, par l'incessant travail du XIX^{e} siècle, la connaissance des faits s'est singulièrement augmentée, la destinée humaine est devenue plus obscure que

fazer então diante da "ampliação" do passado e do "nevoeiro" futuro? Para Renan, dever-se-ia continuar a gozar do "dom supremo" de "ser" e de "contemplar" a realidade. Se o "mais alto desejo" da natureza humana era a curiosidade, a ciência permaneceria sempre como sua satisfação. Ela forneceria o único meio para o homem "melhorar sua sorte". "Por isso, eu tive razão" de crer "com firmeza" na ciência e de tomá-la como "objetivo de minha vida". Como conjugar essa "obra eterna" com o fim certo da humanidade? Temer o que? – quando se poderia "adormecer tranquilo" sobre o seguinte pensamento: "o Ser, de que fomos o florescimento passageiro, sempre existiu, existirá sempre"[121].

Se, ali no prefácio de 1890 a confiança e a razão do futuro não conseguiram esconder seu sorriso um tanto amarelo e pessimista, "aqui", no mês de março de 1849, o "nevoeiro" do *avenir* parecia assustar menos. Com a "mais alta admiração", o "aluno" Renan dedicava a Eugène Burnouf algumas reflexões feitas "*pour moi-même*", "calmo e solitário", em meio à "agitação universal". A referência primeira também era 1848, especialmente a lembrança de que no dia 25 de fevereiro eles tiveram que transpor as barricadas para entrar em sua modesta sala no *Collège de France*. Nesse dia, sobretudo, Renan se perguntou se havia algo melhor a fazer do que "[...] consagrar ao estudo e ao pensamento todos os momentos de sua vida [...]"[122] e a resposta foi certeira, não, não haveria. A ciência não era apenas um "agradável passatempo", "um jogo para os ociosos", "um adorno de luxo". Ela era uma "coisa séria", uma "religião", ou seja, ela tinha, "[...] como as coisas religiosas, um valor de todos os dias e de todos os instantes"[123]. Logo, dedicar à "cultura intelectual" apenas os momentos de calma

---

jamais". Citar esta passagem de Renan significa recitar as frases de Alexis de Tocqueville (1805-1859) tão importantes para os argumentos de R. Koselleck a respeito da dissolução do *topos* "história mestra da vida". Veja, por exemplo: "Desde que o passado deixou de lançar luz sobre o futuro, o espírito humano erra nas trevas". Cf. KOSELLECK, R. *Historia magistra vitae* – Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento. In: KOSELLECK, R. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 41-60. p. 47.

[121] RENAN, (1890), op. cit. p. XIX-XX. No texto original: "l'Être, dont nous avons été l'efflorescence passagère, a toujours existé, existera toujours".

[122] Ibidem. p. 1. No texto original: "[...] consacrer à l'étude et à la pensée tous les moments de sa vie [...]".

[123] RENAN, (1890), op. cit. p. 2. No texto original: "[...] elle a, comme les choses religieuses, une valeur de tous les jours et de tous les instants".

e de lazer significaria, dentre outras coisas, supor que haveria alguma coisa mais importante do que a "pesquisa da verdade"[124].

Nessa dedicatória à ciência e à verdade, Renan ainda contaria que, mesmo atravessado por tristes dias, este seu ensaio estava cheio de confiança na "retitude natural do espírito humano" e na sua "tendência necessária a um estado" cada vez mais "esclarecido", "moral" e até mais "feliz". Tais "pensamentos de juventude" trariam também sua "fé profunda na razão e no espírito moderno". E, todas as vezes que esse ideal científico se obscurecia, Renan novamente via e escutava as lições de Burnouf, pois foi nelas que ele encontrou a realização do que apenas havia sonhado: "[...] a ciência tornando-se a filosofia, e os mais altos resultados saindo da mais escrupulosa análise dos pormenores"[125].

Aqui, ali e apesar de 1848, parece que algumas "invenções de si" cristalizaram-se como teses de estudiosos que tomaram como objetos, ao longo do século XX e nessa primeira década do XXI, a vida e a obra de Renan. Nessas teses, a ruptura com os estudos de seminário, com o catolicismo e, "consequentemente", sua "crise de consciência" (1845), tornaram-se elementos basilares para explicar diversas facetas de suas obras. Nesse sentido, a tensa relação entre religião e ciência nos textos renanianos muitas vezes pôde assumir um "lugar" de passagem ou até de substituição. Não obstante isso, as ideias e concepções de Renan também puderam ser explicadas por elementos "mais próximos" ou "mais distantes" de sua trajetória, como suas viagens e acontecimentos políticos.

Ao se considerar tais aspectos, compreendem-se outras possibilidades dos textos desse autor[126] "honesto" e "franco", que escreveu história em um século no qual o "conhecimento dos fatos" aumentava junto à incerteza com relação ao "destino" e ao futuro. Muitas vezes louvado, o futuro coordena, "condena" e torna coerente. Coerência de uma vida dedicada à

[124] Ibidem, p. 1-3.
[125] Ibidem. p. 4. No texto original: "[...] la science devenant la philosophie et les plus hauts résultats sortant de la plus scrupuleuse analyse des détails".
[126] Cf. FOUCAULT, (2000), op. cit.; GOMES, (2004), op. cit.

"confortante" ciência. Condena o *L'avenir de la Science* a ser pensado, aqui e ali, como obra de juventude. Coordena uma concepção de ciência e de ciência histórica; torna-as conjuntas ao "progresso da razão"; harmoniza-as ao darwinismo e ao evolucionismo; combina-as com as "leis" do "desenvolvimento" da "civilização". Possibilita, enfim, a construção de "provas da existência" de si e do Outro.

E, caso alguns não tenham recebido convites para o coquetel do capítulo anterior, procurarei, a partir daqui, compreender as condições de emergência de outro "convite" de Renan, desta vez, feito no término de sua dedicatória, no início de 1849:

> [...] eu gostaria de convidar todos aqueles que eu não poderei convencer de minha tese favorita: a ciência do espírito humano deve ser, sobretudo, a história do espírito humano, sendo esta possível apenas com o estudo paciente e filológico das obras que ele produziu em suas diferentes idades[127].

2.2 - História das religiões, religião da história

Em 1857, com o passar de alguns textos, a "mais alta e cativante" obra do espírito humano estava eleita. Renan não pôde "resistir" aos "atrativos" das religiões. Nesse ano, sua "sábia pena", sua "erudição profunda" e seu "raro talento de escrever"[128] resolveram organizar e publicar em livro os principais artigos que, até ali, tinham se dedicado à história das religiões, ou melhor, às formas como o "sentimento religioso"[129] se revestiu na Antiguidade, na Idade Média e nos tempos modernos[130].

---

[127] RENAN, (1890), op. cit. p. 5. No texto original: "[...] je voudrais convier tous ceux que je n'aurais pu convaincre de ma thèse favorite: la science de l'esprit humain doit surtout être l'histoire de l'esprit humain, et cette histoire n'est possible que par l'étude patiente et philologique des oeuvres qu'il a produites à ses différents âges".

[128] SACY, S. de. [Fragmento do prefácio dos *Études d'histoire religieuse* com observações de S. de Sacy]. *Journal des Débats*, 18 mar. 1857.

[129] A construção do "sentimento religioso" como objeto de estudo pode se referir a uma tradição que remonta, ao menos na França, ao início do século XIX e à recepção da filosofia kantiana e de teorias românticas pelos estudiosos dedicados à história das religiões. A respeito disso, veja: SIMON-NAHUM, P. L'histoire des religions en France autour de 1880. *Revue germanique internationale* [en ligne], 17, 2002. Disponível em: <http://rgi.revues.org/895>. Acesso em: 07 abr. 2013. Deve-se salientar que foi primeiramente com o teólogo Gottfried Arnold (1666-1714) que o sentimento religioso, e não as instituições, tornar-se-ia objeto da pesquisa histórica. Cf. MATA, Sérgio da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

[130] RENAN, E. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857.

No intuito de apresentar esses *Études d'histoire religieuse*, Renan construiu em um longo prefácio uma rede de argumentos para melhor delimitar e, se possível, até resolver o "eterno" e "lamentável mal entendido" entre o "espírito crítico" e as religiões. Mas, antes disso, talvez seja necessário compreender de qual "crítica" se fala. O que seria a religião? Como torná-la inteligível para a ciência (histórica)? E ainda, como fazer com que a própria ciência da história se "vestisse" com os "estranhos" trajes da religião? Estas questões nos guiarão por entre textos de diferentes tempos e assuntos, nos quais Renan procurou traçar algumas das formas pelas quais as religiões já haviam sido estudadas. As delimitações dos modos mais adequados de historiar as religiões podem ser interpretadas nas costuras desses textos.

Em primeiro lugar e no lugar central, o cristianismo. Em março de 1849, um artigo de título sugestivo foi publicado: *Les historiens critiques de la vie de Jésus*[131]. Sem delongas, a própria crítica, "de joelhos", "abriria as portas" desse texto. Sim, de joelhos, pois a condição para "pintar" as figuras que um dia foram adoradas era a de um dia tê-las adorado. Eram deveres do filósofo: unir-se ao grande coro da humanidade no culto da bondade e da beleza morais e "a incansável pesquisa da verdade". A crítica não era crime, nem falta de respeito, ela conteria o "ato do culto mais puro". E ela poderia ser caracterizada como irreverente, quando buscasse "tirar de seus véus a verdadeira fisionomia" daquele que disse: "Eu sou a verdade!".

Assim, não foi por acaso que, como conta Renan, os primeiros trabalhos de história dos fundadores do cristianismo vieram de teólogos cristãos. A "ciência laica" apenas poderia, a princípio, resumir os trabalhos da "erudição sagrada". Nessa "evolução", nessa "marcha da crítica moderna", o progresso era representado, desde o Renascimento, pela substituição das "superstições da ciência incompleta" por "verdadeiras imagens do passado". Mesmo que cada

[131] RENAN, E. Les historiens critiques de la vie de Jésus. *La liberté de penser*, t. III, p. 365-384, 15 mar. 1849. Utilizo aqui a versão publicada nos *Études d'histoire religieuse*: RENAN, E. Les historiens critiques de Jésus. In: ____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857. p. 133-215.

um desses "passos" parecesse um "luto", era importante salientar que os deuses destronados pela crítica – podendo-se inserir aqui inclusive Aristóteles e Homero – receberiam os "títulos mais legítimos de adoração". Por meio da crítica, eles encontrariam sua "verdadeira glória", sua "imortalidade". Pouco a pouco, haveria a troca da lenda por uma "realidade mil vezes mais bela": aí estava a "lei da crítica moderna"[132].

Para tanto, a busca "apaixonada das origens" a caracterizava. E é em tal sentido que não demoraria muito para que ela encontrasse os textos bíblicos, pois, como excluir desse "movimento" o "mais belo dos livros sagrados", "a mais curiosa das literaturas" e o mais "precioso monumento" da "mais interessante das antiguidades"? Mais do que isso, o movimento crítico em direção à Bíblia provava a "fatalidade" no espírito humano, comprometida nas "vias do racionalismo" a uma ruptura com a tradição.

Desse movimento "fatal", segundo Renan, saíram duas maneiras pelas quais a crítica analisaria uma narração "sobrenatural". A primeira, feita pelos "racionalistas", admitiria o plano de fundo da narrativa, o século e os personagens para dizer dos fatos. Aqui se trataria de explicar a própria matéria da história, já supondo a realidade de tal matéria. A segunda forma de explicação, feita pelos "mitólogos", colocaria em dúvida a narração por ela mesma, levando em conta sua formação, sem atribuir valor histórico. A aparição de tais narrativas seria compreendida como um "simples fato psicológico", como um poema criado pela tradição tendo como causa os "instintos da natureza espiritual do homem".

O modo racionalista de explicação, para Renan, fora o único conhecido da antiguidade. Evêmero deixara seu nome ao sistema que interpretava os mitos substituindo as tradições maravilhosas pelos fatos naturais. E a exegese protestante teria sido, a princípio, o "puro evemerismo". Eichhorn seria a prova e o primeiro a aplicar este "sistema de

[132] RENAN, E. Les historiens critiques de Jésus. In: ____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857. p.133-215. p. 138.

interpretação" à Bíblia[133]. O que fazer, porém, com a "intervenção divina" presente em todas estas narrativas? Admiti-la ou negá-la a todos os povos primitivos? A solução para tal problema se relaciona com a necessidade de conceber as "antigas narrativas" segundo "o espírito do tempo" que as produziu. Logo, para se chegar à verdade, bastaria "traduzir para a nossa língua a língua dos antigos"[134].

Demoraria um pouco para que esse modo de tratar os textos se voltasse ao novo testamento, e, somente a partir de 1800, "Dr Paulus"[135] ofereceria as bases para uma história crítica de Jesus. Com ele, haveria a distinção de dois elementos em uma narração: o "objetivo" (o que é fato) e o "subjetivo" (o julgamento do narrador da fonte). Com esses dois elementos, para que a verdade fosse alcançada, seria preciso "colocar-se no ponto de vista da época e separar o fato real" das adições da fé.

Renan não escondeu suas críticas a tais procedimentos. Para ele, essa exegese era "limitada", pouco própria a "salvar" a "dignidade do caráter de Jesus" e fundada sobre o emprego "mecânico" de alguns artifícios. Se os narradores sagrados não mereciam qualquer fé em relação às circunstâncias, por que dar tanto valor à veracidade do "plano de fundo" de suas narrativas? Perguntas como essa permitiram que Renan caracterizasse a explicação "dita racionalista" como "mesquinha" e insuficiente, mas que, ao mesmo tempo, havia satisfeito a primeira necessidade de ousadia em um terreno que durante muito tempo fora proibido.

---

[133] O teólogo protestante Johann Eichhorn (1752-1827) possibilita um entrecruzamento de importantes referências. Professor da Universidade de Göttingen, Eichhorn pode ser localizado junto a nomes como Herder e Michaelis na revolução dos estudos bíblicos que contribuiu, no século XVIII, para um impulso nas investigações a respeito do Oriente. Nestes estudos, o teólogo alemão pôde, assim como Johann Gabler e Bruno Bauer, conceber os textos da bíblia como uma fusão entre mito e história. É importante lembrar que este teólogo foi pai de Karl Friedrich Eichhorn (1781-1854), importante nome na formação da escola histórica do direito, e por assim dizer, na formação do historicismo, ao lado de Savigny e Niebuhr (1776-1831). Cf. MATA, (2010), op. cit.; SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; ARAUJO, Valdei Lopes de, MOLLO, Helena Miranda, VARELLA, Flávia Florentino, MATA, Sérgio Ricardo da (orgs.). *A dinâmica do historicismo*: revisitando a historiografia moderna. Belo Horizonte, MG: Agvmentvm, 2008; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia européia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010; WEHLING, A. *A invenção da história:* estudos sobre o historicismo. Rio de Janeiro, Editora Central da UGF; Niterói, Editora da UFF, 1994.

[134] RENAN, E. Les historiens critiques de Jésus. In: ____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857. p.133-215. p. 140.

[135] Trata-se do teólogo Heinrich Eberhard Gottlob Paulus (1761-1851) que no início do século XIX produziu alguns volumes que tratavam filologicamente e historicamente os escritos do novo testamento.

O cerne das reprovações de Renan a essa primeira forma de interpretar os documentos das religiões estava na aplicação de uma "crítica realista" às narrativas que eram concebidas fora de toda a realidade. E, por isso mesmo, foi imprescindível o surgimento de outra maneira de interpretar. As "ideias novas" viriam da "mitologia comparada" produzida na Alemanha: Heyne, Wolf, Niebuhr e Ottfried Müller "desvendavam" a antiguidade grega e latina[136]; Gabler, Bauer e de Wette aplicaram para a história sagrada os princípios da crítica já reconhecidos para a história profana[137]. Bauer, especialmente, teria afirmado que a mais antiga história dos povos era mítica, perguntando-se por que os hebreus eram exceção, já que, ao observar os livros da Bíblia, via-se que neles havia lendas semelhantes às de outros povos. Segundo Renan, o triunfo da "nova escola" estava aqui e a rejeição de uma "explicação natural" marcava a ruptura com a "interpretação evemerista". A partir daí, tratava-se de descobrir, na história dos hebreus, todos os traços dessa "idade primitiva do espírito humano" na qual apenas se sabia "exprimir a verdade sob o envelope da fábula". Pouco a pouco, o mito invadia todos os pontos da história de Jesus.

---

[136] Para não me deter em especificidades a respeito de Christian Gottlob Heyne (1729-1812), Friedrich August Wolf (1759-1824), Barthold Georg Niebuhr (1776-1831) e Karl Otfried Müller (1797-1840), é importante ao menos fazer referência a alguns aspectos que os "aproximam". Além de todos terem se dedicado a estudos a respeito da antiguidade, todos eles (com exceção de Müller) encontraram na filologia um meio fundamental de trato com a antiguidade. É interessante notar que grande parte destes autores teve algum vínculo com a universidade de Göttingen. Esta instituição, desde meados do século XVIII, representava uma novidade na história das universidades incluindo a valorização dos docentes, o fim da censura e a ênfase na produção científica. E nessas favoráveis condições é que se pode dizer que muitos dos desenvolvimentos da pesquisa histórica, atribuídos inclusive a Niebuhr e Ranke, foram antecipados neste lugar. Cf. MATA, (2010), op. cit.; SAID, (1990), op. cit.; ARAUJO; MOLLO; VARELLA; MATA, (2008), op. cit; MARTINS, (2010), op. cit.; SIMON-NAHUM, (2002), op. cit; FORNARO, Sotera. *I Greci senza lumi*. L'antropologia della Grecia antica in Christian Gottlob Heyne (1729-1812) e nel suo tempo. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004; Hartog, F. Plus et moins qu'une discipline: le cas des études classiques. *LHT*, n. 8, publié le 16 mai 2011 [En ligne]. Disponível em: <http://www.fabula.org/lht/8/8dossier/257-8hartog>. Acesso em: 27 ago. 2011; PIRES, Francisco Murari. Ranke e Niebuhr: a apoteose tucidideana. *Revista de História*, São Paulo, n. 166, p. 71-108, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/48487/52346>. Acesso em: 25 out. 2013; SIMON-NAHUM, P. L'histoire des religions en France autour de 1880. *Revue germanique internationale* [En ligne], 17, 2002, mis en ligne le 21 juillet 2011. Disponível em: <http://rgi.revues.org/895>. Acesso em: 07 abr. 2013.

[137] Wilhelm de Wette (1780-1849) foi um teólogo e estudioso da bíblia que teve dentre suas leituras Schelling, Semler, Eichhorn, Gabler e Bauer. O passado bíblico foi pensado por esse autor através de mitos e sua preocupação centrou-se na forma como tal passado fora produzido, não como teria sido. O mito seria a poesia de um povo e não o oposto da verdade histórica. Este teólogo foi uma das principais referências de Jacob Burckhardt e, principalmente, de David Friedrich Strauss. Cf. MATA, (2010), op. cit.; HOWARD, Thomas A. *Religion and the rise of historicism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

Renan, entretanto, afirma que, depois dessa "vitória", a "escola mitológica" passou a oferecer muitas variedades de interpretação, pois, ao lado da explicação mítica, vários admitiam a elucidação evemerista e outros ainda misturavam as duas: "não se desistia de buscar uma história no Evangelho"[138]. E, "os mais sensatos" declaravam não haver possibilidade de distinguir qual a parte da realidade e qual a parte do símbolo.

A Alemanha, porém, nunca parava na "especulação". Depois dos "mitólogos ecléticos", viriam aqueles "absolutos", que procuravam explicar todos os fatos do evangelho por "mitos puros", renunciando a tentativa da "extração" de um "resíduo histórico". A voz que, desde o título do artigo, parecia não querer calar, tomaria então o papel principal para si: "*le docteur* David-Frédéric Strauss" se tornaria o representante desse sistema "absoluto" com sua *Vida de Jesus*[139]. A repercussão de sua obra na Alemanha e na França, seus precedentes, seus posicionamentos políticos e teóricos eram aspectos fundamentais para que Renan apontasse algumas soluções aos estudos a respeito do cristianismo.

Para começar, era necessário ter em mente que Strauss poderia ser compreendido como o resumo do que já havia sido feito antes. Por isso, segundo Renan, colocar-se contra ele, significava "[...] provocar a fatalidade da razão, a marcha necessária do espírito humano"[140]. Os erros em que ele caiu seriam aqueles que "preparam a descoberta da verdade". Mesmo assim, na França, Strauss não seria muito bem-vindo. Para Renan, em seu país, mais do que na Alemanha, a cisão entre teologia e ciência profana seria muito mais

---

[138] RENAN, E. Les historiens critiques de Jésus. In: ____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857. p.152. No texto original: "On ne renonçait pas à chercher une histoire dans l'Évangile".

[139] A respeito de David Friedrich Strauss (1808-1874) e de sua importância para a história das religiões, principalmente com sua obra "*Vida de Jesus*" (1835), veja: BOUVIER, Agnès. La rencontre entre Flaubert et Renan autour des *Études d'histoire religieuse. Flaubert*, 4, 2010, [em linha]. Disponível em: <http://flaubert.revues.org/index1229.html>. Acesso em: 26 ago. 2011; DUFOUR, Philippe. La lettre perdue. Sur les historiens allemands du christianisme dans la "Revue des Deux Mondes". *Flaubert*, 4, 2010, [em linha]. Disponível em: <http://flaubert.revues.org/index1217.html>. Acesso em: 26 ago. 2011; MATA, (2010), op. cit.; SANTOS, Samuel N. Criticismo neotestamentário e os evangelhos enquanto fontes histórico-biográficas para a construção de uma Vita de Jesus. *Revista Jesus Histórico*, v. 1, p. 54-78, 2010. Disponível em: <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos4/5Samuel%20nunes%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2010.

[140] RENAN, E. Les historiens critiques de Jésus. In: ____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857. p.154. No texto original: "s'attaquer à la fatalité de la raison, à la marche nécessaire de l'esprit humain".

marcada e Strauss deveria ser lido como um teólogo e um filósofo da escola de Hegel[141]. Sua *Vida de Jesus* seria uma obra de teologia, de exegese sagrada, assim como as de Michaelis, Eichhorn e Paulus. Tais autores não se encontrariam na "ciência independente", eles eram parte de um "sistema de hermenêutica" que se opõe a outro sistema com uma "pedantesca rigidez". A França não possuía a capacidade de compreender a união entre teologia e filosofia, "fenômeno tão singular" na Alemanha.

A obra de Strauss seria apenas, portanto, a "filosofia do chefe da escola alemã contemporânea aplicada às narrativas religiosas" e a cristologia desse teólogo somente "a tradução simbólica das teses abstratas do filósofo". O Cristo de Strauss era um Cristo "*a priori*", um "Cristo hegeliano", ou seja, não era um "Cristo histórico". Assim, Renan não mediu esforços para esclarecer o tom "abstrato" do livro de Strauss, típico da cristologia hegeliana, na qual o ideal ficava acima de Jesus "como pessoa histórica". Faltava a Strauss, em suma, o "sentimento da história e do fato", ele nunca saía das questões "do mito e do símbolo".

Renan contava, assim, a história de um livro que ficou isolado. Nem historiadores, nem críticos e nem teólogos concordariam com ele. Para o erudito francês, essa "reclusão" era até normal, já que nenhum sistema exclusivo poderia resolver o "problema tão difícil das origens do cristianismo". Um único meio não bastaria para explicar os fenômenos complexos do espírito humano, ainda mais quando se tratassem das "histórias primitivas" e das lendas religiosas. Todas elas seriam uma mistura do real com o ideal, e, no caso das narrativas

---

[141] A história das religiões na França era, em meados do século XIX, dividida, principalmente, em dois campos: teológico e universitário. Sem embargo, foi em tal momento que houve um maior distanciamento entre os domínios da moral e dos estudos religiosos. Esta constante diferenciação teve projeção nas organizações universitárias, sobretudo no que tange ao fato de as principais cadeiras universitárias terem sido ocupadas por teólogos liberais, advindos do protestantismo. Cf. BUARQUE, Virgínia de A. de C. Uma história moral, apologética e... moderna? A escrita católica do século XVIII ao início do século XIX. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 6, p. 142-157, Mar. 2007. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/163/194>. Acesso em: 8 ago. 2011; DATE-TEDO, (2006-2007), op. cit.; SIMON-NAHUM, Perrine. Ernest Renan, Histoire du christianisme et histoire des religions. In: HILAIRE, Yves-Marie (éd.). *De Renan à Marrou. L'histoire du christianisme et le progrès de la méthode historique (1863-1968)*. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaire du Septentrion, 1999.

evangélicas, aplicar a denominação de mito talvez não fosse suficiente, pois era necessário pensá-las como "narrativas lendárias" e tradicionais. Somente assim, a história deixaria "subsistir" a ação e o papel pessoal de Jesus; somente assim, ela poderia discernir o "histórico do fabuloso". Era possível isso? Sim, pois as contradições das narrativas evangélicas não negariam a "verdade histórica", elas supõem, muitas vezes, um "fundo de realidade" por meio de alguns elementos que se repetem em todos os evangelhos. E mais, o "fato" da "aparição da doutrina nova" apenas se produzia pela "ação de uma poderosa individualidade". Desse modo, posto que a França fosse mais bem dotada do sentimento da vida prática que a Alemanha, talvez ali se pudesse escrever, "de uma maneira científica" a vida de Cristo e evitar tratar o tema no domínio da especulação abstrata, como fez Strauss.

Essa argumentação de Renan desembocaria na função político-social da história. Por meio da descrição dos posicionamentos políticos de Strauss em relação ao seu sistema (teológico e hegeliano), Renan até conseguiria traçar uma espécie de diagnóstico para a Alemanha, ou melhor, dizer do principal defeito dos vizinhos: o "abuso da reflexão". O problema nem seria excesso de reflexão, e sim a tentativa alemã de aplicação de "leis reconhecidas no passado" à situação presente. Está em questão para Renan a capacidade da filosofia da história de constatar a "marcha necessária dos sistemas", as leis pelas quais eles se sucedem e o perigo de, a partir dessa "verdade especulativa", tirar consequências para o presente.

Nesse presente, havia também a "nova escola" representada por Bruno Bauer. Segundo Renan, Bauer pretenderia explicar a aparição do cristianismo, diferentemente de Strauss, por meios "simples e naturais", reduzindo a formação da lenda de Jesus às proporções de um fato bastante comum. Entre Bauer e Strauss, o cristianismo poderia ser coisa nova ou embasado na tradição; Jesus poderia ser ideal ou real. E quando a polêmica entre os dois se tornasse muito grande, Renan mandaria buscar "o melhor remédio" para

impedir as injúrias: "a independência completa da crítica". Tal "independência" seria extremamente necessária, já que a religião só obteria seu "verdadeiro lugar" na história aos olhos da crítica. Manter o silêncio seria o mesmo que se iludir a respeito do papel da religião. Em uma história da filosofia, Renan exemplifica, Platão ocuparia um volume, enquanto Jesus ocuparia dois. E, caso alguém pensasse a crítica como "severa" ou "desdenhosa" para com os "produtos do espírito humano", Renan lembrava que a crítica era também reconhecida em todos esses produtos "sem distinção nem antítese". Entre Bauer e Strauss, Renan.

A dificuldade, talvez, estivesse em outra "distinção", "antítese", diferença: as "idades de reflexão". A idade da humanidade que produziu religiões como o cristianismo seria repleta de "espontaneidade"[142], não deixando qualquer "rastro". As religiões, assim como o "homem individual", só poderiam lembrar-se de sua infância quando fossem "adultas e desenvolvidas", ou seja, quando os "fatos primitivos" já tivessem "desaparecido para sempre". Assim, a condição para compreender Jesus era a de se colocar acima da "idade de reflexão atual" e contemplar as faculdades da alma naquele estado de "fecunda e ingênua liberdade". Quanto mais se penetrasse as origens do espírito humano, mais se compreenderia que o milagre é somente o "não explicado". Para Renan, nessa "infância da humanidade", o milagre não se apresentava como "sobrenatural", ele era a "ordem habitual" para homens estranhos às "nossas ideias de ciência experimental". E, para que não restassem dúvidas, era possível resumir esta "diferença" citando um autor que, no início do século XIX, muito contribuiu para debates como esses, ao buscar a superação de uma abordagem somente filológica, ou mesmo histórico-crítica:

> É preciso dizer dos milagres o que Schleiermacher dizia dos anjos: não se pode provar sua impossibilidade; no entanto, toda esta concepção é tal, que

[142] Este caráter "espontâneo" na história que diversas vezes aparece nos textos renanianos possivelmente se relaciona com as leituras que Renan fez da obra de Herder. Cf. SAID, op. cit.; SALIBA, (2003), op. cit.; SIMON-NAHUM, (1999), op. cit.;

> ela não poderia mais nascer de nosso tempo; ela pertence exclusivamente à ideia que a antiguidade tinha do mundo[143].

Esse "ponto de vista" possibilitou a Renan o desejo de compreender a concepção dos milagres pertencente à antiguidade e, simultaneamente, demandava a afirmação de que as ciências modernas negavam a existência do sobrenatural. Era certo que o surgimento do "ser" e tudo o que se passou no mundo fizeram parte do "desenvolvimento regular das leis do ser", leis constitutivas da única ordem de governo: a "natureza" (física ou moral). Logo, dizer que haveria alguma coisa para além da "natureza na ordem dos fatos" seria uma contradição. "As coisas humanas" e as causas de Jesus deveriam ser buscadas dentro da humanidade e as leis que produziram Jesus, seriam leis permanentes da consciência humana. Diante dessas "certezas", no entanto, haveria brecha para um "desespero": a possibilidade de nunca se chegar a uma "completa inteligência" de tais aparições por causa da "falta de documentos".

De qualquer forma, entre as leis e os documentos, ainda restava a dúvida de qual Cristo "escolher": o histórico ou o evangélico? Impossível escolha, já que o "homem Jesus" e o Jesus ideal resultante dos evangelhos seriam inseparáveis. Sem desespero! Há real no lendário e, "[...] se a história é obrigada a medir a glória dos indivíduos pela pegada luminosa ou benéfica que eles deixaram no mundo [...]"[144], ela não deveria achar exagerado o "clarão incomparável", cuja consciência religiosa dotou Jesus. Separar o humano do divino, sim, mas que não se confundisse a adoração do "herói real" com a do "herói ideal". A "pintura" de um

---

[143] RENAN, E. Les historiens critiques de Jésus. In: ____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857. p.154. No texto original: "Il faut dire des miracles ce que Schleiermacher disait des anges : On ne peut en prouver l'impossibilité; cependant toute cette conception est telle, qu'elle ne pourrait plus naître de notre temps; elle appartient exclusivement à l'idée que l'antiquité se faisait du monde". A respeito de como Friedrich Schleiermacher (1768-1834) contribuiu para a histórias das religiões nesse período referenciado por Renan, veja: BUARQUE, Virgínia de A. de C. A concepção de história na teologia católica do Oitocentos. *Estudos de Religião*, v. 24, n. 39, p. 61-79, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/2121/2341>. Acesso em: 6 abr. 2013.

[144] RENAN, E. Les historiens critiques de Jésus. In: ____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857. p.213. No texto original: "[...] si l'histoire est obligée de mesurer la gloire des individus à la trace lumineuse ou bienfaisante qu'ils ont laissée dans le monde [...]".

"sublime caráter" nada ganharia por estar em conformidade com o "herói real" e, assim, o Cristo "verdadeiramente admirável" estaria ao abrigo da "crítica histórica".

Somente Cristo tinha esse "abrigo privilegiado"? Mesmo que ele mantivesse seu "lugar de honra", pelos textos que foram produzidos nos anos seguintes, parece que outros "sujeitos" também poderiam ser aí bem acolhidos. Foi o caso de Maomé[145]. Tratava-se de outro homem, mas o objeto típico da crítica não mudou: as "origens", especificamente aquelas "mais obscuras", as religiosas. Graças a tal característica, novamente uma "impotência do real" poderia angustiar. Maomé, entretanto, era um caso diferente, pois era possível "tocá-lo" de todas as partes; tratava-se, de fato, de um personagem histórico. E, frente aos poucos "sinais" desses acontecimentos que não aconteciam mais, "adivinhar" ou "entrever" o primitivo era até permitido. A história, mesmo que fosse "tão avarenta" para as épocas "não conscientes", não estaria "inteiramente muda". Se "abordar de modo direto o problema" não fosse possível, ao menos "envolvê-lo a partir do exterior" poderia sê-lo.

Alguns preceitos desse "exterior" podem ser vislumbrados. Primeiramente, era um dever excluir todos os "julgamentos simples e absolutos". Essa obrigação se relacionava com o "lugar" da crítica, ou seja, a sua colocação no "meio fugidio e esquivo da vida". Nada que saísse do homem seria puro ou absoluto e as religiões, entendidas como as "obras mais completas da natureza humana", não permitiriam considerações absolutas.

Essa diretriz muito teria a ver com o "abuso" do uso da palavra "espontaneidade" pelo século XIX. Segundo Renan, tratava-se de uma reação contra a escola que exagerava o "poder criador das faculdades refletidas". Significava, talvez, o dever de excluir a ideia de "composição" dos poemas primitivos, de excluir toda ideia de "impostura" da formação de "grandes lendas". Assim, o "espontâneo" talvez ocupasse esse lugar do "obscuro", daquilo que não se viu acontecer.

---

[145] RENAN, E. Mahomet et les origines de l'islamisme. *Revue des Deux Mondes*, t. 12, p. 1063-1101, 15 dez. 1851.

Além disso, tais delimitações respeitavam os pressupostos da reflexão sobre a beleza das coisas, pois, se "do ponto de vista da verdade histórica" o *savant* tinha apenas o direito de "admirar", era importante saber que os sentimentos teriam seu valor e beleza para além da "realidade do objeto que os excita". Como conciliar, então, estas regras com o movimento mulçumano que, para Renan, foi produzido quase sem fé religiosa? A resposta do erudito francês se tornou nada mais nada menos do que a própria conclusão de seu texto: o dogma da Europa era a civilização, logo, que ela deixasse aos outros povos o direito de manejar, de presidir, suas tradições com a mais perfeita liberdade.

Mesmo com todas essas dificuldades, talvez o cristianismo e o islamismo fossem até recentes demais, quando comparadas às religiões gregas da antiguidade[146]. No artigo intitulado *Des religions de l'antiquité et de leurs derniers historiens*, outras "distâncias" foram delimitadas. A religião de um povo, sendo "a expressão mais completa de sua individualidade", era "mais instrutiva" que sua história. Enquanto a "lenda religiosa" era obra "própria e exclusiva do gênio de cada raça" e dava a "imagem fiel da maneira de sentir e de pensar" própria de uma nação, a história conteria uma parte "fortuita ou fatal" que não dependeria de um povo. Assim, o que o século XVIII "olhava" como um "amontoado de superstições e de puerilidades" tornar-se-ia, "aos olhos de uma filosofia da história mais completa", o "centro" do desenvolvimento humano.

História e religião, séculos XVIII e XIX. Faltava ainda mais uma distância: aquela entre o moderno e o antigo. Essa, para Renan, seria delimitada a partir da (im)possibilidade de uma "interpretação científica". As religiões e a ciência teriam formas distantes e até mesmo opostas de conceber o mundo. Para o estudioso, o fato de já ter sido religioso poderia aparecer como solução. Quando se trata das religiões da antiguidade, no entanto, o problema aumentaria, pois aí seria necessário "tê-las vivido", ou pelo menos "fazê-las renascer em si".

[146] RENAN, E. Des religions de l'antiquité et de leurs derniers historiens. *Revue des Deux Mondes*, t. II, p. 821-848, 15 mai 1853.

E as "ideias modernas" demonstravam que qualquer esforço para tanto seria quase em vão. Por isso, outro princípio era indispensável na prática da compreensão: todas as vezes que as obras espontâneas do espírito humano parecessem desprovidas de razão seria devido à incapacidade de compreendê-las. Segundo Renan, caso o historiador "moderno" se colocasse "realmente no ponto de vista em que estavam os antigos", ele perceberia que tais "fábulas" tinham razão em alguma coisa.

No final das contas, a grande dificuldade para o estudo das religiões da antiguidade se tornava aqui a sua principal justificativa: o "fato" de elas estarem em uma "idade" bem diferente e, talvez, até oposta à "idade" do século XIX. O desafio era, possivelmente, fazer coincidirem os "pontos de vista", diminuir o máximo possível a distância entre a "idade" das religiões, da "infância", marcada pela "espontaneidade" e a "idade" da ciência, dos "tempos modernos", coordenados pela "reflexão". Para tanto, esse texto a respeito das religiões da Antiguidade buscaria tratar especialmente de um "[...] manual indispensável, não somente do antiquário e do filólogo, mas também de todos os espíritos curiosos que acreditam que a história das religiões é um dos elementos mais essenciais da história do espírito humano, isto é, da verdadeira filosofia"[147]. O "manual" referenciado era a "tradução" do livro de Frédéric Creuzer[148]. E, para além das considerações mais específicas ao livro de Creuzer, duas coisas, principalmente, chamam a atenção nesse texto de Renan: por um lado, a maneira como se localiza e se critica os estudos posteriores ao de Creuzer e, por outro, o significado definidor que toma a tradução desse livro para o francês.

---

[147] RENAN, E. Des religions de l'antiquité et de leurs derniers historiens. *Revue des Deux Mondes*, t. II, p. 821-848, 15 mai 1853. p. 823. No texto original: "[...] manuel indispensable, non-seulement de l'antiquaire et du philologue, mais encore de tous les esprits curieux qui croient que l'histoire des religions est un des élémens les plus essentiels de l'histoire de l'esprit humain, c'est-à-dire de la vraie philosophie".

[148] Logo abaixo do título desse artigo, está inscrita a seguinte referência: "*Religions de l'antiquité, considérées principalment dans leurs formes symboliques et mythologiques, du docteur Frédéric Creuzer, ouvrage traduit et refondu par J.-D Guigniaut* [...]". A "tradução" da *Symbolik und Mythologie* de Friedrich Creuzer (1771-1858) na França, marca um importante momento em sua trajetória, já que a obra não havia sido bem recebida pelos alemães. Veja mais em: FORNARO, Sotera. Friedrich Creuzer (1771-1858) à l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. *Flauber*, 4, 2010, [Em linha]. Disponível em: <http://flaubert.revues.org/index1212.html>. Acesso em: 26 ago. 2011.

Para dizer da forma como os mitos podiam ser estudados na Alemanha, o erudito francês recorreria, novamente, a duas "vertentes": a primeira, com o sistema de Evêmero, explicando "todas as fábulas por fatos históricos" e a outra que buscaria nos mitos uma tradução simbólica. O interessante é que a reprovação à segunda forma de tratar os mitos só apareceria, de maneira mais clara, aqui. Para Renan, aplicar essa explicação simbólica aos mitos, seria o mesmo que tomar as obras de Kant ou de Schleiermacher para reconstituir a teoria do cristianismo primitivo. Nesse ponto estaria o defeito essencial de Creuzer. Novamente, a "distância" explicaria, pois, segundo Renan, os "hábitos analíticos" de seu presente obrigavam a separar o "signo da coisa significada", mas, para o "homem espontâneo", tal separação era inviável.

Assim, em oposição a Creuzer, que era "simbólico demais", surgiriam duas reações no movimento de estudos mitológicos na Alemanha. De um lado, uma escola "antissimbólica" e, do outro, uma escola "puramente helênica" (dizendo da originalidade da mitologia grega). Em relação a essas duas "correntes", ficava para Renan o ensinamento da "crítica moderna" de que na infinita variedade "dos tempos e dos lugares" não haveria qualquer coisa "muito estável" para ser fixada pelo olhar. Deste modo, a história do espírito humano, "para ser sincera", deveria oferecer o "quadro de sua eterna e indescritível fluidez".

É de tal "fluidez" que poderia sair o "brilho" do tradutor de Creuzer na França: Joseph-Daniel Guigniaut[149]. Para Guigniaut, não bastava traduzir, ele somaria ao livro de Creuzer os trabalhos paralelos e posteriores a respeito de mitologia antiga. Para Renan, ao preferir apenas julgar os sistemas disponíveis, Guigniaut seguia a linha imposta a todos os "espíritos sérios na França do século XIX", pois o "caráter" desse século seria a "crítica"; o "tempo dos sistemas passou" e o "ecletismo" era o método inevitável. Aliás, segundo Renan,

[149] Guigniaut (1794-1876) era, nesse momento, membro da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* e um dos principais nomes da história das religiões da Antiguidade na França. Cf. HARTOG, F. *O século XIX e a História: O caso Fustel de Coulanges*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

a França não sabia inventar, ela apenas se colocava entre os extremos para chegar o mais próximo da verdade. Foi assim que Guigniaut (talvez, como Renan), com a intenção de "alta imparcialidade e de inteligente conciliação", bem fez ao não se conter em uma das "escolas exclusivas".

O "destino" de Renan, porém, era se voltar à "leitura universal", à Bíblia, livro que quase se confundiria com a história do povo de Israel[150]. Era por meio da Bíblia que a Alemanha, "sozinha", possuindo o "dom de penetração histórica", avistava a verdade ao fazer dessa história o que ela já fazia com outras: um estudo crítico e gramatical dos textos. Mesmo antes da Reforma, a "vizinha" já tinha feito da ciência do hebreu uma espécie de domínio próprio. Nos séculos XVII e XVIII, na França, a crítica não ia lá muito bem com o "espírito limitado dos teólogos" e com a "ininteligência" típica da escola de Voltaire. Enquanto isso, na Alemanha, Michaelis, Eichhorn, dentre outros, simbolizariam "maravilhosos progressos" para a crítica, colocando quase um ponto final nos estudos hebraicos.

Esse "quase" era consequência do livro de Heinrich Ewald considerado no artigo *Du peuple d'Israël et de son histoire*[151]. Ewald demonstraria que havia algo a ser feito ainda. Por sua "ousadia", "penetração de espírito" e "brilhante imaginação", o historiador alemão do povo de Israel conseguira "superar" seus antecessores. "Superar", ou melhor, possibilitar outras formas de ver e dizer as condições de redação dos documentos centrais para a história de Israel: o Pentateuco[152].

---

[150] RENAN, E. Du peuple d'Israël et de son histoire. *Revue des Deux Mondes*, Nouvelle période, 2ª série, 15 nov. 1855, p. 746-774.

[151] A referência que aparece logo após o título do artigo de Renan é a seguinte: "EWALD, H. *Geschichte des Volkes Israel bis Christus*. Goettingue, 1854. 4 vol". Heinrich Ewald (1803-1875) foi um importante orientalista e teólogo que contribuiu, principalmente, com a crítica do Antigo Testamento, inserindo uma diferenciação entre "história santa e real". Cf. RÖMER, T. Renan et l'exégèse historico-critique de la Bible. *Colloque de rentrée du Collège de France: Hommage à Ernest Renan*, Paris, 11 e 12 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.college-de-france.fr/site/colloque-2012/p1347353206910_content.htm#|q=../colloque-2012/symposium-2012-2013.htm|p=../colloque-2012/symposium-2012-10-11-16h00.htm|>. Acesso em: 23 out. 2012.

[152] RÖMER, (2012), op. cit.

O "destino", no entanto, repete, faz-se repetir. Para Ewald e para Renan, a história do povo de Israel estava destinada a criar a religião monoteísta, era sua obra própria, não se poderia fugir. Impossível não saber que o cristianismo, antes de ser plantado, já germinava[153]. Mas quando o "destino" se desgasta, era então preciso uma "grande lei de toda a história do povo hebreu": a "luta" entre duas "necessidades" opostas, entre a "largura do espírito" e o "pensamento conservador".

Renan reconhece na Bíblia a história e a vida – talvez, inclusive a sua. Esta questão das "necessidades" não era exclusiva de seu tempo. Saía do livro bíblico de Daniel, passaria por Santo Agostinho e chegaria a Bossuet o ensaio de filosofia da história mais antigo e que mais viveu. O "sistema de filosofia da história" de Israel fora o primeiro a tomar o mundo como um todo, a ver na "sucessão dos impérios" algo além do fortuito e a submeter a uma fórmula o desenvolvimento dos "casos humanos".

Essa(s) filosofia(s) da história das e nas religiões era algo um tanto claro no prefácio dos *Études d'histoire religieuse*, de 1857[154]. A "essência das religiões" estaria na exigência de uma "crença absoluta", de se colocar acima do direito comum, de "negar ao historiador imparcial" toda competência quando se trata de "julgá-las". Para apoiar essa pretensão, as religiões seriam obrigadas a ter um "sistema particular de filosofia da história" baseado na crença em uma intervenção milagrosa da divindade nas coisas humanas. Fundava-se aí o "eterno" "mal entendido" entre o "espírito crítico" (ou "científico") e as religiões, pois, a "crítica" deveria seguir apenas a "franca e leal indução". Seu princípio: o milagre não teria "lugar no tecido das coisas humanas", "tudo na história tem sua explicação humana". Neste sentido, a "história da humanidade" poderia ser definida, simultaneamente como um "vasto conjunto em que tudo é essencialmente desigual e diverso", e onde "tudo é da mesma ordem,

---

[153] Ibidem.
[154] RENAN, E. Préface. In: _____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857. p. I-XXVIII.

sai das mesmas causas, obedece às mesmas leis". E o estudioso "procuraria" estas leis com a única "intenção" de "descobrir a exata nuança do que é".

Era necessário dizer uma vez mais que essa paciente e incessante busca da "história crítica das religiões" não enfraqueceria o "sentimento religioso", mesmo porque, segundo Renan, um homem que levasse a vida a sério e empregasse sua atividade na "perseguição de um fim generoso" seria, ele também, religioso. Mas que não se obrigasse a ciência a passar pela "censura" de um poder que não teria nada de científico. Não se poderia confundir "a lenda com a história", mas seria em vão tentar banir a lenda, já que ela revestiria "necessariamente a fé da humanidade".

Por isso, no que se refere às "questões propriamente teológicas", a história não deveria nem refutar nem fazer apologia. Para tal "papel" de "controversista", de "polemista", Voltaire bastaria: "não se pode ser, ao mesmo tempo, bom controversista e bom historiador". Voltaire, "tão fraco como erudito", Voltaire, "tão desprovido do sentimento da antiguidade". Filosofia da história, história e erudição parecem disputar o lugar do "amor do verdadeiro", da "forma mais elevada de verdade"[155].

Para "alcançá-la", a liberdade advinda da ciência bastaria. Logo, em relação às diversas críticas endereçadas aos seus artigos até aquele momento, Renan escolhera conservar seu silêncio. Seus planos se focariam em uma "pesquisa inflexível da verdade", a partir de todos os "meios de legítima investigação" disponíveis. Quando os resultados lhe parecessem "certos ou prováveis", sua expressão seria "firme e franca", fora de qualquer "segunda intenção de aplicação". E quando correções fossem necessárias graças à "crítica de pessoas competentes" ou ao "progresso da ciência", ele agiria com "docilidade". O erudito francês

[155] Mesmo que Renan cite Voltaire apenas nesse momento e desta forma, é perceptível, quando se lê o verbete *Histoire* de Voltaire, o quanto suas questões e suas referências ainda são encaradas como desafios na escrita da história de Renan. Veja, principalmente, KERN, D. Voltaire. In: MALERBA, Jurandir (org.). *Lições de história*: o caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 33-41; VOLTAIRE. História; Historiógrafo. In: ____. *A filosofia da história*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 1-36. LOPES, M. A. (Org.) Grandes nomes da história intelectual. São Paulo: Contexto, 2003; LOPES, M. A. *Voltaire historiador*: uma introdução ao pensamento histórico na época do Iluminismo. Campinas: Papirus, 2001.

apenas lamentava a ausência da abertura de um "grande aparelho de demonstração" ao apresentar certas ideias nos artigos. Renan esperava, contudo, que o apresentado no presente aparecesse um dia em sua "plena luz", conforme o "plano de estudos" que ele havia traçado. Assim, depois de terminar a "história das línguas semíticas", ele gostaria de contribuir em algo para "esclarecer a história das religiões semíticas e das origens do cristianismo"[156].

Dois "sujeitos", que não "escondiam" as tensões entre si, também esperavam os leitores na "porta" do primeiro livro da *histoire des origines du christianisme*. O índice desse "lugar", chamado *Vie de Jésus*[157], permitiu que eles se anunciassem. O primeiro, com uma longa "apresentação de si", se nomeia "onde se trata principalmente das fontes desta história"[158]. O segundo, o "lugar de Jesus na história do mundo"[159], "apressado" e "acelerado" como ele só, trataria logo de ensinar o "caminho" para o passeio.

Assim, escrever a "vida de Jesus" e inscrevê-la na história significava descrevê-la e explica-la a partir do cotejo de diversas fontes documentais. Além dos evangelhos, que tinham o "primeiro lugar" na história do "fundador do cristianismo", Renan não dispensaria documentos outros que possuíssem a "[...] inapreciável vantagem de nos mostrar os pensamentos que, no tempo de Jesus, fermentavam nas almas [...]"[160]. O "grande aparelho de demonstração"[161] tornava-se possível por meio de uma "investigação" de quais "dados" descobertos nas fontes poderiam ser empregados em uma história de "princípios racionais".

Nos limites da erudição, porém, também havia história. Como esquecer que Jesus ocupava um lugar tão formidável no "progresso", "desenvolvimento" e "evolução" do mundo e das religiões? O cristianismo fora uma "revolução" que dera um "progresso" para a história

---

[156] RENAN, E. Préface. In: _____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857. p. I-XXVIII. p. XXIII-XXVIII.
[157] RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863.
[158] RENAN, E. Introduction ou l'on traite principalmente des sources de cette histoire. In: Ibidem. p. III-LIX.
[159] RENAN, E. Place de Jésus dans l'histoire du monde. In: Ibidem. p. 1-18.
[160] Ibidem. p. IX. No texto original: "[...] inappréciable avantage de nous montrer les pensées qui fermentaient au temp de Jésus dans les âmes [...]".
[161] GRAFTON, A. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Tradução: Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papirus, 1998.

religiosa. De certa forma, esse "acontecimento mais notável da história do mundo" teria começado desde o momento em que o homem "se distinguiu do animal", ou seja, desde quando ele se tornou "religioso"[162]. Daí em diante a religião deu vários "passos" em direção à "religião da humanidade"[163]. Nessa "marcha", o "incomparável" Jesus se localizaria em um ponto "inigualável" no qual "as mais nobres porções da humanidade" abdicaram do "paganismo" e "passaram" ao cristianismo.

Desse modo, para se escrever história, e mais especificamente, história das religiões, era fundamental que se partilhasse do "espírito crítico", da "crítica"[164]. Uma história que não fosse crítica, talvez não pudesse ser *verdadeiramente* uma busca da *verdade*. Nesse esforço de "penetração" do passado, a tradição crítica, filológica, de tantos "progressos" na Alemanha, era incontornável[165]. A "paciência" nos "estudos gramaticais" de textos apresentava um caminho para a história. Todos aqueles que o seguissem poderiam entrar para a "tropa" encarregada da "grande obra e missão" do século XIX: "a história crítica do espírito humano"[166] ou a "história filosófica do espírito humano"[167]. Uma ou outra, uma e outra.

---

[162] Como se sabe, o homem "se distinguiu" do animal de outras variadas formas. O debate avocado por Marx e Engels em *A ideologia alemã* pode ser representativo de uma dessas formas. E, além disso, endereça uma interessante disputa com pensadores alemães da religião, muitos destes, já citados durante o presente texto. Ademais, este texto de Marx e Engels serve aqui especialmente para retomar e refletir a respeito da oposição entre uma concepção histórica que partiria da realidade (da terra) e outra que partiria da representação (do céu). Cf. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã (Feuerbach). 10ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

[163] Em seu livro, Renan caracterizou o cristianismo como a "religião da humanidade", o que não nos impede de lembrar a importância dessa expressão para seus contemporâneos, especialmente a partir das proposições de Auguste Comte (1798-1857), de quem Renan também foi leitor. Para isso, indico uma autora de grande importância para a história do positivismo no século XIX que dedicou alguns de seus textos a comparações entre os pensamentos de Renan e de Comte: PETIT, A. Enseignement scientifique et culture selon Ernest Renan. *Revue d'histoire des sciences*. 1991, T. 44 n.1. p. 23-60 ; PETIT, A. Le prétendu positivisme d'Ernest Renan. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, 2003/1 no 8, p. 73-101.

[164] RENAN, E. Notes sur les *Essais de critique religieuse*, d'Albert Réville, le *Traité des doctrines religieuses des Juifs pendant les deux siècles antérieurs à l'ère chrétienne*, de Michel Nicolas et *La Magie et l'astrologie dans l'antiquité et au moyen-âge*, d'Alfred Maury. *Journal des Débats*, 6 out. 1860.

[165] RENAN, E. [Note sur les Recherches sur la religion et le culte des populations primitives de la Grèce, d'Alfred Maury.] *Journal des Débats*, 4 ago. 1855; RENAN, E. Dr A. Sprenger. Discussion sur quelques points de la vie de Mahomet, revu et annoté par E. Renan. *Revue germanique*. T. XII, 31 out. 1860, p. 5-48.

[166] RENAN, E. [Nota a respeito do segundo volume da *Histoire des religions de la Grèce antique*, de Alfred Maury]. *Journal des Débats*, 22 nov. 1857. p. 3.

[167] RENAN, E. *Histoire des religions de la Grèce antique*, par Alfred Maury. Tome I. *Journal des Débats*, 19 mai 1857. p. 2-3.

Uma ou outra. Na formação dessa "tropa", ao menos metade do "imenso trabalho filológico e crítico" foi produzido a partir da teologia. O estudo das línguas orientais, um dos "ramos" mais fecundos da "erudição moderna" que produziu uma "revolução tão profunda" em todas as questões da história do espírito humano, fora introduzido para interpretar as "escrituras". O "sentimento", o "gênio crítico" dos modernos, seus fundadores e seus mais ilustres representantes começaram como teólogos[168].

Tais "missionários" já tinham "descoberto" várias "minas do inédito", repletas de "pérolas preciosas"[169] que precisavam ser "lapidadas"[170]. Somente assim poderiam se tornar "originais" e serem "expostas" para alguns "curiosos". Nessa exposição, era importante deixar claro que o melhor "olhar" direcionado a elas seria aquele que as caracterizasse como "documentos históricos"[171], e até como "monumentos históricos"[172]. No momento em que esses "curiosos" deixassem de ser somente "curiosos" e passassem a melhor conhecer os "detalhes" das "preciosidades", várias especificidades poderiam ser "determinadas", como, por exemplo, suas "datas corretas"[173]. Daí em diante, as "exposições" poderiam se tornar "meios" para se alcançar verdades mais profundas, distantes no passado e discutíveis no presente[174].

---

[168] RENAN, E. Thèses de l'abbé Jallabert présentées devant la Faculté des lettres de Paris : 1° *De Epistolis consolatoriis Beati Hieronymi*. 2° *Examen du livre des Philosophoumena*. *Journal de l'Instruction publique*. T. XXII, n° 70, 31 ago. 1853. p. 547-549.

[169] RENAN, E. *Spicilegium Solesmense, complectens SS. Patrum scriptorumque écclesiasticorum anecdota hactenus opera*, *curante Domno* J.-B. Pitra. T. I. *Journal de l'Instruction publique*. T. 21, nº 100, 15 dez. 1852, p. 667.

[170] RENAN, E. *Le livre de Job*: traduit de l'hebreu – étude sur l'age et le caractère du poème. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1858; RENAN, E. *Le Cantique des cantiques*: traduit de l'hebreu – étude sur la plan, l'age et le caractère du poème. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1860.

[171] RENAN, E. *Lettres de Jean Calvin, recueillies pour la première fois et publiées d'après les manuscrits originaux, par Jules Bonnet. Lettres françaises.* 2 vol. *Journal des Débats*, 4 set. 1855.

[172] RENAN, E. Les Traductions de la Bible. [Sur les travaux de Munk, de Cahen et de Reuss.] *Journal des Débats*, 8 dez. 1858.

[173] RENAN, E. Note sur l'*Histoire des Musulmans de Sicile*, de Michel Amari. *Journal des Débats*, 25 ago. 1855.

[174] RENAN, E. Note sur l'Histoire de la théologie chrétienne au siècle apostolique, par Edouard Reuss. *Journal des Débats*, 2 fev. 1860; _____. Études critiques sur l'Evangile de St Matthieu, par Albert Réville. *Journal des Débats*, 8 ago. 1862.

Uma e outra. Essas discussões, no entanto, poderiam ser variadas. Com ou sem "pérolas", era possível que se refletisse a respeito do passado, do presente[175] e do futuro[176]. Era possível que se pensasse nos aspectos morais, estéticos e epistemológicos localizados nesses "tempos"[177]. A história poderia e deveria ser "crítica" em vários sentidos: ela podia criticar e "julgar" o passado; "tribunal" para a história e para quem escreve história. E assim, a história crítica também procurava assumir o papel de estabelecer as possibilidades do conhecimento, as formas pelas quais a razão poderia "iluminar" algo[178].

Missão muitas vezes angustiante e angustiada, ao menos essa história não era impossível, já que a "idade" do século XIX lhe era propícia. Quando essa "idade" "atual" do "espírito humano" tentava se colocar "nos olhos" de uma "idade" estranha e diferente, cheia de espontaneidade e "parteira" das religiões, sobressaía um "fato imenso": a "consoladora garantia de um futuro misterioso" onde a raça e o indivíduo reencontrariam suas obras e o "fruto de seus sacrifícios"[179]. A história crítica era possível como "uma coisa religiosa", mas seria ela uma ciência?

2.3 - História: a derradeira "ciência à parte" que "descobre" o passado e "ressuscita" (n)o futuro

[175] RENAN, E. Channing et le mouvement unitaire aux États-Unis. *Revue des Deux-Mondes*. Nouvelle période, 2ª série, T. 8, 15 dez. 1854, p. 1085-1107.
[176] RENAN, E. De l'Avenir religieux des sociétés modernes. *Revue des Deux Mondes*, t. XXIX, p. 761-797, 15 out. 1860.
[177] RENAN, E. Qu'est-ce que la religion dans la nouvelle philosophie allemande? *La liberté de penser*, t. VI, p. 341-349, jun-nov. 1850. Inserido nos *Études d'histoire religieuse* com o seguinte título: "M. Feuerbah et la nouvelle École Hégélienne"; RENAN, E. La Tentation du Christ, par M. Ary Scheffer. *Journal des Débats*, 25 abr. 1855; RENAN, E. *Des Beaux-Arts en Italie, au point de vue religieux*, par Ath. Coquerel fils... - Paris, 1857. *Journal des Débats*, 20 mai 1858.
[178] Veja os principais sentidos que a "crítica" assume tanto para Kant (segundo Renan, o "pai da filosofia moderna") quanto para Hegel em: CRÍTICA. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5ª ed. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 223.
[179] RENAN, E. Préface. In: _____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857. p. I-XXVIII.

"Uma das glórias mais puras de nosso país acaba de desaparecer"[180]. Renan iniciava assim o anúncio da morte daquele que tivera para ele "as bondades de um pai": Augustin Thierry (1795-1856)[181]. Antes de passar por "três dias de uma lenta agonia", Thierry ainda ditava uma "ligeira mudança em uma frase" de sua *Conquête de l'Angleterre par les Normands* e, mesmo que fosse "insaciável de perfeição", ele seria o único com o direito de "levar ao túmulo a satisfação da obra acabada".

Renan, porém, não se perdoaria caso deixasse de fazer uma homenagem ao "eminente historiador" que a França perdera[182]. Thierry não precisava de "elogios ordinários", "seus escritos são conhecidos por todos". Não era necessário falar da "vida quase milagrosa", nem da "luta heróica" dessa "lenda"; o objetivo de Renan seria apenas "mostrar o valor científico" de sua obra.

Prova de como as "vocações são irresistíveis", Thierry já sabia desde cedo que a história seria a sua "missão" e a característica do século XIX, assim como foi a filosofia para o século XVIII. Segundo Renan, o "paradoxo" do jovem Thierry tornara-se uma "verdade plenamente realizada" em seu presente: "sim, a história é, em um sentido, a criação própria e original do nosso tempo"[183]. Cada século teria um "gênero particular de literatura" pelo qual se exprimir e, como já se sabia, a "idade" da espontaneidade e das criações originais havia passado. "Precisamente" nesta impotência do presente renaniano estaria a "causa" de sua "superioridade em história". Dentre várias transformações, a "amplidão dos acontecimentos"

---

[180] RENAN, E. [Nota sobre a morte de M. Augustin Thierry]. *Journal des Débats*, 23 mai 1856. No texto original: "Une des gloires les plus pures de notre pays vient de disparaître".

[181] Dentre os diversos estudos que relacionam Thierry e as tensões e possibilidades da historiografia no início do século XIX, destaco os seguintes: BREISACH, E. *Historiography*: ancient, medieval & modern. Second Edition. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1994. HARTOG, François. *O século XIX e a História: O caso Fustel de Coulanges*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora UFRS, 2003; DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012; GAUCHET, M. (org.). *Philosophie des sciences historiques. Textes de P. de Barante, V. Cousin, F. Guizot, J. Michelet, F. Mignet, E. Quinet, A. Thierry*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1988; GAUCHET, M. Les *Lettres sur l'histoire de France* d'Augustin Thierry. In: NORA, Pierre. (dir.). *Les lieux de mémoire* – II: La Nation. 1. Héritage, Historiographie, Paysages. Paris: Gallimard,1986. p. 247-316.

[182] RENAN, E. M. Augustin Thierry. *Journal des Débats*, 5 jan. 1857.

[183] Ibidem. No texto original: "Oui, l'histoire est, en un sens, la création propre et originale de notre temps".

que marcaram o final do século XVIII e o início do XIX formou "uma excelente condição para a inteligência do passado". Mais do que na "rigidez dogmática" do século XVII, mais do que na "aspereza filosófica" do século XVIII, o século XIX era um momento favorável para "compreender movimentos".

"Entendida assim, não é nenhum exagero dizer que a história não tem quarenta anos [...]"[184]. Renan não desconhecia que em outras épocas, desde a antiguidade, houve importantes historiadores. Nesses, entretanto, ele não conseguia encontrar o "sentimento imediato da vida do passado". Especialmente a respeito dos historiadores da antiguidade, que julgariam tudo na "medida do presente", encontrar-se-iam "enormes anacronismos" e contrassensos que faziam "sorrir"[185]. Todavia, para não dizer que o "sorriso" estava apenas junto aos antigos, Renan não demora em colocar Tito Lívio na mesma "altura" que Mézeray[186], pois, nem um, nem outro possuiriam o que o século XIX requereria para a "inteligência crítica de épocas remotas".

Grande parte dessa "conquista" significara a "glória" de Thierry que, desde 1817, partindo de Fauriel, Chateaubriand e Walter Scott, já apresentava as linhas fundamentais de seu método. Segundo Renan, esse momento era dominado pela "antiga escola", ou seja, por uma "história falsa", "medíocre", "erigida em teoria nacional" e com "a intolerância de um dogma". Nomes como os de Millot, Anquetil, Velly e Montlosier são os focos das críticas de Thierry e de Renan[187]. Até havia um "futuro melhor", localizado nas "coleções beneditinas" continuadas pela *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, mas, além de Thierry, poucos eram os leitores, os homens "destinados" a construir "as mais verdadeiras imagens do passado".

---

[184] Ibidem. No texto original: "Ainsi entendue, il n'y a nulle exageration à le dire, l'histoire n'a pas quarante ans [...]".
[185] KOSELLECK, (2006), op. cit.; HARTOG, (2013), op. cit.
[186] Para outros historiadores alvos de críticas de Thierry, veja principalmente: DELACROIX; DOSSE; GARCIA, (2012), op. cit. Especialmente, o primeiro capítulo intitulado "O nascimento da história contemporânea" (p. 13-68).
[187] BREISACH, op. cit; DELACROIX; DOSSE; GARCIA, (2012), op. cit; GAUCHET (1988), op. cit; HARTOG, (2003), op. cit.

Em Thierry, o "ilustre mestre", era possível achar a "intuição direta dos sentimentos e das paixões do passado". Diferente de historiadores voltados à "especulação", que viam "fórmulas gerais" e "desenhos providenciais", Thierry via "a ação dos homens". Tal afirmação não era uma crítica à "escola", que via, nos "casos desse mundo", a "aplicação de leis superiores" já que a história admitiria tanto a teoria abstrata quanto a narrativa minuciosa; bastava olhar o "conjunto" para se perceber as "razões profundas". É assim que a "história teórica" e a "história narrativa" se completariam. É assim que, de alguma forma, como exemplifica Renan, Thierry e Guizot[188] se completariam nessa "grande obra".

Dessa tensão sairia o "charme" dos escritos de Thierry. Todas as "classes de leitores" poderiam neles compreender a "natureza humana" graças à sua qualidade de um historiador (que, aliás, deveria ser a de todos) em mostrar imagens e personagens com "expressão" e "relevo", revestidas de "luz e vida"[189]. Nesse "gênero de restituição", poucos historiadores teriam superado Thierry; ele sabia "tirar" e "descobrir" nas "letras mortas" tudo sobre as relações sociais e costumes de outras épocas. Quando Renan fazia algumas pesquisas para Thierry, ficava admirado com a "viva e rápida" "*opération*" pela qual o "mestre" tomava o "documento original", o "envolvia" e o assimilava à sua narrativa. Mesmo quando os "olhos debilitados" de Thierry não permitiam a leitura dos "monumentos escritos", seu "dom singular de intuição" era levado à arquitetura. Assim como na "visão de Ezequiel", nada de importante escapava dos olhos de Thierry cujo "sopro fecundo" de "eminente historiador" transformava "ossadas dispersas" em homens vivos.

A "alma" dessa história, de acordo com Renan, saía do conjunto de ideias chamadas de liberalismo pela Restauração. A ideia das "*nationalités*", "base de seu sistema histórico", muito se relacionaria com as lutas políticas nas quais Thierry teria se envolvido durante a

[188] DELACROIX; DOSSE; GARCIA, (2012), op. cit; GAUCHET (1988), op. cit.
[189] Cf. CEZAR, Temístocles. Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. *História Unisinos*, vol. 8, n. 10, p. 11-34, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_historia/vol10n8/07historian10vol8_artigo01.pdf>. Acesso em: 18 agosto 2011; HARTOG, (2003), op. cit.; GAUCHET (1988), op. cit.

juventude. Devido a esse aspecto, Thierry foi criticado pela falta de "impessoalidade passiva"; ele não atenderia a necessidade de apenas reproduzir, sem transformações, os "dados" documentais. Renan se apressa na defesa. Primeiro, lembrando que a "inteligência do presente" era fundamental para a história. Segundo, utilizando como exemplo os "mestres" beneditinos que, ao publicarem documentos, colocaram uma "condição da história", mas não a fizeram. Para quem não sabia "animá-los", os documentos eram mudos.

Com esse primeiro texto, Renan tentava responder às críticas feitas a Thierry e procurava esclarecer que a escola chamada "beneditina" (a partir da congregação de Saint-Maur) tinha "[...] como missão fornecer os materiais da história [...]"[190]. Desse modo, haveria uma diferença com relação ao momento de Thierry, que descobria os documentos no sentido de dar-lhes novos valores e usos para a escrita da história.

Antes de qualquer coisa, essa "renovação dos estudos históricos" teria se dado pela iniciativa de três ministros: M. Guizot, M. Villemain, M. Cousin[191]. A história política, literária e filosófica ganharia novas "vistas" e a ciência conseguiria, a partir desses homens, tantos textos quanto um compilador poderia fornecer. Renan, entretanto, não gostaria de voltar ao debate a respeito das (im)possibilidades da escrita da história quando relacionada à vida política. Ele apenas salientaria que a "Restauração" junto ao "liberalismo" seria fundamental para "toda produção intelectual".

De volta aos escritos de Thierry, outro problema da historiografia precisava de uma resolução mais urgente: preocupar-se unicamente com a "exatidão dos detalhes" ou fazer também "generalizações ousadas"? "A história, como a entendeu o Sr. Thierry, é muito menos verdadeira no detalhe que no conjunto"[192]. E, para Renan, era necessário escolher entre

[190] RENAN, E. M. Augustin Thierry. *Journal des Débats*, 7 jan. 1857. No texto original: "[...] a pour mission de fournir les matériaux de l'histoire [...]".
[191] A respeito desses ministros e de tantos outros "desbravadores" do passado, veja: BREISACH, op. cit; DELACROIX; DOSSE; GARCIA, (2012), op. cit; GAUCHET (1988), op. cit; HARTOG, (2003), op. cit.
[192] RENAN, E. M. Augustin Thierry. *Journal des Débats*, 7 jan. 1857. No texto original: "L'histoire comme l'entendue M. Thierry est beaucoup moins vraie dans le détail que dans l'ensemble".

os "dois sistemas", ou seja, entre o primeiro que faria apenas a "história geral", traçando as grandes linhas de revoluções e o segundo, que aceitaria as "circunstâncias", não como "verdade absoluta", e sim como traços de costumes dignos de consideração.

Com ou sem detalhes, era incontestável a necessidade dos documentos para que a história chegasse à verdade. O problema, no entanto, surgiria com a "descoberta" de novos documentos e, consequentemente, de erros circunstanciais de alguns historiadores. Por conta disso, outras reprovações cairiam sobre Thierry. Mais uma vez, Renan se apressa na defesa. Para ele, todas as generalizações seriam atacáveis e a única maneira de fugir dos ataques seria limitar-se às "insignificantes particularidades". Mas essa história, sem imaginação, que apenas reproduz documentos, além de ser a "mais falsa de todas", caracterizaria uma "mentira". Já a maneira que Thierry fazia história... Essa sim tinha mais chances de alcançar a verdade. "A história, aliás, é uma arte tanto quanto uma ciência [...]"[193]. A "perfeição da forma" era tão essencial quanto a perfeição das especificidades. Também nesse quesito, Thierry seria incomparável. Sua "pintura" resultaria dos "fatos vivamente apresentados", sem "tons salientes" e sem "procedimentos artificiais de *couleur locale*"[194].

Há poucos meses, a França perdeu Thierry: "mestre" da história, escritor "incomparável" e "sucessor" dos beneditinos. E a "morte do pai" (des)fechava o texto de Renan pelo menos em duas direções. Na primeira, indicava-se como a religião nunca tinha sido objeto das histórias de Thierry e, mesmo quando fora, aparecia subordinada à política. O "mestre" pouco se voltava às "especulações ideais", pouco sabia da "forma teológica dos dogmas". Suas considerações eram "*considérations de fait*". E, na segunda direção, a "grande lição moral" de Thierry confortava. Seu "espírito de investigação", seu "apetite de verdade" faziam "abraçar" e "suportar" a vida com "ardor" e "coragem". Antes de morrer, Thierry

[193] RENAN, E. M. Augustin Thierry. *Journal des Débats*, 7 jan. 1857. No texto original: "L'histoire d'ailleurs est un art autant qu'une science [...]".
[194] Cf. CEZAR, (2004), op. cit.; HARTOG, (2003), op. cit.; GAUCHET (1988), op. cit.

"sussurrava" algumas correções em suas obras, e Renan "escutava": "a imortalidade consiste em trabalhar em uma obra imortal, tais como são a arte, a ciência, a religião [...]"[195].

Enunciar a perda e tornar-se um homem da dívida, entretanto, não o levaria a negar a dúvida: a história seria uma ciência? Em agosto de 1863, "à beira-mar", Renan a compartilhou com o químico e correspondente de longa data, Marcellin Berthelot (1827-1907)[196]. Logo no princípio desse artigo, Renan questionava se, com o seu "apego" à "ciência histórica da humanidade", a melhor escolha teria sido feita. Ele se lamentava de "ter apenas uma vida" toda vez que conversava com Berthelot e Claude Bernard[197].

Como é típico dos diálogos, Renan iniciou por uma questão: o que seriam os três ou quatro mil anos de história conhecíveis no "infinito da duração que nos precedeu"? "Nada"; foi a resposta de Renan, ainda mais com a indiferença aos resultados advindos das ciências naturais. Responder a essa pergunta, no entanto, significava mais, pois era necessário dizer que a história possuía dois sentidos. Um sentido ordinário, que constituiria "a série de fatos que sabemos do desenvolvimento da humanidade" e um sentido verdadeiro, no qual a história é "entendida como o quadro do que podemos saber do desenvolvimento do universo". Não apenas dois sentidos, mas também dois sentimentos se oporiam no "estudo crítico do passado": as paixões e a frieza. Mesmo que as paixões suscitassem a pesquisa do passado, era na "frieza" e no "desprendimento" que estaria a "condição indispensável da descoberta da verdade"[198]. Segundo Renan, se as ciências históricas deixassem o público tão "calmo" como a química, elas seriam "mais avançadas". Pelo menos, tal perigo faria também sua nobreza. A história, apesar de sua ligação íntima com a política e com a moral, teria o direito de se consolar do desdém que encontrava nos amigos de Berthelot. Mas quando Renan pensasse o

[195] RENAN, E. M. Augustin Thierry. *Journal des Débats*, 7 jan. 1857. No texto original: "L'immortalité consiste à travailler à une œuvre immortelle, telles que sont l'art, la science, la religion [...]".
[196] RENAN, E. Les sciences de la nature et les sciences historiques. *Revue des Deux Mondes*, t. 47, p. 761-774, 15 out. 1863. Veja também: BERTHELOT, M; RENAN, E. *Correspondance*: 1847-1892. Paris: Calmann Lévy, 1898.
[197] A respeito dos "contatos" entre esses nomes e os historiadores em meados do século XIX, veja principalmente, DELACROIX; DOSSE; GARCIA, (2012), op. cit.
[198] Cf. ARAUJO; MOLLO; VARELLA; MATA, (2008), op. cit; MARTINS, (2010), op. cit.

que seria das ciências históricas caso fossem "cultivadas por espíritos filosóficos afastados dos costumes estreitos do humanista", ele se encorajaria a prosseguir suas pesquisas. Somente aqueles que não as compreendessem, as tratariam como "curiosidades inúteis".

Essas foram apenas suas considerações mais gerais. O grande agente do texto de Renan e da história estava para entrar em cena: "o tempo me parece cada vez mais o fator universal, o grande coeficiente do eterno 'vir a ser'"[199]. Definia-se aqui, um percurso para o texto, pois, com esse pressuposto, todas as ciências estariam "escalonadas por seu objeto em um momento da duração". Cada uma delas teria por missão "ensinar" um período da "história do ser". Quantos seriam esses "períodos"? Sete. Alguma analogia com as sete idades do mundo de Santo Agostinho?[200] Talvez. O foco do texto, no entanto, foi o de explicar quais ciências "revelariam" os períodos.

O sétimo, último e "atual" período foi denominado por Renan como histórico. Desse modo, a responsável pela "revelação" dessa época deveria ser a "mais jovem de todas as ciências", a história. Para que ela fosse escrita, a humanidade teve de chegar antes, a um "estado muito avançado de reflexão" e, por isso mesmo, não se podia esquecer do quanto os "prodígios da indução científica" oitocentista conseguiram "muito recuar os marcos da história". Com a "filologia e a mitologia comparadas", era possível atingir "épocas bem anteriores a todo documento escrito". No encontro com outras ciências, delimitavam-se as possibilidades da escrita da história: a existência de documentos escritos.

De qualquer modo, com a filologia e a mitologia, estava "aberto" um período da produção de mitos e de linguagem, o sexto período, ou ainda, o período da "humanidade inconsciente". Antes de escrever, o homem falaria e criaria mitos. Para Renan, ao abordar essas "fontes", que seriam conservadas "intactas durante milhares de anos", estaríamos em

[199] RENAN, E. Les sciences de la nature et les sciences historiques. *Revue des Deux Mondes*, t. 47, p. 761-774, 15 out. 1863. p. 762. No texto original: "Le temps me semble de plus en plus le facteur universel, le grand coefficient de l'éternel 'devenir'".

[200] Cf. HARTOG, (2013), op. cit. Especialmente o capítulo 2: "Ulisses e Santo Agostinho: das lágrimas à meditação". p. 65-92.

contato com as "origens da consciência humana". Não por acaso, essas duas ciências poderiam ser mais bem definidas como uma "história pré-histórica".

Mas era possível recuar ainda mais, descer mais alguns degraus. Por meio de ciências como a geologia, a zoologia e a antropologia, seria permitido expandir o "horizonte" para além das origens da "consciência humana". Enquanto a filologia era a história antes da reflexão, a antropologia poderia ser a história antes da linguagem. E a geologia? Para Renan, os estudos das camadas geológicas serviriam na comprovação de que o desenvolvimento da humanidade se daria de forma lenta e sempre em relação aos períodos precedentes. O geólogo se tornaria historiador na abertura do quinto período; momento do desenvolvimento individual de cada planeta, em especial, das "evoluções" sucessivas da Terra. "Outros" se tornam historiadores, mas o vocabulário da história desce a "escada", transforma e procura transtornar outras ciências. Renan aguardava o dia em que a zoologia seria histórica, ou seja, dia em que ela não se limitaria a descrever a fauna existente e tentaria descobrir como ela adquiriu a forma "presente". Ao menos, ousadia não faltava, já que a zoologia e a botânica, nessa "ciência dos tempos primitivos", podiam ser pensadas como "os mais antigos documentos da história da vida".

"Mas nossa ciência histórica para aí"[201]? Segundo Renan, era possível continuar. A astronomia já teria realizado o trabalho de ultrapassar toda concepção planetária. Assim, a Terra se caracterizaria somente como um indivíduo de um conjunto mais amplo. Eis o quarto período, intitulado, "período planetário", no qual sistemas se desprenderiam de uma massa central, passando a ter um desenvolvimento individual. Especialmente a terra começaria a existir. Caso o leitor se confundisse, Renan ajudaria com um exemplo: o *Système du Monde* de Laplace seria a história de uma época pré-terrestre, ou do mundo antes da formação da Terra, ou ainda da Terra em sua unidade com o sol. Quase que unido ao quarto, o terceiro

[201] RENAN, E. Les sciences de la nature et les sciences historiques. *Revue des Deux Mondes*, t. 47, p. 761-774, 15 out. 1863. p. 766. No texto original: "Mais notre science historique s'arrête-t-elle là?".

período receberia o nome de período solar. Ainda com a astronomia, era perceptível que a história do mundo significaria a história do sol. As galáxias e a via láctea se tornariam documentos de uma história muito antiga, pré-terrestre.

O sol, porém, era apenas mais um de sua "espécie". Ir além, portanto, era mais do que possível, o problema é que a astronomia teria dificuldades para ultrapassar tal período. Nesse ponto, a química de Berthelot, com suas "soberanas clarezas", abria o período molecular, "a história do mais velho período do mundo, a história da fundação da molécula"[202]. Aliás, a molécula também poderia ser fruto do tempo. Anterior à química, contudo e ao menos de forma "virtual", estaria a física mecânica. O período atômico, primeiro e mais antigo, nos transportaria para um mundo composto de forças desprovidas de toda qualidade química. "Assim, a mecânica me parece a ciência mais antiga devido ao seu objeto"[203].

Renan até cogita ir mais longe, a partir da matemática, da lógica e da metafísica. O imbróglio estava no fato de que essas ciências, ao contrário das tratadas até aqui, seriam ciências do "eterno" e do "imutável", de modo algum "históricas" e "experimentais", sem relação com a existência e com os fatos, enfim, fora da realidade. O certo era que, na "ordem da realidade", haveria um desenvolvimento escalonado, segundo o tempo, em sete períodos.

"Em suma, o que chamamos de história é a história da última hora, como se para compreender a história da França estivéssemos reduzidos a saber o que se passou há uma dezena de anos"[204]. Além disso, ao descer essa escadaria, Renan percebeu que o tempo até poderia explicar o universo, mas sozinho, ele ficaria "eternamente estéril". Um segundo elemento explicativo foi então inserido: a "tendência ao progresso". Tratava-se de um "necessário" e permanente "ser cada vez mais", de "uma mola íntima" que empurraria tudo à

---

[202] RENAN, E. Les sciences de la nature et les sciences historiques. *Revue des Deux Mondes*, t. 47, p. 761-774, 15 out. 1863. p. 767. No texto original: "L'histoire de la plus vieille période du monde, l'histoire de la fondation de la molécule".
[203] Ibidem, p. 768. No texto original: "La mécanique me semble ainsi la science la plus ancienne par son objet".
[204] Ibidem, p. 768. No texto original: "En somme, ce qu'on appelle l'histoire est l'histoire de la dernière heure, comme si, pour comprendre l'histoire de France, nous étions réduits à savoir ce qui s'est passé depuis une dizaine d'années".

vida. Recuar ao máximo os limites do passado e "descobrir" os elementos que o explicam não bastava. Depois de chegar ao "porão", "abraçado" com "tanto amor" à história, algo voltou a desassossegar. Renan então se questiona: desta "longa história" conhecida, "podemos traçar alguma indução sobre o futuro"? Renan faz duas: primeiramente, afirma que o "infinito do tempo" seria depois de "nós", o que fora antes de "nós", ou seja, diferente. Tudo que tivesse começado acabaria – inclusive a humanidade. Mas, em segundo lugar, a consciência não acabaria. O "triunfo do espírito", da ciência, esse "verdadeiro reino de Deus", permaneceria. Diante disso, como afirma Renan ao final de seu texto, nesta "teologia" "nós" até poderíamos "ressuscitar".

A resposta de Berthelot, entretanto, colocaria a discussão em outros termos[205]. Diferentemente de Renan, o químico marcaria a diferença das ciências localizando-as em dois "métodos" distintos: o "positivo" e o "ideal". Desse modo, a "ciência positiva" estabeleceria "fatos" fundados, nunca de forma "incerta" e "obscura", mas sim na "observação" e na "experiência". E, a "ciência ideal", envolvendo o "possível" e o "hipotético", trataria de "causas primeiras" e do "fim das coisas". Para o químico, as duas seriam legítimas, até porque toda a concepção de conjunto seria impossível sem a mistura de ambas.

Diante de tal proposta, porém, e entre todas as ciências, onde colocar a história? Segundo Berthelot, em um grupo "à parte". As leis da história seriam mais difíceis de descobrir que as do mundo físico; a experimentação não interviria e a observação seria incompleta. Berthelot até aproveita, ao final de seu texto, para "conversar" com Renan:

> "Vós sabeis melhor do que ninguém, por quais maravilhosos artifícios de adivinhação, apoiados sobre os indícios mais diversos, o historiador suplementa essa eterna impotência, e reconstrói, em parte pelos fatos, em parte pela imaginação, um mundo que ele não conheceu, que ninguém nunca voltará a ver"[206].

---

[205] BERTHELOT, Marcelin. La science idéale et la science positive. *Revue des Deux Mondes*, t. 47, p. 443-459, nov.-dez. 1863.

[206] BERTHELOT, Marcelin. La science idéale et la science positive. *Revue des Deux Mondes*, t. 47, p. 443-459, nov.-dez. 1863. p. 457. No texto original: "Vous savez mieux que personne par quels merveilleux artifices de divination, appuyés sur les indices les plus divers, l'historien supplée à cette éternelle impuissance, et reconstruit,

Parece que quando a história está em jogo, os diálogos (des)respeitam a morte (ou, ao menos tentam). Em 1898, seis anos após a morte de Renan, foi publicada uma obra que reunia as correspondências trocadas entre Berthelot e Renan (de 1847 a 1892)[207]. Em sua introdução, Berthelot – já conhecido pelos seus trabalhos em química e em história das ciências – narrou como as características intelectuais e morais de Renan sempre os fizeram estreitar as relações, mesmo com todas as "peripécias da existência". O primeiro encontro entre os dois teria ocorrido somente quando Renan decidiu abandonar a carreira clerical em 1845. Essa decisão, segundo Berthelot, pôde se consolidar graças às relações entre ambos os "espíritos filosóficos"; entre as "certezas das ciências físicas e naturais" e as "aberturas" que Renan já possuía para as "ciências das línguas e da história".

Em 1876, os dois artigos que acabamos de ler foram publicados em um livro de Renan intitulado *Dialogues et fragments philosophiques*[208]. Com uma dedicatória a Berthelot, Renan também marcava a data em que os dois começaram a "pensar juntos": "você tinha dezoito anos, eu tinha vinte e dois". Esses "trinta anos" de pensamentos "entrelaçados", no entanto, poderiam gerar algumas dificuldades, pois essa "íntima associação intelectual" impossibilitava reconhecer de quem realmente seriam as ideias expostas em seu livro; para Renan, era como tentar partilhar os membros do filho entre o pai e a mãe.

Em agosto de 1863, "à beira-mar", a intimidade era quase a mesma, e a dúvida outra: a história seria uma ciência? Qual tipo de ciência? Para Renan, a história deveria ser reconhecida como "A" ciência do século XIX, mesmo diante do desdém dos amigos de Berthelot. Esse químico, por sua vez, estava certo de que a história era uma ciência incontornável e incomparável, enfim, "à parte". As "bondades de um pai", de um "mestre", de

---

en partie par les faits, en partie par l'imagination, un monde qu'il n'a pas connu, que perssone ne reverra jamais".

[207] BERTHELOT, M; RENAN, E. *Correspondance*: 1847-1892. Paris: Calmann Lévy, 1898.

[208] RENAN, E. *Dialogues et fragments philosophiques*. 4. ed. Paris: Calmann Lévy, Éditeur, 1876.

Thierry, entretanto, ensinaram a Renan que a história guardava com relação à ciência, à arte e à religião uma importante similitude: todas elas eram obras imortais, ensejavam a imortalidade.

Por meio de seus estudos em história das religiões, Renan parece ter compreendido a religião da história. O cristianismo, religião marcada pelo sentido da espera, foi o cerne das preocupações desse erudito que repetia inúmeras vezes o quanto essa religião esperava pelo sentido construído pelo historiador e pela história. Isso não significava, contudo, a ausência de trocas e travessias entre os sentidos cristãos e os sentidos historiográficos. Por meio das filosofias da história (a primeira delas bíblica, aliás) a própria história desenvolvia outros movimentos singulares e intrínsecos. Para tanto, não se pode esquecer, era necessário que a história fosse crítica, no sentido do trabalho minucioso com os documentos, regra fundamental da "grande obra", também conhecida como "história crítica do espírito humano".

Por isso, talvez seja o momento de levar os leitores ao convite e à missão iniciais de Renan em 1849, buscando caminhar em outras direções no intuito de compreender os lugares, as regras e as tensões dos quais emergia aquela história que se tornava ciência e filosofia a partir da "escrupulosa análise dos pormenores". Essas serão as missões presentes do capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3
A ESCRITA E OS SENTIDOS DA HISTÓRIA NO SANTUÁRIO DA ERUDIÇÃO

No ano de 1863, Renan (se) declarava: "se o amor por um assunto pode servir para compreendê-lo, reconhecer-se-á também, eu espero, que não me faltou essa condição"[209]. O amor por um assunto, pelo passado, pela história, por sua "presença" naquele presente e, antes de qualquer coisa, pela sua verdade parece se caracterizar, nesse momento, como uma condição, como uma regra para se escrever a história. Com isso, pode-se perguntar: donde emanaria esse amor?

Talvez, o título do presente capítulo nos ajude a intuir uma resposta: ora, do santuário da erudição. Surgiriam então, no mínimo, duas novas questões: o que foi o "santuário da erudição"? *Onde fica*? Por meio dos sentidos construídos neste capítulo, que procura compreender as relações de Renan com algumas instituições, entre os anos de 1848 e 1863, seria possível dizer que tal santuário foi o "encontro" entre três *lugares*: a *Société Asiatique*, a *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* e, até certo ponto, o *Collège de France*. Essa definição de espaços e de "endereços" recebe, porém, uma dimensão temporal quando confrontada às palavras de um ilustre membro dessas instituições, Jules Mohl (1800-1876): "[...] é preciso não esquecer que estamos apenas na entrada do santuário, que há séculos de esforços diante de nós [...]"[210].

Com o encontro desses endereços espaço-temporais em mente, pode-se dizer de outro modo que, ao estudar a escrita e os sentidos da história de Renan, nesses lugares e, em meados do século XIX, o presente capítulo procura narrar algumas histórias das regras, aventuras e desventuras de certos amores seculares que emergiram no santuário da erudição.

---

[209] RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863. p. LVIII. No texto original: "Si l'amour d'un sujet peut servir à en donner l'intelligence, on reconnaîtra aussi, j'espère, que cette condition ne m'a pas manqué".

[210] MOHL, J. Rapport sur les travaux du Conseil pendant l'année 1849-1850, fait à la séance générale de la Société. *Journal Asiatique*, jul.-dez., 1850. p. 130. No texto original: "[...] il ne faut pas oublier que nous ne sommes qu'à l'entrée du sanctuaire, qu'il y a des siècles d'efforts devant nous[...]".

3.1 - Na entrada do santuário: ceifas, rastos e restos

No dia três de maio de 1847, um numeroso e brilhante grupo de ouvintes foi seduzido, como de costume, pela sessão pública anual das *cinq académies* que compunham o *Institut de France*. Tocqueville, diretor da *Académie française*, presidiu e fez o discurso de abertura dessa sessão na qual foi conhecido o vencedor do concurso de linguística fundado pelo conde de Volney[211]. Organizado pela *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* e, desde 1842, transformado em laurel para trabalhos de filologia comparada, o prêmio *Volney* de 1847 contou com dois escritos concorrentes: o primeiro, de Renan, intitulava-se *Essai sur les langues sémitiques* e o segundo, de Alexandre Pillon, era um *Dictionnaire des synonymes grecs*. Mesmo que o último esbanjasse "sagacidade", a comissão concedeu a medalha de ouro, no valor de "1,200 fr.", a Renan e a seu extenso, sábio e erudito trabalho no qual o hebreu e as línguas semíticas foram consideradas ora em seus mais íntimos detalhes gramaticais ora nas suas mais elevadas relações com as leis da gramática geral[212]. Após esse primeiro momento de distinção, importantes membros da *Académie des sciences*, da *Académie des beaux-arts* e da *Académie des sciences Morales et politiques* fizeram algumas apresentações e a sessão terminava, então, com vivos aplausos à leitura de algumas fábulas[213].

Um ano depois, a *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*[214] "coroou" novamente Renan, dessa vez, pelos seus cinco cadernos manuscritos, enviados à secretaria do *Institut*, nos quais tratava da história do estudo da língua grega entre os séculos V e XIV[215]. A AIBL havia proposto, desde 1845, um prêmio para aquele que abordasse a questão "*Histoire de l'étude de la langue grecque dans l'occident de l'Europe, depuis la fin du cinquième siècle jusqu'à celle*

[211] Constantin-François Chassebœuf de La Giraudais (1757-1820) ou, *comte Volney* foi um importante orientalista e membro do *Institut de France*.
[212] Devido a valores remanescentes de concursos anteriores, Pillon recebeu um prêmio na mesma quantia.
[213] INSTITUT Royal de France. *Journal géneral de l'instruction publique*, t. 16, n. 35, p. 342, 05 mai 1847.
[214] A partir daqui, utilizarei, em diversos momentos, AIBL para *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*.
[215] RENAN, E. *Histoire de l'étude de la langue grecque dans l'Occident de l'Europe depuis la fin du Ve siècle jusqu'à celle du XIVe*. Paris: Les éditions du Cerf, 2009.

du quatorzième", mas não recebeu qualquer memória sobre o assunto, por isso, devido à importância do tema, houve a decisão de prorrogar o concurso até primeiro de abril de 1848[216].

Dentre os elementos mais gerais que aproximam e, quase engrenam esses dois trabalhos, sobressaem os seguintes: a capacidade e a necessidade de, para bem entender a Europa e suas fronteiras temporais e culturais, lidar historicamente com culturas não-europeias e não-judaico-cristãs[217]; a historicidade que não se satisfaz em "penetrar" somente a(s) língua(s), mas também necessita de um "repouso" sobre e dentro dos próprios métodos de compreensão da linguagem e; o "amor ao verdadeiro", ou, dito de outra forma, à crítica minuciosa, erudita e filológica que constitui uma história baseada na busca da verdade a partir de documentos autênticos e originais, capazes de *provar* uma realidade passada.

Dois trabalhos de Renan premiados, respectivamente, em 1847 e 1848, pela AIBL e que historiaram as línguas e o próprio estudo delas: eis, em resumo, mais aspectos que relacionam tais escritos. Por enquanto, contudo, tratarei apenas da obra a respeito do estudo das línguas gregas, publicado somente em 2009, deixando o trabalho das línguas semíticas para o "momento" de sua publicação, em 1855, com o intuito de articulá-lo às recepções e às mudanças de método empreendidas naquele ano.

Essa escolha narrativa é também uma maneira de enfatizar as "primeiras escolhas" do Ocidente[218], já que só se podia bem compreender o "cultivo" do grego durante a Idade Média caso tal período não fosse mais considerado iletrado e bárbaro, e isso, graças à continuidade

---

[216] FRANCIS, Guessard. Séance publique annuelle de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres [30 juillet 1847]. *Bibliothèque de l'école des chartes*. 1847, tome 8. p. 510-516. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6237_1847_num_8_1_452090>. Acesso em: 20 abr. 2014; SÉANCE publique annuelle de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres [1er septembre 1848]. Bibliothèque de l'école des chartes. 1849, tome 10. pp. 69-79. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6237_1849_num_10_1_452205>. Acesso em: 20 abr. 2014.

[217] SAID, E. W. *Orientalismo:* o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

[218] HARTOG, F. As primeiras escolhas. In: HARTOG, François. *Evidência da história*: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 19-36.

da tradição da cultura clássica da Antiguidade. A prova de que o trabalho intelectual nunca havia parado na Europa se localizava na transmissão, às nações modernas, da civilização nascida sobre o solo da Grécia e modificada pelo espírito original de Roma e pelas nações germânicas[219].

A existência do estudo da língua grega no decorrer da Idade Média, contudo, não simbolizava um conhecimento real do "gênio" ou do "espírito" grego nesse período. A filologia e a criação literária medievais, para Renan, foram capazes de produzir apenas um saber incompleto e pouco inspirador da verdade e da espontaneidade antigas. A causa desse conhecimento parcial estava na incapacidade desse período em "mergulhar" *diretamente nas fontes* da antiguidade[220].

Essa ausência do *original* permitiu, então, ao medievo, um conhecimento "prático" e "suficiente" da língua grega e, ao mesmo tempo, impediu que tal período conhecesse a Grécia de maneira completa e fecunda. Nessa tensão entre os modos de se conhecer os antigos, para Renan era certo que, pelo menos, duas "faces do espírito grego" foram alcançadas: a filosofia e a ciência, e, nessas duas faces, tanto no Oriente quanto no Ocidente medievais, um dos nomes fundamentais a ser conhecido era o de Aristóteles[221].

Apesar desses limites do estudo, Renan não diminuiu a importância de sua empreitada que, recolhendo "cuidadosamente os rastros" medievais, buscou completar o quadro da literatura e da filosofia dessa época, descobrindo, portanto, a influência do estudo do grego para a direção que as ideias tomaram no medievo e, consequentemente, no "espírito moderno". Cuidadoso com os traços do passado que revelavam a direção das ideias e dos

[219] RENAN, E. Introduction. In: RENAN, E. *Histoire de l'étude de la langue grecque dans l'Occident de l'Europe depuis la fin du Ve siècle jusqu'à celle du XIVe*. Paris: Les éditions du Cerf, 2009. p. 75-86.
[220] Ibidem. p. 76-77.
[221] Ibidem. p. 77-78.

pensamentos, Renan construiu, assim, uma história da filosofia e da literatura na Idade Média para "satisfazer as intenções da Académie"[222].

Para atender à questão proposta pela AIBL, entretanto, faltavam algumas palavras basilares na obra historiadora: as palavras de método. E, dizê-las, significou, primeira e fundamentalmente, contar aos leitores quais foram as principais fontes que ofereceram os "detalhes necessários" à composição desse trabalho de Renan. Com o objetivo de "satisfazer" a lei que uniu fontes e método, talvez, nada melhor do que dedicar a primeira referência documental à *Histoire littéraire de la France*. Encetado pelos beneditinos e continuado por membros da AIBL, esse "precioso repertório" e "verdadeiro arquivo da literatura" situa-se no texto renaniano junto a uma lista de coleções, catálogos e bibliotecas que forneceriam detalhes e caminhos de fontes originais. Trabalhos como esses de "segunda mão", ou seja, produzidos por intermediários e com menor grau de originalidade poderiam até ser utilizados, contanto que possuíssem a "aprovação da crítica" *savante*. A autorização dos pares dependia, também, de uma autoridade do trabalho por ele mesmo, uma autoridade obtida apenas quando ele fornecesse "sem cessar" os meios de controlá-la: a segunda narrativa, ou, as notas de rodapé eram um local de destaque no "santuário textual"[223]. A fonte da autoridade estava nas fontes, mas nem todas as fontes possuíam a mesma autoridade, pois os *rastros* ainda vivos da cultura da língua grega deveriam ser pesquisados nos *manuscritos*. A "fisionomia" desses "preciosos" documentos encantava e poderia cantar sobre os "hábitos intelectuais" de determinadas épocas e países. E, por isso mesmo, possuíam características relativas ao seu tempo e a seu espaço que deviam ser consideradas. Isso, porém, não impedia que Renan louvasse o grande brilho de tais documentos, ou seja, a possibilidade de ler as folhas às quais foi confiado "inocentemente o pensamento íntimo dos séculos passados". Os caracteres do

[222] RENAN, E. *Histoire de l'étude de la langue grecque dans l'Occident de l'Europe depuis la fin du Ve siècle jusqu'à celle du XIVe*. Paris: Les éditions du Cerf, 2009. p. 79-80.
[223] GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Tradução: Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papirus, 1998.

passado traçados com cuidado ou com uma "mão hesitante" poderiam revelar muitas coisas[224].

E por falar em autoridade, manuscritos e notas de rodapé, pode-se supor que a referência à *Histoire littéraire de la France* dos beneditinos e da AIBL não foi o bastante. Em uma das primeiras notas de rodapé dessa história do estudo da língua grega, Renan dispôs a seguinte informação: "a *Paléographie grecque* de Montfaucon, as viagens de Montfaucon e de Mabillon a Itália serviram-me para os manuscritos que não pude ver"[225]. Os dois nomes citados por Renan, Jean Mabillon (1632-1707) e Bernard de Montfaucon (1655-1741), foram importantes membros e incentivadores da primeira das grandes instituições da pesquisa histórica entre os séculos XVII e XVIII, ou, como caracterizou Renan, um dos "verdadeiros *ateliers* do trabalho científico": a Congregação beneditina de *Saint-Maur*. Primeiramente, Mabillon enunciou a definição de uma história *savante*, erudita, na qual a primeira regra seria a do "amor da verdade", ou seja, caberia à história pesquisar a verdade a partir de documentos autênticos. Esse erudito beneditino deu, assim, outro sentido a palavra "historiador". Não seria suficiente ressuscitar caracteres e paixões do passado, o historiador deveria trabalhar pela prova em história, produzir arquivos, confrontar as cópias com os originais de documentos, coletar, acumular, conservar e divulgar fontes, além de aperfeiçoar seus métodos para, enfim, estabelecer a autenticidade dos materiais. Inserido nesse conjunto de regras, Montfaucon revolucionaria um domínio particular da erudição com o desenvolvimento dos estudos gregos. Voltando-se à paleografia e à arqueologia gregas, ele pode ser considerado o fundador da paleografia grega. Esse papel de destaque muito se deveu às suas grandes obras

[224] RENAN, E. *Histoire de l'étude de la langue grecque dans l'Occident de l'Europe depuis la fin du Ve siècle jusqu'à celle du XIVe*. Paris: Les éditions du Cerf, 2009. p. 80-82.
[225] Ibidem. p. 83. No texto original: "La *Paléographie grecque* de Montfaucon, les voyages de Montfaucon et de Mabillon en Italie m'ont servi pour les manuscrits que je n'ai pu voir".

resultantes da viagem realizada à Itália (1698-1701) e aos catálogos de manuscritos gregos, dentre eles, um que contava com mais de 11636 manuscritos[226].

As missões idealizadas por esses eruditos dependiam e faziam parte de um trabalho coletivo e, por isso, a constituição dessa história erudita se deu em instituições – destacando aqui a França – como a *Congrégation de Saint-Maur*. Regras, obras e missões foram desenvolvidas nesse local e, muitas delas, foram seguidas pela instituição que também contou com a presença de Mabillon e Montfaucon: a *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. Premiado por esse *lugar* em 1848, o estudo de Renan propôs uma pesquisa paciente, cuidadosa, minuciosa e filológica de fontes autênticas e originais para nelas encontrar a direção das ideias e dos pensamentos nos tempos medievais. Escrito aproximadamente um século após a morte de Mabillon e de Montfaucon, o estudo renaniano parece salientar que compreender essa direção das ideias passadas implicava também saber da marcha que, nascendo na Grécia antiga, desaguava, necessariamente, no "espírito moderno". Recolher os traços, os rastros, os vestígios e compreender a marcha: a história entre filologia e filosofia, entre erudição e direção/sentidos, entre o particular/monográfico e o geral/síntese.

A multiplicação desses "entres" da historiografia oitocentista foi possível, inclusive, pela sua autorreflexão, ou seja, por compreendê-la como parte do "espírito moderno". Dessa forma, a própria história não pôde escapar de sua modernidade, que enfatizou a dimensão processual, progressiva, temporal e histórica das coisas. Assim, historiar as línguas, o estudo delas no passado e os próprios saberes que, no século XIX, permitiam a "penetração" desse passado foram algumas das preocupações de Renan. Em um dos textos exemplares para essa questão, também de 1848, Renan tomou uma obra a respeito da história da filologia clássica e

[226] Encontrei essa definição que Renan forneceu para as congregações monacais eruditas no livro *Les Académies de l'histoire*, de Blandine Barret-Kriegel. No presente trabalho, sigo especialmente os argumentos dessa autora. Veja: KRIEGEL, B. *L'histoire à l'Age classique. III. Les académiens de l'histoire*. Paris, PUF, 1996. Veja também: PAYEN, P. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança? *História da historiografia*, ouro preto, n. 6, mar. 2011, p. 103-122; GAUCHET (1988), op. cit.

a utilizou como ponto de partida para pensar as dificuldades relativas à "reconstrução do edifício do passado"[227]. Compreender os "passos" e as "pedras" utilizados nessa construção era, para Renan, tarefa fundamental para que seu presente soubesse do caminho percorrido e propusesse percursos futuros. Nesse sentido, a filologia, possuidora de história e muito conhecida e até desdenhada pelos seus "estudos especiais" deveria ser avaliada como "condição necessária da história do espírito humano". Como chegar às "verdades gerais" e "filosóficas" sem antes trilhar o tortuoso caminho dos objetos específicos? O amor da *Verdade* parecia tão grande que, talvez, fosse impossível separar essas verdades aparentemente opostas. Renan, então, propôs uma "união" que, na realidade, para quem conhecia a marcha e podia se localizar em um ponto de vista do futuro, já "deveria" até estar consolidada: "a união da filologia e da filosofia, da erudição e do pensamento deveria, portanto, ser o caráter de nossa época"[228].

Acumular as "peças", extrair suas verdades, preencher as lacunas para, finalmente, compor uma "história universal" que localizasse e determinasse os limites e os contatos entre Ocidente e Oriente. Se tais regras foram úteis para a construção do "caráter" de uma época e de um autor, elas também – e, sobretudo, para os objetivos do presente capítulo - foram *leis* que constituíam o regulamento de uma "tropa": a *Société Asiatique*[229]. Fundada em 1822, e, ao lado de outras *sociedades* como a *Royal Asiatic Society* (fundada em 1823) e a *American Oriental Society* (fundada em 1842), ela fez parte do orientalismo, um movimento maior que, derivado de elementos secularizantes da cultura europeia do século XVIII, autorizava os discursos a respeito do Oriente[230]. Renan se juntou, em 1847, a essa tropa que possuía como primeira regra o encorajamento dos estudos das línguas da "Ásia", em especial, dos diversos

---

[227] RENAN, E. Histoire de la philologie classique dans l'antiquité, par le docteur A. Graefenhan. *Journal géneral de l'instruction publique et des cultes*, t. 17, n. 48, p. 288, 14 jun. 1848.
[228] Ibidem. No texto original: "L'union de la philologie et de la philosophie, de l'érudition et de la pensée devrait donc être le caractère de notre époque"
[229] A partir daqui utilizarei, várias vezes, *Société* para me referir à *Société Asiatique*.
[230] SAID, op. cit.; RÈGLEMENT de la Société asiatique. Paris: Société Asiatique. *Journal Asiatique*, quatrième séries, tome X, juil-déc. 1847, p. 63-71.

ramos da língua semítica[231]. Apenas dois anos depois, em 1849, ele faria suas primeiras apresentações na *Société*, expondo dois pequenos livros: *De l'origine du langage* e *Éclaircissements tirés des langues sémitiques sur quelques points de la prononciation grecque*[232].

A primeira dessas obras, a respeito da "origem da linguagem", faz lembrar que Renan estava atento aos "costumes filológicos" dos "vizinhos", aos congressos de filologia realizados na Alemanha[233] e aos estudos em filosofia da linguagem germânicos. Assim como Herder e Jacob Grimm[234], Renan situou a linguagem em um espaço de extrema importância para refletir a respeito dos caminhos e das origens do "espírito humano". Lidar com o que "já era", com aquilo que "desapareceu para sempre", com o "homem primitivo", com seus "primeiros dias" e ainda revestir tal investigação com as roupas da ciência era algo "mais difícil". Necessariamente "mais hipotética" do que a fisiologia, uma "embriogênese" ou uma "ciência experimental" do remoto passado humano não dispunha da "experimentação direta", mas possuía outro meio que partia do presente e, de certo modo, alcançava o "primitivo": a *indução*. As permanências do passado no presente que possibilitavam esse método, entretanto, não satisfaziam a vontade de verdade e de contato direto com a "origem". Por isso, o estudo da linguagem, esse "monumento" que parecia marcar os rastros dos passos humanos, se tornou o meio mais eficaz para uma "psicologia primitiva"; o problema da origem da linguagem era "idêntico àquele das origens do espírito humano"[235].

---

[231] RÈGLEMENT de la Société asiatique. Paris: Société Asiatique. *Journal Asiatique*, quatrième séries, tome X, juil-déc. 1847, p. 63-71.

[232] RENAN, E. *De l'origine du langage*. Paris: Joubert, 1848; RENAN, E. *Éclaircissements tirés des langues sémitiques sur quelques points de la prononciation grecque*. Paris: Chez Franck, 1849.

[233] RENAN, E. Des congrès philologiques en Allemagne. *Journal géneral de l'instruction publique*, t. 17, n. 66, p. 388-389, 14 ago. 1848 e n. 67, p. 391-393, 23 ago. 1848.

[234] Apenas dois dos autores alemães geralmente citados por Renan e que se preocuparam com a Filosofia da Linguagem. Em 1859, Renan prefaciaria a tradução francesa de uma das obras de Grimm, por exemplo: RENAN, E. Préface. In: GRIMM, Jacob. *De l'Origine du langage*. Traduit de l'allemand par Fernand de Wegmann. Paris: A. Franck, 1859. p. 1-3.

[235] RENAN, E. *De l'origine du langage*. Paris: Joubert, 1848. p. 1-3.

Essa semelhança entre a história da linguagem e a história do espírito humano possibilitou que Renan fizesse, outra vez, a comparação entre a história e um indivíduo: ambos possuíam infância, "formação", desenvolvimento e memória. A língua, sua história e suas regras revelavam e davam "forma" e movimento ao "caráter", ao "pensamento" de um povo e de uma época; por meio de uma reflexão filosófica da linguagem era possível *compreender* a história. Não é de se admirar, portanto, que uma das repetidas referências de Renan nessa reflexão seja a de Wilhelm von Humboldt (1767-1835). No início do século XIX, Humboldt, que foi importante para o "casamento entre Filosofia da Linguagem e uma concepção historicista de História"[236] era associado estrangeiro da AIBL e, através de seu "gosto" pelas línguas orientais e do contato de seu irmão Alexander von Humboldt (1769-1859) com a *Société Asiatique*, suas pesquisas linguísticas geraram o interesse de orientalistas franceses[237].

Em grande medida, tratava-se aqui do interesse pelo "remédio" que Humboldt, Grimm, Franz Bopp[238], Burnouf, entre outros, fabricaram ao priorizarem o estudo histórico e comparativo das línguas em relação ao antigo método da filologia que estudava uma língua isoladamente e em sua forma definitiva[239]. É possível que, assim como Humboldt, Renan considerava o estudo comparativo das línguas um meio indispensável para a compreensão das contradições, diferenças e relações entre dois ou mais "gênios", "povos", "raças" e "nações".

---

[236] CALDAS, P. Wilhelm von Humboldt. In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010. p. 77-78.

[237] SIMON-NAHUM, Perrine. Renan et l'histore des langues sémitiques. *Histoire Épistémologie Langage*. Tome 23, fascicule 2, p. 59-75, 2001. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hel_0750-8069_2001_num_23_2_2833 >. Acesso em: 15 ago. 2011; SIMON-NAHUM, Perrine. Du langage à l'histoire des langues. La théorie du langage d'Ernest Renan. *Methodos*, 2, 2002. Disponível em: <http://methodos.revues.org/86>. Acesso em: 27 ago. 2011; SIMON-NAHUM, Perrine.. L'Orient d'Ernest Renan : de l'étude des langues à histoire des religions. *Revue germanique internationale*, 7, 2008, p. 157-168. Disponível em: <http://rgi.revues.org/406>. Acesso em: 15 mai 2011; BÖSCH, Sarah. La réception de Wilhelm von Humboldt au sein de la Société asiatique (1822-1835): contextes et enjeux théoriques d'un transfert aux origines de la linguistique française. *Revue germanique internationale*, n. 7, p. 1-13, 2008.

[238] Voltaremos, logo mais, à importância de Bopp na obra de Renan.

[239] RENAN, E. Notions élémentaires de grammaire comparée pour servir à l'étude des trois langues classiques, par M. Egger. *Athenaum français*, 18 dec. 1852. p. 395-397.

Tais reflexões mais gerais se desdobraram nos "minuciosos" estudos de Renan, como é o caso dos *Éclaircissements tirés des langues sémitiques sur quelques points de la prononciation grecque*. Nesse segundo livro apresentado à *Société*, novamente o problema das relações entre gregos e semíticos se apresentava, dessa vez, entretanto, com um desafio a mais: esclarecer alguns pontos da pronúncia grega. Com o intuito de dizer a verdade, Renan confessou aos leitores que a "natureza do som" de "línguas mortas" e "perdidas para sempre" era coisa tão fugidia que somente a orelha seria uma testemunha fiel, logo, para saber o valor das letras passadas, seria indispensável ouvi-las na boca de um nativo. As sedutoras propostas das obras linguísticas de Humboldt que impulsionaram também a preocupação com o papel da "fala" na linguagem, no pensamento e na compreensão entre os homens, talvez gerassem certo desconforto aos ouvidos de Renan em momentos como esse. Para o bem dessas iniciais pesquisas renanianas, o termo "helenismo" já tinha sido inventado por outro historiador alemão, também admirador de Humboldt: Johann Gustav Droysen (1808-1884)[240]. Uma das primeiras referências de Renan, a *História do helenismo*, tornava possível algumas "aproximações" das relações de "comércio intelectual e filológico" entre os "espíritos" gregos e semíticos[241].

Esses dois trabalhos parecem salientar a aptidão de Renan em participar dessa "tropa asiática". Se a tarefa de ouvir, ver e ainda escrever o passado permanecia em discussão, ao menos os seus "rastros", mesmo que espalhados pela Europa e pelo Oriente, "esperavam" pelos sentidos da história. Aliás, a segunda regra da *Société* era exatamente a de obter e espalhar os manuscritos asiáticos[242]. Se um dos meios para adquiri-los estava nas

[240] Lembrando que Droysen foi o primeiro a empregar o termo "helenismo". Cf. ASSIS, A. Johann Gustav Droysen (1808-1884). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010, p. 31-46.; CALDAS, Pedro S.P.; SANTANNA, H. M. Fixar a onda de luz: O Problema da transição das épocas históricas no conceito de helenismo de Johann Gustav Droysen. *História da Historiografia*, v. 1, p. 88-101, 2008.

[241] RENAN, E. *Éclaircissements tirés des langues sémitiques sur quelques points de la prononciation grecque*. Paris: Chez Franck, 1849. p. 3-5.

[242] RÈGLEMENT de la Société asiatique. Paris: Société Asiatique. *Journal Asiatique*, quatrième séries, tome X, juil-déc. 1847, p. 63-71.

correspondências entre as diversas instituições envolvidas nesse projeto orientalista, as viagens, também chamadas de "missões científicas e literárias", foram outro modo, possivelmente, até mais sedutor.

No ano em que Renan se tornou membro da *Société*, Jules Mohl discursava, como de costume, seu relatório anual[243]. Nessa ocasião, um dos temas centrais do relatório de Mohl foi justamente o das viagens ao Oriente. Para ele, todos os envolvidos nos estudos orientais precisavam de um "quadro vivo" do país estudado e tal quadro só poderia ser fornecido pelos viajantes. Estes desbravadores que a cada nova aventura abriam um "mundo novo" necessitavam, segundo Mohl, de três elementos basilares: a coragem, a sabedoria e a visão. Quaisquer que fossem as pesquisas, os viajantes descobririam algo, contanto que eles tivessem "olhos para ver" e os conhecimentos necessários para compreender o que foi visto. Expostas as condições para se tornar um viajante, Mohl também ensinou que um dos caminhos mais indicados para se chegar ao Oriente era passando pela Inglaterra, país possuidor das melhores descrições da "Ásia". Depois do "caráter" requerido para um viajante e de um possível roteiro, algumas regras desse "empreendimento novo" foram expostas, como, por exemplo, o tempo e a extensão das viagens (dependendo dos temas) e a necessidade de "estar domiciliado" para, entre outras razões, vencer as dificuldades colocadas pela "barbárie dos habitantes". Pelo "progresso da ciência" e para enriquecer os museus franceses com "tesouros desconhecidos da antiguidade", Mohl traçou o plano que tornava as viagens ao Oriente e o conhecimento dessa região atos inseparáveis[244].

Se Renan já "devia satisfações" aos antecessores beneditinos por não ter visto com os próprios olhos alguns manuscritos da Itália, a partir das regras da *Société* e do discurso de

[243] Jules Mohl foi secretário adjunto da *Société* entre os anos de 1841 e 1852 e secretário de 1852 a 1867. Entre 1840 e 1867, Mohl foi responsável pelos "relatórios anuais" dessa instituição nos quais expunha grande parte da produção orientalista do período. Ser citado em tais relatórios representava, dentre outras coisas, uma consideração de reconhecimento e honra para os membros da tropa.

[244] MOHL, M. J. Rapport annuel (fait à la séance générale de la Société asiatique, le 14 juin 1847). *Journal Asiatique*, quatrième séries, tome X, juil-déc. 1847, p. 12-42.

Mohl outras justificativas e poderes das viagens foram construídos. Entre 1849 e 1850, à procura do Oriente, de seus rastros presentes em toda a Europa, Renan, o "jovem orientalista", além de utilizar o "atalho" inglês sugerido por Mohl, passou também por algumas bibliotecas italianas[245]. Essa pátria da literatura clássica que era fonte para o artista e para o *savant* de "inesgotável riqueza literária", contou com a visita de vários estudiosos desde o século XVII e ainda poderia fornecer descobertas[246].

Nessa missão à Itália, Renan foi encarregado, principalmente, para o exame e transcrição de manuscritos orientais que contribuíssem para o "progresso da ciência", sem esquecer, portanto, de separar aqueles "monumentos" que auxiliassem nas suas pesquisas e nas de seus colegas da *Société* e da AIBL. No início de dezembro de 1849, Renan já havia explorado algumas "preciosidades" siríacas disponíveis no Vaticano e passou a comunicá-las, por meio de cartas, ao presidente da *Société*, Joseph Reinaud (1795-1867)[247]. Com o intuito de completar suas pesquisas a respeito do "helenismo nos povos semíticos", Renan estudou com cuidado um manuscrito com partes do "Organon" de Aristóteles. Tais partes eram clássicas entre os sírios e, ao confrontar com outros manuscritos já conhecidos, Renan pôde concluir que os estudos dialéticos sírios seriam perfeitamente análogos aos do Ocidente, antes mesmo das traduções de Aristóteles no começo do século XIII. Terminando por aqui a primeira fase da pesquisa, Renan acreditava que as outras bibliotecas que ainda visitaria prometiam, a primeira vista, uma "abundante ceifa"[248].

No início de 1850, após visitar as bibliotecas de Nápoles, da abadia de Monte Cassino e de Florença, a esperança renaniana de uma ceifa abundante tinha se transformado em certa

[245] As instruções para essa missão vinham de uma comissão estabelecida na AIBL.
[246] RENAN, E. L'Histoire littéraire de l'Italie. (A propos des Documents inédits pour servir à l'histoire littéraire de l'Italie, par Ozanam.) - Paris, 1850. In-8°. *Journal des Savants*, avril 1851, p. 230-247.
[247] RENAN, E. Lettre adressée à M. Reinaud par M. Renan, chargé, conjointement avec M. le Dr Daremberg, d'une mission scientifique en Italie. [Sur les manuscrits syriaques, arabes, hébreux et éthiopiens des bibliothèques de Rome.] *Journal asiatique*, IV série, T. .XV, févr.-mars 1850, T. I, p. 290-294.
[248] Ibidem. p. 294.

frustração diante de uma "ceifa irregular"[249]. Em alguns museus que não possuíam catálogos, muitas vezes, era preciso examinar "peça por peça", ainda mais quando as coleções não tivessem sido exploradas cientificamente. Em Nápoles, por exemplo, não havia hospitalidade, pois muitos documentos não poderiam ser consultados e ainda teria perdido quinze dias esperando por autorizações. Em Monte Cassino, houve recompensa. A nobre abadia teria representado os dias mais agradáveis e bem sucedidos da viagem, pois com apenas quatro manuscritos orientais, foi possível encontrar dentre eles a "vantagem do inédito". Por fim, Florença teria possibilitado a Renan o contato com a "maior variedade de manuscritos", pois a "*bibliothèque Laurentienne*" seria, possivelmente, a mais "rica" da Europa em filosofia siríaca. Nesse local estava o "precioso manuscrito" do texto árabe de Averróis, importante personagem da recepção do pensamento de Aristóteles durante a Idade Média.

A irregularidade dessa ceifa veio acompanhada do temor da possível esterilidade da viagem e das pesquisas. Por isso, talvez, fosse o momento de reafirmar o quão frutífera poderia ser a pesquisa especial que Renan desenvolvia. Como era sabido, os sírios iniciaram os árabes na cultura da ciência e da filosofia gregas e os árabes, por sua vez, comentadores e conhecedores das obras *lógicas* e da *Poética* de Aristóteles, tiveram importante papel na divulgação desses valores ao "espírito humano". Para compreender tal movimento, Renan retornaria ao seu "ponto de partida", ou seja, às escolas e monastérios da Síria.

Esse "retorno" dependia da visita aos documentos, reservas de "novidades" e de "surpresas". Isso se tornou mais certo quando Renan foi ao museu britânico, pois as "novas riquezas" encontradas nesse lugar transformaram as outras da Itália em objetos quase sem valor[250]. Na Inglaterra, Renan "descobriu" manuscritos oportunos que provavam algo de

[249] RENAN, E. Deuxième lettre de M. Renan à M. Reinaud, membre de l'Institut. [Recherches dans les bibliothèques italiennes: manuscrits syriaques et arabes, relatifs à la philosophie des Syriens et à celle d'Averroès, manuscrit des Mendaïtes]. *Journal asiatique*, IVe série, T. XV, avril 1850, T. I, p. 387-392.
[250] RENAN, E. Lettre à M. Reinaud, membre de l'Institut, sur quelques manuscrits syriaques du Musée Britannique, contenant des traductions d'auteurs grecs profanes et des traités philosophiques. Journal asiatique, 4e série, T. XIX, avril 1852, p. 293-333.

grande relevância aos seus estudos: os sírios não teriam se interessado apenas por autores eclesiásticos, tanto a literatura clássica quanto a eclesiástica foram importantes para eles.

Com os bolsos abastados de raras e até inéditas preciosidades, Renan voltou à França. Após esse retorno, em 1851, ele se tornou responsável pelo "*département des manuscrits de la Bibliothèque nationale*", no ano seguinte, membro do conselho da *Société*[251] e, ainda em 1852, defendeu suas duas teses de doutorado "*ès lettres*" na *Faculté des Lettres de Paris*: *De philosophia peripatética apud Syrios commentationem historicum script* e *Averroès et l'Averroïsme*: essai historique[252]. A publicação imediata dessas teses, resultantes em grande medida de suas pesquisas realizadas em missão, teve célere repercussão nos debates da *Société*.

No dia 13 de junho de 1853, na sessão anual da *Sociéte Asiatique* que comemorava o 31º aniversário desse lugar, o *essai historique* a respeito de Averróis, foi citado no relatório de Jules Mohl. Para o secretário da tropa, esse trabalho de Renan era um entre tantos outros pertencentes aos *études historiques*. Tal constatação que, possivelmente, não surpreenderia os ouvintes, para Mohl, era prova do quanto a *Société* e seu *Journal asiatique* teriam mudado: de um começo mais literário, o *Journal* havia se tornado "exclusivamente histórico". Para tanto, devia ficar claro que não houve qualquer intenção sistemática; o periódico apenas seguia a tendência geral que, por uma espécie de revolução, dominava todos os estudos do mesmo gênero. "A história ampliou seu círculo" e, como afirmava Mohl, para a sua nova e "imensa tarefa" ela precisava de todos os "rastros" deixados pelas nações passadas; todos mesmo, já que tudo havia se tornado "documento histórico". Um dos exemplos desse orientalista é

[251] Eleição que, segundo o regulamento dessa instituição, previa a tomada de decisões relativas à publicação de livros e de fontes, bem como à escolha de novos membros da *Société*.

[252] RENAN, E. *De philosophia peripatética apud Syrios commentationem historicum script*. Parisiis: Durand, 1852; RENAN, E. *Averroès et l'Averroïsme*: essai historique. Paris: Durand, 1852.Desde meados do ano de 1840, para ser admitido nos testes de doutorado em letras, era obrigatória a apresentação de duas teses. Uma deveria ser escrita em latim, e a outra em francês a respeito de temas que fizessem parte da "natureza" dos estudos do candidato e que estivessem em consonância aos temas ensinados na faculdade. Cf. FRANÇA. Arrêté portant règlement relatif aux examens du doctorat es lettres, de 17 de julho de 1840. Disponível em: <http://www.inrp.fr/she/theses/scripts/annexes.php>. Acesso em: 29 nov. 2013.

significativo: os estudos de gramática e/ou de filosofia da linguagem deixaram de ser centrais e se tornaram "auxiliares" dos estudos históricos.

Também em 1853, Reinhart Dozy (1820-1883), associado estrangeiro da *Société*, congratulava as teses de Renan que, "feliz por ser historiador", proibiu-se de exprimir seu sentimento, limitando-se a representar com "exatidão" a originalidade dos caracteres e a fisionomia das escolas filosóficas. Dozy explicou que esse interesse renaniano pela história da filosofia estava no "quadro das evoluções do espírito humano" e, assim, ao invés de "pedir doutrinas ao passado", Renan buscava *fatos*. Tanto o sucesso da tese quanto os "fatos novos" que foram apresentados nela se deviam a possibilidade de Renan, por meio da viagem, consultar os manuscritos na Itália e na Inglaterra. Tantos elogios, porém, também motivaram uma pergunta de Dozy: esses manuscritos deveriam ser publicados e traduzidos? Ele deixa claro que só fazia tal questão, pois Renan anunciara a intenção de retornar a Londres e publicar esses documentos. Dozy, então, resolveu ser franco com Renan explicando que, se fosse outra pessoa, ele até o aconselharia tal direção, mas, Renan, que já havia demonstrado talentos pouco comuns, deveria se preocupar com empreendimentos mais importantes, afinal, os "fatos mais essenciais" já tinham sido extraídos. Diferente de todos os filólogos, Renan possuía o dom de "generalizar", o talento de "apreciar" e de "pintar" nítida e vivamente costumes e ideias passadas. Além disso, as críticas principais e até graves de Dozy se voltariam para certas questões mal documentadas e para a parte mais fraca do livro: a tradução dos textos árabes. Com tudo isso e, "feliz por ser historiador", que Renan deixasse os serviços de edição e de tradução para outros[253].

Pelas produções dos anos seguintes, Renan parece ter escutado o conselho desse bibliotecário e dedicou-se, especialmente, à "extração dos fatos". Ele não deixou de "louvar",

[253] DOZY, R. *De philosophia peripatetica apud Syros commentationem historicam scripsit*. E. Renan. Paris, A. Durant; in-8º de 74 pages. *Journal asiatique*, Ve série, T. II, déc. 1853, p. 85-90; DOZY, R. *Averroès et l'Averroïsme*. *Essai historique*, par E. Renan. Paris, Durand; in 8º de xii-367 pages. *Journal asiatique*, Ve série, T. II, déc. 1853, p. 90-96.

dentre outras tarefas historiadoras, a preservação e a publicação de documentos[254], a "exploração do oriente"[255], as maravilhas do método filológico[256], a historicidade das palavras, a "curiosidade" da história[257], a determinação dos "verdadeiros valores" das fontes[258] e a descoberta de inscrições (podendo ser esse fato sinônimo da descoberta de civilizações inteiras)[259]. No âmbito da *Société*, porém, o cerne de suas atividades esteve nas análises minuciosas de documentos.

Dentre as possibilidades materiais em que o passado poderia ser "revelado", os manuscritos mantinham seu lugar de destaque. Neles, Renan estudava exaustivamente palavra por palavra, podendo, assim, descortinar grandes mistérios como as origens, a autoria, a autenticidade e os valores documentais. Quando, por exemplo, se pudesse supor que manuscritos de diferentes línguas e de diferentes museus e bibliotecas compusessem um texto e documento uno, era trabalho do historiador erudito transcrever, traduzir e recompor essa sua natureza original unificada. Como? Ora, confrontando os vários manuscritos que parecessem ser o mesmo e completando, pouco a pouco, as lacunas entre eles[260].

---

[254] RENAN, E. Catalogue général des manuscrits des bibliothèques publiques des départements. *Journal général de l'Instruction publique*. T. 20, n. 34, 26 avril 1851, p. 198-199.

[255] RENAN, E. *Les Séances de Hariri*, publiées en arabe, avec un commentaire choisi, par Silvestre de Sacy. 2e édition, revue et augmentée d'un choix de notes en français, par MM. Reinaud et Derenbourg. — Paris, 1853. 4 parties in-4º. *Journal des Débals*, 8 juin 1853. p. 4.

[256] RENAN, E. Le Traité des synonymes de la langue latine, par M. E. Barrault, avec la coUah. pour la 2e partie de M. Ernest Grégoire. [Compte rendu.] *Athenaeum français*, 7 janvier 1854, p. 12.

[257] RENAN, E. *Parabole de l'enfant égaré, formant le chapitre IV du Lotus de la bonne loi, publiée pour la première fois en sanscrit et en tibétain, lithographiée à la manière des livres du Tibet et accompagnée d'une traduction française d'après la version tibétaine du Kanjour*, par Ph. Ed. Foucaux. - Paris, B. Duprat. In-8°. [Compte rendu.] *Athenaeum français*. 3º année, n° 44, 4 nov. 1854, p. 1033.

[258] RENAN, E. *Recherches sur l'histoire politique et littéraire de l'Espagne durant le moyen-âge*, par M. Reinhard Dozy,... T. I. Leyde, 1849. — *Scriptorum arabum loci de Abbadidis primum editi* a R. Dozy. T. II. — Lugduni Bataiorum, 1852. [Compte rendu.] *Journal des Débats*, 31 août 1853. p. 4.

[259] RENAN, E. La Découverte de Ninive. [Discoveries in the ruins of Niniveh and Babylon, with travels in Armenia, Kurdistan and the desert: being the result of a second expedition, by Austen Layard. — London, 1853. — A second series of the monuments of Niniveh, illustrating Mr. Layard's second expedition to Assyria, from drawings made on the spot. — London, 1853.] (Compte rendu.) *Journal de l'Instruction publique*. T. XXII, nº 83, 15 oct. 1853. p. 678-681.

[260] RENAN, E. Fragments du livre gnostique intitulé *Apocalypse d'Adam*, ou *Pénitence d'Adam*, ou *Testament d'Adam*, publiés d'après deux versions syriaques. *Journal asiatique*. Ve série, T. II, déc. 1853, p. 427-471; RENAN, E. [Note sur l'identité de la secte gnostique des Elchasaïtes avec les Mendaïtes ou Sabiens.] *Journal asiatique*, Ve série, T. VI, août-septembre 1855, p. 292-294.

Nos momentos em que um manuscrito já fosse "uno", a *curiosidade* poderia encaminhar a atenção do *savant* a um de seus parágrafos e, nele, uma palavra bastaria para construir um grande mistério[261]. Para sua resolução, era necessário fazer a consulta das "leis gerais das línguas", compará-las, cotejar livros e autores diversos e também examinar os "costumes" dos povos envolvidos. Todos esses exercícios em prol da fabricação de "provas" e "rastos" do passado; provas e rastos das influências entre os povos da antiguidade, de suas leituras, de seus paralelos religiosos, etc. Por "amor", fabricam-se provas para se chegar à verdade. Muitas vezes, no entanto, tantas manobras para dar sentido a uma palavra passada e provê-la de nova conjectura poderiam apenas tornar clara a impossibilidade de veredicto. Daí em diante, ainda que não faltasse amor pela *vérité* (verdade), o historiador passava a flertar com o *vraisemblable* (verossímil)[262].

A criação desse flerte possivelmente estava relacionada com as dificuldades do "crer" diante de incertezas, obscuridades e lacunas de trabalhos que eram, antes de qualquer coisa, "fragmentários". Textos, parágrafos e palavras de papel se transformavam em enigmas para a história decifrar. Quando, então, fossem de pedra, quando fossem inscrições, escolher um parágrafo ou uma palavra mais "curiosos" não parecia ser uma opção de esclarecimento; era necessário caminhar letra por letra. A "ciência das inscrições", a epigrafia, não era mais "uma simples curiosidade de antiquário", ela procurava nos monumentos da antiguidade as "revelações inesperadas" das "partes mais interessantes da história antiga"; ela extraía informações dos próprios monumentos, pois não se esperava mais encontrá-las nos "historiadores gregos ou latinos"[263]. Era imprescindível, desse modo, decifrar e interpretar uma inscrição considerando os comentários de predecessores e, letra por letra, palavra por palavra, tentar construir uma nova "conjectura" dos significados de um monumento. Estudar

[261] RENAN, E. Sur l'écrivain syriaque appelé Boud le Périodeute. *Journal asiatique*, T. VII, février-mars 1856, p. 250-256.
[262] Ibidem.
[263] RENAN, E. [Note sur les Mélanges d'épigraphie de Léon Renier.] *Journal des Débats*, 7 janvier 1855. Cf. KRIEGEL, op. cit.

os monumentos da história antiga, como foi o caso de uma inscrição aramaica de Mênfis[264], geralmente resultava em uma certeza: não haveria "explicação definitiva". Semelhante a uma sala repleta de pessoas em um debate, tais interpretações clamavam por várias práticas como a arqueologia, a epigrafia, a numismática, a paleografia, etc. Práticas diversas, decifrações "radicalmente diferentes": não havia acordo entre os *savants*. Nada podia escapar do "tato" dos historiadores: a possível origem da pedra, sua datação incerta, seus prováveis acidentes, textos plausivelmente semelhantes. Vinte páginas de interpretação e cada parágrafo era dedicado a uma letra da inscrição: qual letra? Essa ou aquela? Qual o som? Qual o idioma? Se a primeira letra é essa, a segunda não pode ser aquela. E a terceira? Formou-se uma palavra? Qual palavra? Qual o significado dela? Faz sentido na frase? Sim? Não? Talvez! Os resultados sempre são apenas "suposições". Já seria de grande valia construir algo que não fosse "muito inverossímil", algo que tivesse alguma relação com a realidade do passado. Para Renan, a inscrição provavelmente se *referia* e era de autoria de um dos viajantes que paravam diante de monumentos egípcios e gravavam um *souvenir* de sua passagem. Por fim, ele poderia oferecer sua interpretação da inscrição, sua "tradução do passado": "eu fiz uma peregrinação para oferecer uma estátua a Osiris-Apis, eu Abd-Abitob, filho de Bentokhi, servo devoto de Osiris-Apis"[265].

Esse documento, segundo Renan, foi um dos quais ele já havia tratado rapidamente em sua *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques*[266]. O livro, resultante do estudo premiado pelo Instituto em 1847, teve em seu cerne a investigação de como os Semitas chegaram a dar "pela palavra uma expressão completa ao pensamento", ou, em outras palavras, procurava definir, a partir da história dessas línguas, o espírito dos povos que as

[264] RENAN, E. Observations sur une inscription araméenne du Sérapéum de Memphis. *Journal asiatique*. 5e série, T. VII, avril-mai 1856, p. 407-427.
[265] Ibidem. p. 426. No texto original: "j'ai fait un pèlerinage pour offrir une statue à Osiris-Apis, moi Abd-Abitob, fils de Bentokhi, serviteur dévoué d'Osiris-Apis".
[266] RENAN, E. *Histoire général et système comparé des langues sémitiques.* Paris: Imprimerie Impériale, 1855. (Première partie. Histoire générale des langues sémitiques).

falavam. No ensaio apresentado em 1847, porém, havia uma preocupação mais teórica e gramatical com as línguas semíticas e apenas uma breve introdução a respeito de sua história. Em 1855, essa introdução histórica se tornaria um livro à parte. As línguas eram o "produto imediato da consciência humana" e se modificavam sem cessar com ela, logo, uma verdadeira teoria das línguas deveria ser constituída por sua história. Para a filologia comparada, seria pouco útil estudar uma língua apenas em sua maturidade; a palavra de ordem desse momento era "pesquisar as leis de seu desenvolvimento". Com esse princípio, a teoria científica de uma família de línguas devia conter duas partes essenciais: primeira, a história *exterior* dos idiomas que a compõe, ou seja, seu papel no tempo e no espaço, sua geografia e sua cronologia, a ordem e o caráter de seus monumentos escritos e, segunda, sua história *interior*, o desenvolvimento de seus procedimentos, sua gramática comparativa considerada não como lei imutável, mas como objeto de perpétuas transformações. Essa divisão, porém, não parece ser de grande temeridade à obra renaniana, pois havia uma característica que possivelmente geraria a crítica depreciativa dos leitores: o livro era levado por muitas "conjecturas" e atento, apenas, à descoberta da "significação dos fatos". A esse respeito, o argumento de Renan é firme: se quisessem reduzir a história a "teses irrefutáveis", seria necessário impedi-la de "ultrapassar a ordem dos fatos puramente materiais", e isso seria o mesmo que inferiorizá-la ou, até mesmo, destruí-la. Como escrever de outra maneira se o passado mostrava-se "obscuro", "complexo" e "contraditório"[267]?

A *Société*, a partir de Jules Mohl, também aprovou essa obra na qual Renan conseguiu fazer um "quadro extremamente interessante". A história "exterior desses idiomas" "abraçaria" desde o caráter geral dos povos e dos dialetos semíticos, passando pelas influências entre eles no tempo, até terminar pelas considerações sobre as leis gerais de "todos os idiomas semíticos" e de suas relações com as línguas indo-europeias. Apenas isso bastaria

[267] RENAN, E. *Histoire général et système comparé des langues sémitiques.* Paris: Imprimerie Impériale, 1855. p. VII.

para o interesse? Segundo Mohl, era digno de elogio o plano de Renan que tratava, ao mesmo tempo, de questões linguísticas e históricas, abordando-as "sensatamente", "corajosamente" e até "ousadamente" com um "excelente método"[268].

Em 1856, contente por ser historiador e por trabalhar com o "excelente método" histórico na entrada do santuário da erudição, Renan recebia e publicava a notícia da morte de Thierry. Ficava vago, desde então, um lugar em uma instituição intimamente relacionada com a *Société Asiatique*[269], instituição que, pelo menos desde o século XVIII, articulava história universal, antiga e oriental[270], que continuava as obras dos beneditinos, que já havia "coroado" trabalhos de Renan, incentivadora e instrutora de viagens, um lugar de primeira ordem na publicação e crítica de manuscritos e inscrições[271], enfim, a instituição que no ano quando Renan foi eleito membro, missionava uma história de "caráter positivo", sancionadora de descobertas e apegada exclusivamente ao "domínio dos fatos"[272]: a *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*.

3.2. – No lugar do pai: o caráter positivo e factual das ciências históricas

> A *Académie des inscriptions et belles-lettres* é, entre as cinco Companhias que compõem o *Institut* [*de France*], aquela que, pelos seus trabalhos, adota o mais vasto campo de estudos: a história, a epigrafia, a paleografia, a geografia, a simbólica, a filologia, a linguística, a gramática, a arqueologia, a numismática, a iconografia, a cerâmica são todas de sua alçada[273].

[268] MOHL, M. J. Rapport sur les travaux du conseil de la Société asiatique, pendant l'année 1854-1855, fait à la séance annuelle de la Société, le 20 juin 1855. *Journal Asiatique*, Ve série, t. VI, juil-déc. 1855, p. 11-107.
[269] Para além dos protocolos de escrita da história compartilhados entre a AIBL e a *Société*, vários eruditos foram, simultaneamente, membros das duas instituições. Por exemplo, Mohl foi presidente da *Société* (1867-1876) e membro da AIBL e Reinaud foi presidente da *Société* (1847-1867) e presidente da AIBL (1847). Não se pode esquecer um dos "grandes nomes do orientalismo" no século XIX: Silvestre de Sacy (1758-1838) que foi presidente da AIBL alguns anos antes e depois de participar da fundação da *Société*.
[270] KRIEGEL, op. cit.
[271] RENAN, E. [Note sur le premier fascicule du tome XIV de la Gallia christiana, publié par Hauréau.] *Journal des Débats*, 10 maio 1856.
[272] DESJARDINS, E. Préface. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 1e année, 1857. p. V-VII.
[273] DESJARDINS, Ernest. Préface. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 1e année, 1857. p. V. Do texto original mantive em francês os nomes das instituições: "L'Académie des inscriptions et belles-lettres est, parmi les cinq Compagnies dont se compose l'Institut, celle qui, par ses travaux, embrasse le plus vaste champ d'études: l'histoire, l'épigraphie, la paléographie, la géographie, la symbolique, la philologie, la linguistique, la grammaire, l'archéologie, la numismatique, l'iconographie, la céramique sont toutes de son ressort".

Em 1857, quando Renan acabava de ser eleito membro da AIBL, essas palavras de Ernest Desjardins (1823-1886) prefaciavam a nova forma de publicação (*in-8º*) dos *Comptes-rendus* das sessões dessa instituição. Tratava-se de uma iniciativa do próprio Desjardins para que as pesquisas desse local se tornassem mais acessíveis, já que todos os situados na Europa que se interessassem pelos "progressos das ciências históricas, filológicas e arqueológicas" não poderiam ficar indiferentes aos trabalhos da AIBL[274]. A nova forma de publicação, além de afirmar as diretrizes das "ciências" produzidas nesse espaço, também foi um momento oportuno para atualizar os leitores da história dessa "Companhia". O interesse "muito real" pelas atividades da AIBL estava intimamente relacionado à história "muito real" que ela buscava produzir de si e dos outros[275].

"Tudo começou" em 1663, ano em que Colbert (ministro de Estado de Luís XIV) designou quatro membros da *Académie Française* (fundada em 1635) para compor e discutir as inscrições e medalhas "em honra do rei". "Tais são os humildes primórdios" da "célebre" e "pequena academia" que posteriormente abraçaria o "vasto conjunto dos estudos históricos e literários"[276]. Esses "primórdios" fazem parte do movimento acadêmico que ocorreu em toda a Europa, nos séculos XVII e XVIII[277]. Tal movimento teve, primeiramente, uma fonte italiana e renascentista na qual diversas academias lançavam, muitas das vezes, ideias iconoclastas, contestatórias e em favor da "livre pesquisa". Esse "perfume esquecido e perigoso" das academias do Renascimento, com o tempo, seria reencontrado pela AIBL[278]. Fundada e inserida no movimento de desenvolvimento do Estado monárquico, a "pequena

[274] Ibidem.
[275] Ibidem; Depois do prefácio foi inserida uma *notice historique* que procurava narrar os importantes fatos desde a fundação da AIBL, contando com a listagem de todos os seus membros, principais obras e coleções de documentos, de 1663 até 1857. DESJARDINS, Ernest. NOTICE historique sur l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 1e année, 1857. p. 1-43.
[276] Ibidem.
[277] A *Académie des Sciences*, por exemplo, única academia que, segundo Ernest Desjardins, poderia ser comparada à AIBL, pois também sancionava descobertas e se limitava ao domínio dos fatos, foi criada em 1666.
[278] KRIEGEL, op. cit.

academia" teve como primeiro esforço a organização da historiografia do reino. De 1663 até 1701, ela se dedicou fundamentalmente à "glória do rei". A partir de 1701, ela se tornava um cadinho das ciências históricas, enfatizando as disciplinas citadas por Desjardins e, com isso, construindo e expandindo as bases da história antiga (ocidental e oriental) e da história da França. A AIBL e esses projetos vinculados e controlados pelo Estado tiveram, como não é de se admirar, sua dissolução em 1793, ou, nas letras maiúsculas de Desjardins, um decreto de 8 de agosto de 1793 "SUPRIMIU AS ACADEMIAS"[279].

Por meio da criação do *Institut de France*, em 1795, e da constituição de classes específicas de estudos nessa instituição, pouco a pouco, os domínios das antigas academias foram retomados e, em 1816, essas classes receberam novamente o nome das academias de outrora[280]. Em 1864, Alfred Maury – um dos autores com os quais Renan inventava a grande missão de seu século – também se dedicou à história da AIBL e a localizava, ao final de seu livro, "*à la tête*" da erudição francesa, pois quaisquer que fossem as direções da marcha, ela deixava a "marca visível e durável de seus passos". No edifício da erudição, cada "fato", "ideia" e "criação" da mão do homem teria uma "pedra comemorativa"; nas "abóbadas" desse "santuário", no qual a AIBL exercia um "sacerdócio", nomes como os de Champollion e Thierry já tinham sido inscritos "em letras de ouro". A ciência pronunciava esses nomes, reconhecia-os e esperava por outros que ainda pudessem pertencer à "posteridade"[281].

Alguns anos antes dessa "posteridade", em 1857, Renan expôs sua primeira memória aos pares da AIBL a respeito do significado de um nome fenício e, portanto, semítico:

---

[279] KRIEGEL, op. cit.; DESJARDINS, Ernest. NOTICE historique sur l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 1e année, 1857. p. 1-43. p. 5.

[280] Além da AIBL, são as academias já citadas no início deste capítulo (*Académie française*, *Académie des sciences* e *Académie des beaux-arts*) com exceção da *Académie des sciences Morales et politiques*, suprimida por Bonaparte, em 1803, e reconstituída, em 1832, pela iniciativa de Guizot.

[281] MAURY, A. *L'Ancienne Académie des inscriptions et belles-lettres*. Paris: Didier, 1864. p. 409.

Sanchoniathon[282]. Os jogos entre a busca da verdade e as conjecturas continuam nessa análise do *possível* nome do autor fenício de uma "*Histoire phénicienne*", traduzido para o grego por Filos de Biblos e transmitido por Eusébio de Cesaréia. Outra vez, o "exame" de Renan era realizado "página a página, e quase linha por linha" no documento, para que se pudesse propor uma hipótese possivelmente mais "aproximada da verdade". E qual era, então, a verdade desse nome antigo? O substantivo *Sanchoniathon* seria um autor ou o nome de um livro? Para Renan, *Sanchoniathon* deveria ser considerado um homem, um autor, o autor da singular "*Histoire phénicienne*", enfim, um "personagem real". Descortinado o "real", poder-se-ia finalizar a análise? Passado quase um ano da exposição de Renan, um debate entre ele e Reinaud, na sessão da AIBL de 30 de julho de 1858, parece reiterar que o trabalho pela confirmação e pela *prova* somente era possível a partir de uma *paciente* análise dos *pormenores* e em diálogo com outros participantes desse *atelier* da história:

> Sr. Renan apresenta algumas observações complementares a sua memória sobre Sanchoniathon. Desde a conclusão dessa memória, sua atenção incidiu sobre um nome que confirma a suposição que ele havia emitido sobre o nome de *Sanchoniathon*. Segundo essa suposição, o análogo hebreu do nome *Sanchoniathon* seria *Schekan-ya*, que se encontra, entre os judeus, como um nome próprio, e onde *Schekan* corresponde a *amicus, contubernalis* (amicus Jehovae). O novo nome sobre o qual insiste Sr. Renan é *Garmathone* preservado no *De fluviis* de pseudo-Plutarco. Sr. Renan demonstra, por várias aproximações, que *Garm* se encontra em um grande número de nomes semitas da época média associado ao nome de uma divindade, e que deve se traduzir por *cultor*, especialmente no nome de *Sampsiceramus*, cuja forma siríaca é *Schemsch-garm* (cultor solis).
> Sr. Reinaud observou que essa explicação do nome *Sampsiceramus* implica uma violação de uma das regras mais constantes da sintaxe semítica, de acordo com a qual a relação de anexação se exprime pontuando a palavra regida após a palavra regente[283].

[282] Essa memória foi também apresenta na *Société*: RENAN, E. Mémoire sur Sanchoniathon. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 1e année, 1857. p. 285-288; RENAN, E. Observations sur le nom de Sanchoniathon. *Journal asiatique*. Ve série, T. VII, janvier 1856, p. 85-88.

[283] ACADÉMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLES-LETTRES. *Comptes-rendus des séances de l'académie des inscriptions et belle-lettres*. 2º ano, 1858. p. 194-195. No texto original: "M. Renan présente quelques observations complémentaires à son mémoire sur Sanchoniathon. Depuis l'achèvement de ce mémoire, son attention s'est portée sur un nom qui confirme la supposition qu'il avait émise sur le nom de *Sanchoniathon*. Selon cette supposition, l'analogue hébreu du nom de *Sanchoniathon* serait *Schekan-ya*, qui se trouve comme nom propre chez les Juifs, et où *Schekan* correspond à *amicus, contubernalis* (amicus Jehovae). Le nom nouveau sur lequel insiste M. Renan est *Garmathone*, conservé dans le pseudo-Plutarque *De fluviis*. M. Renan établit, par divers rapprochements, que *Garm* se trouve dans un grand nombre de noms sémitiques de la moyenne époque associé au nom d'une divinité, et qu'il doit se traduire par *cultor*, en particulier dans le nom de *Sampsiceramus*, dont la forme syriaque est *Schemsch- garm* (cultor solis). M. Reinaud fait observer que cette explication du nom

Em seguida, Renan replicou afirmando que essa regra "geral" poderia sofrer algumas exceções na formação de nomes próprios. Seria essa, porém, a melhor resposta historiadora e entre historiadores? Possivelmente não, já que no mês seguinte Renan, historiador das línguas e dos povos semíticos, forneceria outros exemplos para responder à crítica do historiador dos árabes. No conjunto desses exemplos, ficava a conclusão de que as leis da linguagem se transformavam com o tempo, a "lei primitiva" de formação dos nomes semíticos "se perdeu" em uma época mais "moderna", tornando *verossímil* a hipótese renaniana[284].

Crítica minuciosa, conjecturas, "descobertas" e "comprovações" de homens, autores, obras, fatos e passados "reais" e "mais aproximados da verdade". Além de todos esses "dons" necessários para se tornar historiador no santuário da erudição, Renan parecia possuir outro já reconhecido pelos pares de *Société* e da AIBL: o dom de generalizar. Seu "experimento", iniciado e premiado em 1847, teve publicação em 1855: a *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques*. No final de seu prefácio, Renan esperava a compreensão dos leitores pelas suas considerações gerais a respeito da "raça", do "caráter" e do "espírito" semítico, induzidas a partir do estudo das línguas desses povos. "Cuidadosamente", Renan afirmava que a "influência primordial da raça", do "sangue", mesmo que fosse imensa, deveria ser relacionada com outras influências. Isso tudo, para expor sua tese central em letras maiúsculas: o "espírito", a "raça" e o "caráter" geral dos povos semíticos, "evidentemente" inferiores aos indo-europeus, seriam encontrados no "monoteísmo"[285].

A segunda edição dessa obra foi publicada em 1858 e essa mesma tese estava lá, com novas "descobertas" documentais e, dessa vez, com a promessa renaniana de produzir outros

---

de *Sampsiceramus* implique une violation d'une des règles les plus constantes de la syntaxe sémitique, d'après laquelle le rapport d'annexion s'exprime en ponctuant le mot régi à la suite du mot régissant".

[284] RENAN, E. Note sur le nom sampsiceramus. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 2e année, 1858. p. 207-208.

[285] RENAN, E. *Histoire général et système comparé des langues sémitiques.* Paris: Imprimerie Impériale, 1855. (Première partie. Histoire générale des langues sémitiques).

textos para tornar mais clara sua tese, prevenir algumas objeções e explicitar sua definição de monoteísmo.

No início de 1859, Renan então publicou e leu aos membros da AIBL sua nova memória de título mais do que sugestivo: *Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques et en particulier sur leur tendance au monothéisme*[286]. As considerações poderiam até ser novas, mas a tese permanecia a mesma. Do início desse ano até, pelo menos, o mês de julho de 1859, diversas sessões da AIBL terminaram com Renan devendo melhores explicações de sua tese e com a promessa de novas objeções e críticas de seus *savants confrères*. Nesses meses, levantaram-se, em "coro", diversos membros do "santuário" para refutar, na minúcia e no geral, o argumento central de Renan. Os eruditos tinham certeza de que o monoteísmo não pertenceu somente aos semíticos; havia monoteísmo no Egito antigo; a religião da Grécia antiga possuía elementos monoteístas; até os chineses poderiam ser considerados monoteístas; os próprios semíticos tinham elementos politeístas; se consultasse Heródoto e/ou Aristóteles, ele perceberia a impossibilidade de sua tese que, aliás, era muito absoluta. Édouard Laboulaye (1811-1883) pedia a palavra para dizer que seria muito difícil tirar "conclusões científicas" da tese renaniana[287]. Outros eruditos se indignavam com o argumento renaniano no qual o monoteísmo era mais incrédulo que o politeísmo; a memória de Renan parecia ignorar os escritos bíblicos; muitos nomes de divindades e traduções de Renan estavam incorretos; Renan e os filólogos, de maneira geral, não poderiam impor suas interpretações aos domínios religiosos e filosóficos. Renan não pôde responder, pois o horário da sessão de 8 de abril havia terminado.

---

[286] RENAN, E. Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques et en particulier sur leur tendance au monothéisme. *Journal asiatique*. Ve série, T. XIII, février-mars 1859, p. 214-282 et 417-450; RENAN, E. Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques et en particulier sur leur tendance au monothéisme. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 3e année, 1859. p. 67-100.

[287] RENAN, E. Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques et en particulier sur leur tendance au monothéisme. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 3e année, 1859. p. 67-100. p. 74.

Na sessão de 20 de abril de 1859, vários membros da AIBL retomaram essa discussão, em especial, Joseph Guigniaut, importante nome da história das religiões da Antiguidade. A contestação de Guigniaut, assim como as anteriores, contaram sempre com a negativa renaniana. Para Renan, prevalecia na ciência de seu presente a tentativa de explicar as noções religiosas pelas palavras primitivas: isso fazia com que a filologia fosse o "verdadeiro archote" da história das religiões[288]. Guigniaut se inquietava e ficava alarmado com esse sistema que subordinava as "noções históricas" apenas às palavras. Renan, "firme" como as inscrições, respondia que o melhor meio para compreender as ideias do mundo antigo era o estudo das palavras. Salomon Munk (1805-1867), viajante, geógrafo, historiador e arqueólogo da Palestina, citava inúmeros documentos e a própria bíblia para negar a possibilidade das nações semíticas terem o "privilégio exclusivo da religião do deus único": os princípios "muito sólidos" não poderiam ser derrubados por "algumas observações filológicas"[289].

Os embates chegavam às sessões do mês de junho e Renan ainda tinha dificuldades em provar a relação entre "língua", "espírito, "caráter" e "religião". Laboulaye, professor do *Collège de France* e historiador do direito (de Roma, da França e dos Estados Unidos) observou que, desde seu início, todo esse debate não havia feito grande progresso. Para ele, ao fundo da discussão existia um problema referente à palavra monoteísmo. Caso Renan acreditasse que "o sangue que corre nas veias" de certas famílias humanas contivesse "aptidão especial e exclusiva" para a crença em um único deus, essa tese não seria "defensável". Se, entretanto, Renan apenas estabelecesse a diferença entre arianos e semitas a partir de suas distintas concepções do mundo, a tese seria "muito defensável e até muito justa"[290].

Para Renan, as palavras de Laboulaye conciliavam e resumiam de uma forma muito geral, pelo menos, as opiniões do debate e as dele mesmo que estariam de acordo com a

[288] RENAN, E. Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques et en particulier sur leur tendance au monothéisme. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 3e année, 1859. p. 67-100. p. 90.
[289] Ibidem. p. 91-92.
[290] Ibidem. p. 97-98.

segunda maneira de interpretar a diferença entre "Arianos e Semitas". Após tornar sua tese defensável e justa, Renan fez algumas conclusões para que seus pares compreendessem o "retrato" da "raça" semítica no "sentido mais geral". Segundo Renan, a história era o maior critério das raças e, na origem da espécie humana, o "fato da raça" foi preponderante. Com o tempo, fundaram-se novas maneiras de organizar a sociedade, independentemente de suas origens. Aí estava a dificuldade dos franceses em entender as considerações e distinções etnográficas, pois se esqueciam que fora da Europa elas eram de extrema importância e, no passado, continham "o segredo de todos os acontecimentos da história da humanidade". Em outras palavras, Renan parece tentar acalmar seus críticos com um "fiquem tranquilos, o problema da raça e do sangue, mesmo que permanente, é do *outro*, está no passado e alhures". Da etnografia e da filologia comparada emergia, assim, uma das "chaves" da história[291]. A "diversidade" primitiva deveria ser a base de explicação dos "fatos antigos", mesmo que os "presentes" tivessem "perdido a lembrança de sua origem"[292].

Essas considerações, que deveriam se tornar uma conclusão, deram ensejo à continuidade do debate nas sessões de julho da AIBL. Henri Wallon (1812-1904), pesquisador da escravidão antiga e moderna, propôs a seguinte comunicação: *Sur le monothéisme considéré par* M. Renan *comme déterminant le caractère général des races*

[291] Relembrem, por exemplo, no último tópico do capítulo anterior, como Renan organizaria, em 1863, tais ciências.

[292] RENAN, E. Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques et en particulier sur leur tendance au monothéisme. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 3e année, 1859. p. 67-100. p. 99-100. Como assinala Certeau: "Quatro noções parecem organizar o campo científico cujo estatuto se fixa durante o século XVII e que recebe de Ampère o seu nome de etnologia: *a oralidade* (comunicação própria da sociedade selvagem ou primitiva, ou tradicional), *a espacialidade* (*ou* quadro sincrônico de um sistema sem história), *a alteridade* (a diferença que apresenta um corte cultural), a *inconsciência* (estatuto de fenômenos coletivos referidos a uma significação que lhes é estranha e que não é dada senão a um saber vindo de algures)". [...] "Tomado aqui a título de hipótese (evidentemente parcial), este quadrilátero 'etnológico' dará lugar à transformação onde, da pedagogia à psicanálise, a combinação inicial permanece reconhecível. Ele tem igualmente seu corolário na historiografia moderna, cuja construção apresenta, na mesma época, quatro noções opostas: *a escrita, a temporalidade, a identidade e a consciência*". CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 210-211.

sémitiques[293]. A tese renaniana, segundo Wallon, era o desenvolvimento da ideia bíblica na qual a "raça de Sem" teria permanecido a mais fiel à noção do "verdadeiro Deus" e merecia reservas, pois seus princípios seriam "perigosos em história". Wallon estava certo de que a influência da raça semítica e a transmissão dos princípios monoteístas, ao contrário do subtendido por Renan, não se davam materialmente pela "filiação de sangue" e sim moralmente, pela difusão de ideias. Objeções semelhantes ao início desse debate ressurgiram e desembocaram, novamente, na possível inferioridade intelectual dos semíticos e/ou nas palavras e nos nomes do(s) deus(es) cultuados por esses povos. Diante de todas as críticas, Renan reafirmava que seu entendimento a respeito do monoteísmo semítico não era uma "opinião", como repetiam seus colegas, era um "fato". Brunet de Presle (1809-1875), pesquisador da Grécia e do Egito antigos, ainda reclamou a ausência de uma discussão e definição da palavra "raça", mas "o encerramento da sessão pôs fim a essa discussão"[294].

O fim da sessão e o possível fim da discussão, entretanto, talvez tenha significado, primeiramente, que a questão ficava em suspeição. Mesmo que Renan afirmasse, com insistência, que o resultado de sua interpretação era um "fato" baseado em "fatos" e documentos, o trabalho pela prova e a descoberta de novos documentos devia ser incessante. Em 1863, na terceira edição de sua história das línguas semíticas[295], Renan inseriu um novo aviso, afirmando que conseguiu "fatos" novos com sua viagem à Fenícia, uma missão mais "frutuosa" para a história e para a arqueologia do que para a filologia. Pelas viagens à Itália e à Inglaterra, ceifas de documentos, rastos e restos do passado; pela viagem ao Oriente, à Fenícia, "novos fatos". O que havia de "novo" nessa viagem?

---

[293] WALLON, Henri. Sur le monothéisme considéré par M. Renan comme déterminant le caractère général des races sémitiques (bref résumé). *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 3e année, 1859. p. 113; WALLON, Henry. Sur le monothéisme considéré par M. Renan comme déterminant le caractère général des races sémitiques *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 3e année, 1859. p. 125-135.

[294] INFORMATIONS diverses. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 3e année, 1859. p. 136-137.

[295] RENAN, E. *Histoire général et système comparé des langues sémitiques.* 3ª ed. Paris: Imprimerie Impériale, 1863. (Première partie. Histoire générale des langues sémitiques).

> A missão científica que teve por objeto a exploração da antiga Fenícia, que dirigi em 1860 e 1861, levou-me a residir nas fronteiras da Galileia, e a viajar frequentemente nesse país. Eu atravessei em todos os sentidos a província evangélica, visitei Jerusalém, Hebron e a Samaria; não me escapou quase nenhuma localidade importante da história de Jesus[296].

A viagem e a "exploração" do Oriente, a necessária "residência" para lidar, inclusive, com a "barbárie" de seus habitantes e a relevância de "atravessa-lo" em todos os sentidos. Caso essas expressões proporcionem uma espécie de *déjà-vu* ao texto, isso se deve à repetição e à "prestação de contas" que Renan, à primeira vista apenas relatando os caminhos de sua viagem, fazia das regras definidas, em 1847, por Jules Mohl, ilustre membro da *Société*. Durante e após essa "missão científica", assim como nas viagens anteriores, Renan esteve em busca de "tesouros", "fontes", "documentos" e "monumentos" "reveladores" do passado[297]:

[296] RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863. p. LIII. No texto original: "La mission scientifique ayant pour objet l'exploration de l'ancienne Phénicie, que j'ai dirigée en 1860 et 18611, m'amena à résider sur les frontières de la Galilée et à y voyager fréquemment. J'ai traversé dans tous les sens la province évangélique; j'ai visité Jérusalem, Hébron et la Samarie; presque aucune localité importante de l'histoire de Jésus ne m'a échappé".

[297] Limito-me a citar os textos de Renan publicados no âmbito da AIBL e da *Société*, resultantes das "descobertas" dessa missão: RENAN, E. Trois inscriptions phéniciennes trouvées à Oum-el-Awamid. *Journal asiatique*. V série, T. XX, scpt.-oct. 1862, p. 355-380, 2 pl; RENAN, E. Note de M. Woepke sur le cadran solaire phénicien de M. Renan. *Journal asiatique*, VIe série, T. I, mars-avril 1863, p. 292-294; RENAN, E. Addition au mémoire de M. Renan sur les inscriptions d'Oum-el-Awamid. *Journal asiatique*, VIe série, T. II, novembre-décembre 1863, p. 517-531; RENAN, E. Mission scientifique de M. Ernest Renan en Orient. (Exploration de l'ancienne Phénicie.) Rapport à l'Empereur [Analyse]. — Daté : Amschit, 30 janvier 1861. *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. *Comptes rendus*. T. V, séance du 22 février 1861, p. 35-43; RENAN, E. Lettre à Egger sur la mission de Phénicie, datée de Sour (l'ancienne Tyr) le 22 mars 1861. [Extrait.] *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*. *Comptes rendus*. T. V, séance du 5 avril 1861, p. 74; RENAN, E. Second rapport de M. Ernest Renan, chargé d'une mission scientifique en Syrie par S. M. l'Empereur, [Analyse.] I. Saïda. — II. Sour (Tyr). — III. Exploration épigraphique et géographique. Académie des Inscriptions cl Belles-Lettres. Comptes rendus. T. V, séance du 28 juin 1861, p. 150-157; RENAN, E. Extraits d'une lettre adressée [à Alfred Maury] de Kisbah, près Tripoli. (Exploration du Haut Liban.) *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. Comptes rendus*. T. V, séance du 12 juillet 1861, p. 176-177; RENAN, E. Troisième Rapport adressé à S. M. l'Empereur par M. E. Renan sur sa mission scientifique en Syrie. I. Aradus ou Arvad. — Haut Liban. — Palestine. *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. Comptes rendus*. T. VI, séance du 14 février 1862, p. 22-31; RENAN, E. Essai d'interprétation des trois inscriptions phéniciennes trouvées à Oum-El-Awamid (suivi d'une discussion avec Munk). *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. Comptes rendus*. T. VI, séance du 30 maio 1862, p. 85-87; RENAN, E. [Objections présentées dans une discussion sur un travail lu par de Saulcy : « Sur l'âge relatif des appareils employés dans l'enceinte du Ilarem des schérifs à Jérusalem »]. *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. Comptes rendus*. T. VI, séance du 1.3 août 1862, p. 139; RENAN, E. [Communication sur deux petits monuments phéniciens.] *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. Comptes rendus*. T. VII, séance du 23 octobre 1863, p. 314.

missão de historiador e de orientalista, sempre "de olho" nas possibilidades que os conflitos do presente propiciavam às "ceifas de passados"[298].

Nesse caso, como se pode compreender nas palavras de Renan, tratava-se de uma "localidade" e de um passado em particular: de Jesus e do cristianismo. Qual a importância da inserção desse relato na introdução do primeiro livro de sua *histoire des origines du christianisme*? Dedicado principalmente aos documentos e aos métodos utilizados para escrever a "Vida de Jesus", esse texto de Renan também apresentava as dificuldades em dizer a verdade a partir da interpretação de documentos muito antigos e fragmentários. Os quatro evangelhos do novo testamento, fontes "naturalmente" fundamentais para uma história do cristianismo, segundo Renan, discordavam e tornavam ainda mais difícil a tarefa do historiador. Desse conturbado "relacionamento" com a verdade e, na companhia da viagem, "nasceu" um "quinto evangelho":

> Toda essa história que, à distância, parece flutuar nas nuvens de um mundo sem realidade, adquiriu assim um corpo e uma solidez que me estontearam. A admirável concordância dos textos e dos lugares, a maravilhosa harmonia do ideal evangélico com a paisagem que lhe servia de moldura, foram para mim como uma revelação. Eu tive diante dos olhos um quinto evangelho, lacerado, mas legível ainda [...][299].

Como se sabe, as relações dos atos de "ver" e "ouvir" com o fazer historiográfico não são tão novas. Para Tucídides, o iniciador de uma história "verdadeira", a prática da autópsia (o ato de ver por si mesmo) era obrigatória na metodologia histórica. Xenofonte teria apresentado certa continuidade com a proposta de Tucídides. Enquanto isso, segundo Políbio,

---

[298] Said nos conta que essa "missão científica" de Renan estava inserida em uma "missão" de outras "Potências": "Em 1860, durante os choques entre os maronitas e os drusos no Líbano (previstos por Lamartine e por Nerval), a Franca apoiou os cristãos, e a Inglaterra os drusos. Isso porque, muito próxima do centro de toda a política europeia no Oriente, estava a questão das minorias, cujos 'interesses' as Potências afirmavam proteger e representar. Judeus, ortodoxos gregos e russos, drusos, circassianos, armênios, curdos e as várias pequenas seitas cristãs: todos foram estudados, todos foram objeto de planos e base de projetos por parte das Potências europeias, improvisando e concebendo as suas políticas orientais". SAID, (1990), op. cit., p. 199.

[299] RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863. p. LIII. No texto original: "Toute cette histoire qui, à distance, semble flotter dans les nuages d'un monde sans réalité, prit ainsi un corps, une solidité qui m' étonnèrent. L'accord frappant des textes et des lieux, la merveilleuse harmonie de l'idéal évangélique avec le paysage qui lui servit de cadre furent pour moi comme une révélation. J'eus devant les yeux un cinquième évangile, lacéré, mais lisible encore [...]".

experimentar, praticar a autópsia seriam os ideais do historiador[300]. O ato de viajar e experimentar, porém, não foi privilégio dos antigos. Para muitos autores dos séculos XVIII e XIX como Chateaubriand, Goethe, Michelet e Ranke, viajar era algo imprescindível. Os relatos dessas "aventuras" apareceram muitas vezes como demonstração da verdade, da realidade, de algo que o autor viu. Passaram a ser utilizados até como documentos históricos[301].

Dentre esses vários nomes, a forma com que Renan lida com sua "revelação" traz à tona um dos "cultuados" por parte da historiografia oitocentista: Tucídides. Segundo o autor francês, à leitura dos textos (dos evangelhos), uma "grande fonte de luzes" foi somada pela vista dos lugares dos acontecimentos passados. Um "quinto evangelho" nascia, assim, da harmonia entre os testemunhos documentais e os locais visitados. "Junto" a Renan, Tucídides demonstrou que, se o olhar era essencial para a escrita da história "verdadeira", a visão deveria passar pelo "filtro" da crítica dos testemunhos. Assim, a autópsia tucidideana não se caracterizaria como um dado imediato, pois o estabelecimento dos fatos com a maior exatidão possível dependeria da capacidade crítica dos "documentos"[302].

Parece que a "bagagem" desses viajantes modernos e antigos possibilitou que Renan criasse "novos documentos" e "fatos" para a sua história, legitimando-a uma vez mais. Em seu texto, as referências em primeira pessoa expressavam a necessidade de o autor se colocar como o historiador que viu. Somente por meio do "residir" e do "atravessar em todos os sentidos" quase todos os lugares, foi possível que, assim como uma "revelação", a história e esses homens do passado tomassem "realidade" e "solidez". Assim, sua "Vida de Jesus"

---

[300] HARTOG, F (Org). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001; HARTOG, F. *Os antigos, o passado e o presente*. Tradução: Sonia Lacerda, Marcos Veneu, José Otavio Guimarães. Brasília, DF: UnB, 2003; HARTOG, F. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011; MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Tradução: Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: Edusc, 2004.

[301] CEZAR, T. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagem. *Almanack Braziliense*. São Paulo, n. 11, p. 26-33, maio 2010.

[302] HARTOG, (2001, 2011), op. cit.; MOMIGLIANO, op. cit.

resultou, também, desse "estar lá", desse "residir", dessa "proximidade" presente com o passado:

> Durante o verão, tendo precisado subir a Ghazir, no Líbano, para repousar um pouco, eu *fixei* em traços rápidos a imagem [assim como um pintor impressionista] que me aparecera, e resultou daí esta história. [...]. Desse modo, todo o livro foi composto muito perto dos mesmos lugares onde Jesus nasceu e se desenvolveu[303].

Essa viagem tornou o passado semítico e o de Jesus mais "íntimos", "próximos", "possíveis", "positivos" e "factuais". A construção de um "novo documento", de um "quinto evangelho", a partir da viagem, trazia autoridade e novas possibilidades à escrita de uma história antiga, e, em especial, à área de estudos do cristianismo daquele momento, posto que um dos problemas centrais para estes estudiosos era o caráter "lendário" e "irreal" das "notícias" contidas nos evangelhos.

Cabe reiterar, porém, a questão de como se tornou possível essa "aproximação" com um passado "original" e quase "sem realidade" em uma "viagem presente". Talvez, para Renan, mesmo depois de mais de "1800" anos (constante repetição de Renan, em seu livro), os semíticos ainda pertencessem à "barbárie", ainda fossem "originais", "primitivos" e "selvagens": o "espaço", alguns "costumes", várias regras da "língua" e o monoteísmo permaneceram[304]. Talvez, no vocabulário renaniano, os semíticos ainda estivessem em outra "idade" do "espírito humano". Desses "deslocamentos" espaço-temporais empreendidos pelo historiador poderia, então, emergir a "revelação" de novos documentos e novos fatos. Para, quem sabe, auxiliar essa hipótese, a questão da "raça" toma um rumo um tanto mais explícito em *Vie de Jésus*. Se, nas discussões da AIBL, as respostas renanianas foram ambíguas (ou, até claras demais), nesse livro de 1863, ele pôde até "abrir mão" do "sangue" dos semíticos, pois a palavra raça, na expressão "raça semítica"

---

[303] RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863. p. LIII et seq. Grifos e adições nossas. No texto original: "Pendant l'été, ayant dû monter à Ghazir, dans le Liban, pour prendre un peu de repos, je fixai en traits rapides l'image qui m'était apparue, et il en résulta cette histoire. [...]. Le livre a été, de la sorte, composé tout entier fort près des lieux mêmes où Jésus naquit et se développa".

[304] Cf. HARTOG, F. *Anciens, modernes, sauvages*. Paris: Gallaade, 2005.

> [...] designa simplesmente os povos que falam ou falaram uma das línguas que se chamam semíticas. Tal designação é inteiramente defeituosa; mas é uma daquelas palavras, como "arquitetura gótica", "caracteres arábicos", que é preciso conservar para se compreender, mesmo depois que se demonstrou o erro que elas implicam[305].

Obra de historiador, orientalista, erudito e viajante, *Vie de Jésus* foi constituída por "desejos" que compunham as principais características da historiografia oitocentista, inclusive e especialmente as regradas pelo santuário da erudição, pela AIBL, pela *Société Asiatique*. A missão de engrenar o estudo dos pormenores à construção de uma síntese, de articular os fragmentos orientais a uma "história universal", de trabalhar simultaneamente com diversas disciplinas para "extração" de "fatos" que gerassem outros para a história. E, não se poderia ignorar, a missão de viajar, a viagem como missão, ato ceifador de documentos e produtor de "revelações históricas" que dependia da "visão", da "sabedoria" e da "coragem". Renan, um devoto e pregador dessas regras, ainda viajava pelo Oriente, quando, em 1861, recebeu a notícia da oportunidade de integrar o "abrigo" da "ciência livre": o *Collège de France*.

3.3 - História: o amor pela verdade e um *affaire* com o verossímil

No dia 15 de janeiro de 1862 foi publicado no *Journal géneral de l'Instruction publique* o relatório endereçado ao Imperador da França e assinado pelo então Ministro da Instrução Pública e dos Cultos, Gustave Rouland, com o objetivo de possibilitar ao Imperador a nomeação de um professor titular para a Cátedra de língua hebraica, caldeia e siríaca instituída no *Collège de France*[306]. Para tanto, de acordo com Rouland, seria útil determinar os elementos do ensino nesse cargo. Com isso em mente, o Ministro afirmava que grande parte dos livros que serviriam para as lições da Cátedra referida seriam livros santos de modo

[305] RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863. p. 5-6. (nota 1). No texto original: "[...] désigne simplement ici les peuples qui parlent ou ont parlé une des langues qu'on appelle sémitiques. Une telle désignation est tout à.fait défectueuse; mais c'est un de ces mots, comme «architecture gothique, » «chiffres arabes, » qu'il faut conserver pour s'entendre, même après qu'on a démontré l'erreur qu'ils impliquent".
[306] RAPPORT a l'empereur. *Journal géneral de l'instruction publique*, v. 31, n. 5, p. 25, 15 jan. 1862.

que neles a religião buscaria suas origens, suas orações e inspirações. Segundo Rouland, isso se deveria ao fato de que nas Faculdades de teologia o estudo da língua hebraica abrangeria necessariamente explicações tradicionais e dogmáticas, sendo a fonte de crenças para cada comunhão cristã. Tal ordem de discussões, entretanto, não deveria tomar lugar no *Collège de France*, uma vez que a Cátedra de hebreu era laica. Assim, seu professor, como todos os cidadãos, deveria manter o respeito ao caráter sagrado da Bíblia, preocupando-se exclusivamente com as pesquisas do literato e do filólogo, deixando ao teólogo seu campo próprio. Por conseguinte, haveria o dever de manter-se exterior às polêmicas religiosas e de entregar-se às explorações úteis à inteligência e ao progresso da ciência das línguas semíticas comparadas.

Com o término da exposição desse programa base de ensino, o final do relatório explica que o *Collège* e o *Institut de France* teriam apresentado Renan, membro da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, para o cargo de professor titular da Cátedra, e o ministro teria a honra de propor à Majestade o decreto de nomeação. Abaixo do relatório, estava o decreto no qual o "Imperador dos franceses", Napoleão, pela "graça de Deus e vontade nacional", atendendo a todos os pressupostos para tal ato, nomeava Renan, em 11 de janeiro de 1862, no palácio das Tulherias, professor titular da Cátedra mencionada[307].

No dia 21 de fevereiro de 1862, Renan proferiu seu discurso de abertura nessa instituição[308]. Orgulhoso por ter conquistado a Cátedra de hebreu, ocupada desde o século XVI por elevados homens, ele seguiria a tradição científica dessa instituição ao incentivar a "completa independência da crítica", a "pesquisa desinteressada do verdadeiro" e a "discussão imparcial". Por meio desses pressupostos, as únicas regras conhecidas por esse lugar deveriam ser aquelas do "bom gosto e da sinceridade". Renan confessa que sabia das dificuldades inerentes à Cadeira que acabava de ocupar: o privilégio e o perigo dos estudos

[307] DÉCRETS. *Journal géneral de l'instruction publique*, v. 31, n. 5, p. 25, 15 jan. 1862.
[308] RENAN, E. *De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation*. (Discours d'ouverture du cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque au Collège de France). 4 ed. Paris: Michel Lévy Frères, 1862.

semíticos estariam em sua capacidade de tocar nos problemas mais importantes da história da humanidade. Em seu curso, porém, não haveria dogmatismo, e sempre se prezaria pela razão e liberdade de julgamento do público ao propor o que ele acreditasse ser "*o mais provável*". Com isso, alguém poderia se queixar? A resposta de Renan é afirmativa, pois todos aqueles que acreditassem deter o "monopólio da verdade" poderiam se queixar.

O princípio do discurso de Renan é, portanto, emblemático das diretrizes de seu curso e da concepção mais geral de que a descoberta da verdade seria o "objetivo sagrado da ciência". A concepção da busca imparcial e desinteressada da verdade não excluiria, entretanto, um conhecimento do "mais provável", que impede o monopólio da verdade ao relativizá-la. Além disso, no caminho da ciência ao seu resultado (a verdade) existiriam outras nuanças relacionadas principalmente com as formas de *apresentação*. Para o autor, se nem todos estavam destinados a serem químicos, físicos ou filólogos e, assim, fecharem-se em laboratórios durante anos em uma experiência, todos, no entanto, participariam dos resultados dessas ciências. Desse modo, expor os resultados desprendidos do aparelho que serviu para descobri-los seria até útil, mas o *Collège de France* não era o lugar para isso. Nessa instituição, o aparelho da ciência mais "especial e minuciosa" deveria ser aberto por meio de "laboriosas demonstrações" e "pacientes análises". Eis o intuito do curso, segundo Renan. Tornando-o mais específico: "é o próprio laboratório da ciência filológica que está aberto ao público, para [...] que as pessoas do mundo possam ter uma ideia dos meios empregados para chegar à verdade"[309].

Esses "desenvolvimentos muito técnicos" não seriam o foco da primeira lição de Renan. Nessa ocasião, o autor preferiu tratar do "caráter geral dos povos" cuja literatura e língua seriam estudadas, em busca do "papel" desempenhado por eles na história e da "parte"

[309] RENAN, E. *De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation*. (Discours d'ouverture du cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque au Collège de France). 4 ed. Paris: Michel Lévy Frères, 1862. p. 9. No texto original: "C'est le laboratoire même de la Science philologique qui est ouvert au publique, pour [...] que les personnes du monde puissent se faire une idée des moyens qu'on emploie pour arriver à la vérité".

fornecida por eles à "obra comum da civilização". Mas qual "civilização"? Que "história"? Quais seriam as possibilidades de um estudo dessa natureza?

Segundo Renan, no início do século XIX, as ciências históricas e filológicas tinham chegado ao seu resultado mais importante, ou seja, o de mostrar que dois elementos se misturaram em proporções diferentes no "desenvolvimento geral da humanidade" fazendo, assim, a "trama do tecido da história". Dois "elementos" ou, dois "povos", ou ainda duas "raças". Para Renan, toda a história poderia ser "vista" a partir de uma "mistura" entre semíticos e indo-europeus.

Desde o século XVII, segundo Renan, ou até mesmo desde a Idade Média, já existia o reconhecimento de que hebreus, fenícios, cartagineses, sírios, árabes, abissínios e babilônicos falavam línguas "perfeitamente congêneres". No século XVIII, Eichhorn nomeara tais línguas de "semíticas", alcunha que segundo Renan era inexata, mas ainda poderia ser empregada. Nos primeiros anos do século XIX, outra descoberta "importante e delicada" teria sido realizada. Por meio do conhecimento do sânscrito, filólogos da Alemanha, especialmente Bopp, estabeleceram os princípios para explicar a formação de um vasto conjunto profundamente distinto do grupo semítico. Nomeado indo-germânico ou indo-europeu, tal conjunto seria constituído pelos antigos idiomas da Índia bramânica, os diferentes dialetos da Pérsia, o armênio, vários dialetos do Cáucaso, as línguas grega e latina com seus derivados, as línguas eslavas, germânicas e célticas.

Se o "laboratório filológico" com suas "minuciosidades técnicas" ainda não poderia ser aberto, os "grandes resultados" dessa disciplina e de seus "experimentos" permitiram que Renan refletisse, filologicamente, todo o movimento histórico. Já tivemos a oportunidade de compreender a importância da referência a Eichhorn. Mas, qual a relevância de Franz Bopp (1791-1867) para o discurso de Renan? A princípio é importante notar que Bopp foi considerado o fundador da linguística comparada alemã e ofereceu ainda mais "brilho" ao

Oriente e ao estudo das línguas. Junto ao seu professor, Silvestre de Sacy (primeiro presidente da *Société Asiatique*), contribuiu para uma revolução na filologia. Por meio de uma ciência comparativa que partia da premissa de que as linguagens pertenceriam a famílias (a indo-europeia e a semítica como dois exemplos), a obra de Bopp rompeu e desacreditou a dinastia divina da linguagem – até porque o sânscrito era mais antigo que o hebreu[310]. Houve pelo menos dois "encontros" entre Renan e Bopp. O primeiro foi no momento em que Renan conquistou o prêmio *Volney* de 1847, organizado pela AIBL, com o esboço de sua *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques*. Nesse escrito, o erudito francês procurou fazer com as línguas semíticas o mesmo que Bopp teria feito com as línguas indo-europeias, trazendo aquelas para uma posição "nítida" e "glamorosa". No mesmo ano de 1847, Renan entraria para a *Société Asiatique*, instituição da qual Bopp já fazia parte[311]. Dez anos depois, em 1857, houve o segundo "encontro". No mesmo ano em que Renan foi eleito membro da AIBL, Bopp foi "pomposamente" nomeado associado estrangeiro dessa instituição[312].

Seguindo com o discurso, Renan demonstrou que essa "linha de demarcação revelada" pelo estudo comparado das línguas não demorou a ser fortalecida pelo estudo das literaturas, dos costumes e das religiões. Um dos exemplos utilizados por Renan foi a fundação na Alemanha de uma "mitologia comparada", por meio da qual, além de uma mesma língua, haveria uma mesma religião na origem dos povos semíticos e dos indo-europeus. De um lado

---

[310] Cf. SAID, (1990), op. cit.

[311] Cf. DATE-TEDO, (2007), op. cit.; SAID, (1990), op. cit.; SIMON-NAHUM, P. Renan et l'histore des langues sémitiques. *Histoire Épistémologie Langage*. Tome 23, fascicule 2, 2001. p. 59-75. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hel_0750-8069_2001_num_23_2_2833>. Acesso em: 15 ago. 2011; SIMON-NAHUM, P. L'Orient d'Ernest Renan : de l'étude des langues à histoire des religions. *Revue germanique internationale*, 7, 2008, p. 157-168. Disponível em: <http://rgi.revues.org/406>. Acesso em: 15 maio 2011.

[312] NOTICE bibliographique de M. Franz Bopp, élu associé étranger de l'Académie. In: *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, séance du 29 décembre 1858. 2º ano, 1858. p. 414-417. Nas atas da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, referentes a dezembro de 1858, pode-se ler uma *Notice bibliographique* a respeito da vida e da obra de Bopp e das suas relações com *savants* franceses. Há a citação de diversos trabalhos de Bopp, com pomposo destaque a sua obra comparativa a respeito do sânscrito. Afirma-se que suas obras "fazem época na história da gramática, da literatura indiana e da filologia comparada" contribuindo para a "naturalização" da literatura sânscrita na Europa *savante*.

o monoteísmo e do outro o panteísmo. Mesmo que o autor não cite nomes, a referência a essa nova forma de estudos pode estar relacionada, dentre outros, a Max Müller (1823-1900). Considerado muitas vezes como o criador do termo "ciência da religião", esse estudioso de filologia apostou no caminho comparativo de Bopp como o melhor para o estudo científico da história das religiões[313]. Assim como Renan, Müller foi laureado pelo prêmio *Volney* em 1849 e eleito para a AIBL em 1858[314].

Com o traçar desse caminho, Renan poderia afirmar agora em alto e bom tom: "vejam, portanto, duas individualidades perfeitamente reconhecíveis, que preenchem de certa forma quase todo o campo da história, e que são como os dois polos do movimento da humanidade"[315]. Autorizado pelas instituições e pelos estudos mencionados até aqui, o erudito francês pôde, com vigor, reafirmar seu entendimento a respeito do movimento da história. Mesmo que os dois "povos" indicassem uma "mistura" e um "emaranhado", seria também possível reconhecer duas "individualidades". Singularmente coletivos, ambos "tramariam" e "preencheriam" quase todo o "tecido" e "campo" da história, como dois "polos" movimentando a humanidade[316]. Quais seriam as direções da trama e/ou do movimento da história? Tais "polos" da humanidade seriam aqueles conhecidos como positivo e negativo? Se "quase" todo o campo da história fora preenchido, quem estaria fora desse jogo da humanidade e por quê?

---

[313] Cf. BOUVIER, Agnès. La rencontre entre Flaubert et Renan autour des *Études d'histoire religieuse. Flaubert*, 4, 2010 , [em linha]. Disponível em: <http://flaubert.revues.org/index1229.html>. Acesso em: 26 ago. 2011; DUFOUR, (2010), op. cit.; MATA, (2010), op. cit.

[314] Trautmann-Waller, C. Du "caractère des peuples sémitiques" à une "science de la mythologie hébraïque" (Ernest Renan, Heymann Steinthal, Ignác Goldziher). *Revue germanique internationale* [En ligne], 7, 2008. Disponível em: <http://rgi.revues.org/408>. Acesso em: 27 maio 2013; ÉLECTION et notice bibliographique de M. Max Muller, correspondant étranger de l'Académie. In: *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, séance du 24 décembre 1858. 2º ano, 1858. p. 403.

[315] RENAN, E. *De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation*. (Discours d'ouverture du cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque au Collège de France). 4 ed. Paris: Michel Lévy Frères, 1862. p. 12. No texto original: "Voici donc deux individualité parfaitement reconnaissables, qui remplissent en quelque sorte à elles deux presque tout le champ de l'histoire, et qui sont comme les deux pôles du mouvement de l'humanité".

[316] Cf. KOSELLECK, (2006), op. cit.

Renan explica que "deixaria de lado" as raças tártaras e a China, e poderia até dizer de dois outros "tipos de civilizações": o Egito e a Babilônia. Mas além de estar pouco "desenhado aos olhos da história", tudo isso "empalideceria" quando próximo dos fatos que compõem a "grande corrente da história". Da missão de Moises até a conquista do mundo pela Europa moderna, essa "grande corrente" seria formada pela mistura de "dois rios" dos quais todos os outros "afluentes" seriam apenas "riachos".

A partir da configuração dos atores e do palco que poderiam ser mais bem "vistos" por meio do "desenho" de dois rios correndo em direção à Europa moderna, Renan apresentaria seu objetivo central: "desemaranhar", nesse "complexo conjunto", a "parte" de cada uma das "duas grandes raças" que conduziram o mundo até o presente. Uma condução que, segundo o autor, deveria ser entendida como combinada e simultaneamente antagônica. Essa "combinação" prestes a ser "desenredada", entretanto, não deveria iludir o ouvinte, pois a mistura dessas duas raças ("perfeitamente distintas", para Renan) seria, no passado e no presente, apenas uma mistura de ideias e de contribuições históricas. Nenhuma surpresa, mesmo porque a "marcha da humanidade" se faria pela "luta de tendências contrárias". Assim, o conjunto formado por "contradições" e pelo "choque" de elementos "aparentemente inimigos", propiciaria além de um movimento progressivo, a harmonia e a "paz suprema"[317].

Com isso, a "parte" que os povos semíticos "deram" ao "grande conjunto orgânico e vivo", chamado civilização, poderia finalmente ser buscada a partir da análise de cada um dos elementos que o comporiam. Parece que a seguinte questão toma centralidade: o que devemos a eles? Desse modo, o texto segue questionando-se, por exemplo, qual teria sido a contribuição dos semíticos na questão da vida política. Para Renan, seus contemporâneos não deveriam qualquer coisa concernente a esse quesito aos povos semíticos. E em relação à arte e à poesia? Nada na arte, e algo na poesia. Segundo o autor, poetas como Lamartine não

[317] Cf. CEZAR, (2004), op. cit.; DELACROIX; DOSSE; GARCIA, (2012), op. cit.; HARTOG (2003ab, 2011), op. cit;.

existiriam sem os salmos. Na ciência e na filosofia, para Renan, seríamos exclusivamente gregos. Com relação à indústria, à vida material e às invenções, um "dom de primeira ordem" colocaria os fenícios na "história do progresso": a escrita.

De todos esses "órgãos" da civilização, porém, um foi definido por Renan como "serviço capital", "obra própria" e até como "missão providencial" da raça semítica. A grande dívida do Ocidente para com os povos semíticos seria a religião. O mundo inteiro, com exceção de alguns, havia adotado as religiões semíticas. Graças à formidável atividade religiosa dessa "grande raça", o mais extraordinário acontecimento moral que a história guardara na memória teria se passado na Galileia. Jesus teria realizado uma profunda reforma no judaísmo, fundando a "religião eterna da humanidade", uma religião desprendida de todo sacerdócio e culto, acessível a todos. Por isso, esse "fundador" poderia ser caracterizado como "um homem incomparável, tão grande que, embora tudo aqui deva ser julgado do ponto de vista da ciência positiva, eu não gostaria de contradizer aqueles que [...] o chamam de Deus [...]"[318].

Se no decorrer de grande parte dos textos de Renan tratados até aqui, foi perceptível uma tensão entre ciência e religião, a última citação tornava-a ainda mais saliente. Tudo, inclusive Jesus, deveria ser "julgado" a partir de uma "sagrada" ciência da verdade. O "enigma" proposto por Renan desde o título de sua aula parecia resolvido. A "nossa" dívida com os povos semíticos foi decifrada. Mas um bom historiador moderno talvez não pudesse se contentar com isso. Alguém que conhecia tão bem o caminho progressivo da história, não esconderia dos ouvintes suas elaborações a respeito do presente e do futuro.

Nesses últimos momentos da lição, o erudito francês argumentou que os indo-europeus do passado e do presente não abdicaram sua individualidade ao adotar o dogma

[318] RENAN, E. *De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation*. (Discours d'ouverture du cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque au Collège de France). 4 ed. Paris: Michel Lévy Frères, 1862. p. 12. No texto original: "Un homme incomparable, si grand que, bien qu'ici toute doive être jugé au point de vue de la science positive, je ne voudrais pas contredire ceux qui [...] l'appellent Dieu [...]".

semítico. O cristianismo, devido às modificações no tempo, seria verdadeiramente "nossa" obra. E o futuro? Na "visão" de Renan, o futuro pertenceria à Europa, e a ela somente. Ela conquistaria o mundo e espalharia sua "religião" do direito, da liberdade e do respeito aos homens. No lugar do dogmatismo, haveria a nuance e a *finesse*; no lugar do absoluto, haveria o relativo. Independente das diversas possibilidades do futuro, o dever, segundo Renan, seria o de buscar a verdade por meio do método científico.

Quatro dias depois, em 25 de fevereiro de 1862, a lição de abertura do curso de Renan foi publicada no *Journal des Débats*[319]. Prevost-Paradol, redator desse periódico, ao apresentá-la, denotava tamanha satisfação com as emocionantes palavras de Renan que geraram em grande parte dos ouvintes gritos como "viva Michelet" e "abaixo os jesuítas". Mesmo assim, segundo o redator, Renan conservou o "sangue frio", aproveitando todos os momentos de silêncio do auditório para pronunciar "sábias palavras". No dia seguinte, nesse mesmo *journal*, foram publicados dois parágrafos com a autoria de Renan e muito próximos ao que fora defendido por Prevost-Paradol[320]. Nesse pequeno texto, Renan teceu uma crítica e um agradecimento. O autor agradecia àqueles que o ajudaram a pronunciar sua aula e criticava as pessoas que o interromperam. O último caso teria significado, antes de qualquer coisa, uma pretensão de impor violentamente a opinião ao outro[321].

No dia 28 de fevereiro de 1862, por sentença do Ministério da Instrução pública e dos Cultos, o curso de Renan era suspenso até nova ordem. A justificativa desse ato foi um tanto sucinta: no discurso pronunciado no *Collège de France* para a abertura do curso, o "[...] Sr.

---

[319] RENAN, E. [Lição de abertura do curso de hebreu do *Collège de France* precedida de comentários de Prevost-Paradol]. *Journal des Débats,* 25 fev. 1862.
[320] RENAN, E. [Comentários a respeito da lição de abertura do curso de hebreu do *Collège de France*]. *Journal des Débats,* 26 fev. 1862.
[321] Estes comentários, a respeito da lição de abertura do curso de hebreu do *Collège de France*, foram alocados no prefácio da publicação do discurso em livro e datam do dia 23 de fevereiro de 1862.

Renan expôs doutrinas que insultam as crenças cristãs e que podem ocasionar lamentáveis agitações [...]"[322].

Em março de 1862 vinha a público uma resposta de Renan específica aos acontecimentos da aula e à suspenção de seu curso[323]. Na primeira parte desse texto, o erudito buscou narrar quais foram as suas pretensões ao se candidatar ao cargo no *Collège de France*. O relato começa por se referir a 1857, ano da morte de Etienne Quatremère, professor da Cátedra de hebreu. Nesse momento, Renan teria apresentado seu interesse em ocupar esse lugar, aspirado por ele há muito tempo por se tratar de sua "vocação especial". Esse desejo do autor era resultante do reconhecimento da "inferioridade crítica da França" referente aos "estudos semíticos antigos". Desse modo, o objetivo de sua "carreira científica" sempre fora o de reerguer tais estudos, quase que ausentes na França desde o século XVIII. Durante quatro anos, porém, o Ministro acreditou não dever nomear, de imediato, alguém para o cargo.

"Em agosto de 1861", quando repousava um pouco no Líbano, Renan recebia uma "benevolente comunicação" permitindo-lhe candidatar-se à Cátedra tão desejada. Quase como uma "revelação", o conselho de sua "amada irmã", pareceu-lhe, naquele instante, como único: nunca desistir desse cargo, mesmo diante de quaisquer dificuldades. Em um ano de "comércio contínuo com a antiguidade", naquela missão à Fenícia encomendada pelo próprio Imperador, o erudito francês meditara a respeito dos "grandes problemas históricos". Essa experiência e o conselho da irmã, que morreria poucos dias depois da comunicação referida para o cargo, teriam, segundo Renan, fortalecido ainda mais sua disposição.

Logo em seguida, as "explicações" de Renan se voltaram para a "natureza" da Cátedra. Primeiramente, por ser "profana", todas as discussões desse lugar deveriam evitar o "dogmatismo", ocupando-se apenas dos estudos filológicos e históricos. Dizer das relações

---

[322] ARRÊTÉS du Ministre. *Journal géneral de l'instruction publique*, v. 31, n. 18, p. 137, 28 fev. 1862. No texto original: "[...] M. Renan a exposé des doctrines qui blessent les croyances chrétiennes, et qui peuvent entraîner des agitations regrettables [...]".

[323] RENAN, E. *La Chaire d'hébreu au Collège de France*. Explications à mes collègues. 2 ed. Paris: Michel Lévy, 1862.

entre história e filologia, significaria para o autor a abordagem dos "desenvolvimentos" que tocam a "história em seu sentido mais elevado". Desse modo, ao estudar uma passagem de um texto dogmático, por exemplo, o estudioso procuraria "simples e puramente" o seu significado, tornando-se assim como o Estado, "neutro" em relação às questões religiosas.

Essa explanação de Renan prepara o terreno para responder à principal questão: como se referiu ao cristianismo? O início da resposta vem de forma interrogativa: como seria possível falar da "história geral do desenvolvimento do espírito semítico" sem dizer uma palavra a respeito do cristianismo? Como dizer do cristianismo, sem falar de seu "ilustre fundador"? A grande questão, para o erudito francês, estaria na acusação de que ele teria atacado um dogma. Injusta, segundo ele, já que não mencionar, não significaria atacar. Além disso, tratar o cristianismo daquela maneira respeitava a "lei fundamental" do *Collège de France*, referente ao veto de explicações que não fossem científicas. E qual seria o "princípio essencial da ciência"? De acordo com o autor, "fazer abstração do sobrenatural".

Esse encadeamento de argumentos um tanto gerais, porém, talvez não atingisse o cerne do que o autor queria provar. A solução foi perguntar aos seus "caros colegas" e às suas respectivas ciências se eles também não trabalhariam, sem titubear, com o mesmo "princípio essencial". Quais seriam as reações do médico, do geólogo, do meteorologista, do físico, do químico e do matemático ao dizer-lhes da existência de um "agente sobrenatural"? Segundo o erudito francês, assim como o historiador, eles pariariam suas pesquisas. Onde houvesse sobrenatural não haveria "ciência", inclusive "ciência histórica". Para que não restassem dúvidas a respeito dos intuitos de Renan, ele afirmou: "as ciências históricas não diferem em nada, pelo método, das ciências físicas e matemáticas [...]"[324].

A definição da história como ciência e, portanto, do historiador como cientista, serviu de base para que Renan criticasse o Estado ao suspender o seu curso. De acordo com o erudito

[324] RENAN, E. *La Chaire d'hébreu au Collège de France*. Explications à mes collègues. 2 ed. Paris: Michel Lévy, 1862. p. 23-4. No texto original: "Les sciences historiques ne diffèrent en rien par la méthode des sciences physiques et mathématiques [...]".

francês não poderia haver distinção de liberdades entre um "professor de ciências históricas" e um professor de outras ciências. Todas as ciências negam a existência do milagre. Por que com a história seria diferente? Para Renan, o estudo da história se tornaria impossível ao satisfazer todos os cultos admitidos pelo Estado. Em sua forma moderna e não possuindo uma religião oficial, o Estado deveria garantir a liberdade de expressão e não proteger dogmas particulares. "Assim, a liberdade é a grande solução de todos os problemas de ordem intelectual e religiosa"[325].

Se os argumentos não bastassem, em 1863, "Renan lança uma bomba"[326]. Uma história compreendida como ciência do verdadeiro, a humanização de Jesus, a necessidade de separação entre poder temporal e espiritual: posicionamentos reafirmados em sua *Vie de Jésus*. Aí, Renan pôde utilizar seu objeto, em alguns momentos, no intuito de perpetrar duras críticas ao seu presente. Desde o final da introdução desse livro o erudito francês já criticava, por exemplo, aqueles que procuravam retirar Jesus da história, pois a "glória" e o "verdadeiro culto" a Jesus seriam prestados ao mostrar como toda a história seria "incompreensível sem ele". Esse pressuposto abriria caminhos para que Renan criticasse algumas das formas como o cristianismo era concebido pelos seus contemporâneos: uma "mesquinha teologia", presa a valores exteriores, que deturpava a "religião do coração" proposta por Jesus.

Em 1864, uma "edição popular" de *Vie de Jésus* vinha a público[327]. Segundo Renan, a "imagem" que ele havia traçado de Jesus ganhou certa atenção, por isso, pareceu-lhe um dever oferecê-la para as pessoas que Jesus mais amou: os pobres, os entristecidos, o povo. Com esse imperativo, tanto o volume quanto o preço da obra original teriam de ser reduzidos, para que pudesse ser acessível a todos. Ao lado dessas questões, Renan ainda afirmaria que

---

[325] RENAN, E. *La Chaire d'hébreu au Collège de France*. Explications à mes collègues. 2 ed. Paris: Michel Lévy, 1862. p. 27. No texto original: "La liberté est ainsi la grande solution de tous les problèmes de l'ordre intellectuel et religieux".

[326] Nome do capítulo do incontornável livro de Michel Winock: WINOCK, M. Renan lança uma bomba. In: WINOCK, M. *As vozes da liberdade*: os escritores engajados do século XIX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 533-549.

[327] RENAN, E. *Jésus*. 15. ed. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1864.

essa edição seria quase idêntica a original, tendo sido retirados apenas alguns trechos que poderiam causar "mal entendidos" ou que necessitassem de "longas explicações". A imagem que o autor buscaria apresentar ao público seria a de um Cristo "simples e puro". Possivelmente, tal "pintura" se caracterizaria como a "mais verdadeira", pois seria a forma concebida, vivida e adorada pelo próprio "povo"[328]. Nesse texto, assim como nos anteriores, "a história é uma ciência como a química, como a geologia"[329] e o "povo", por uma "espécie de instinto profundo", alcançaria rapidamente os mais elevados "resultados da ciência". Ele veria, através das formas religiosas do passado, que nenhuma religião pode ter "valor absoluto". Ora, para ser um "bom francês", não haveria necessidade de crer nas visões de Joana D'Arc. Por tudo isso, Renan afirma que poderia ser útil ao povo essa história da grande "revolução popular" e da vida de seu "melhor amigo". Essa "lenda" traria alívio e conduziria à reflexão sobre os principais problemas de seu tempo: os problemas sociais. No término do prefácio dessa obra, o autor afirma que ficaria feliz se "estes relatos do passado" fizessem com que o "povo" esquecesse o presente e renovasse a "doçura" daqueles momentos que encantaram de alegria outros "humildes"[330].

Dos povos gregos e semíticos do passado ao povo francês do século XIX, uma regra foi incontornável: a do "amor do verdadeiro". Reg(r)ado e "cultivado" na *Société Asiatique* e na *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, esse amor dependia do dever insaciável de "ceifar", conservar, acumular e criticar documentos, para que então, depois de estabelecidos seus graus de autenticidade e suas capacidades de prova, o historiador pudesse pacientemente extrair os fatos que ali restaram e que deixaram rastros. Essas técnicas minuciosas e quase que

---

[328] CEZAR, Temístocles. Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. *História Unisinos*, vol. 8, n. 10, p. 11-34, jul./dez. 2004.

[329] RENAN, E. *Jésus*. 15. ed. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1864. p. III. No texto original: "L'histoire est une science comme la chimie, comme la géologie".

[330] Em abril de 1864, já tinham sido vendidos 65 mil exemplares de *Vie de Jésus* e, nesse mesmo ano, foram vendidos 82 mil exemplares da sua edição popular. Cf. WINOCK, op. cit. Também nesse ano foi publicada uma *bibliographie* que listava as publicações relativas à obra de Renan: MILSAND, Ph. *Bibliographie des publications relatives au livre de M. Renan Vie de Jésus* (de Juillet 1863 à Juin 1864). Paris: E. Dentu, Libraire, Palais-Royal, 1864.

monásticas, quando acompanhadas e fundamentadas em práticas como a epigrafia, etnografia, paleografia e a filologia, possibilitaram que a história adquirisse um "caráter" positivo, se abrigasse no domínio dos fatos. No santuário da erudição, esse amor secular tinha algo em comum com o "objetivo sagrado da ciência": a verdade. Por tanto amor e por tanta verdade, alguém se atreveria a negar a humanidade de Jesus? A suspensão do curso de Renan no *Collège de France* é uma resposta admissível. Resta, porém, outra dúvida: como foi possível esse "amor pela verdade" diante de tantas menções ao verossímil?

Essa questão nos aproxima do final do capítulo, espaço ao qual, geralmente, reservo para diálogos e convites aos leitores e às leitoras. Dessa vez, gostaria de convidá-los a imaginar um diálogo entre dois importantes personagens do presente capítulo. Assim como Renan, creio que os diálogos sejam uma boa forma de apresentar vários aspectos de um problema de maneira não dogmática[331].

***Personagens*:**

Eco da voz de Aristóteles;

Wilhelm von Humboldt;

Ernest Renan.

No santuário da erudição, um som estranho, antigo, mas legível ainda, despertou a atenção de dois vizinhos...

Eco da voz de Aristóteles – "[...] o poeta conta, em sua obra, não o que aconteceu e sim as coisas quais poderiam vir a acontecer, e que sejam possíveis tanto da perspectiva da verossimilhança como da necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem por escrever em verso ou prosa; caso as obras de Heródoto fossem postas em metros, não deixaria de ser história; a diferença é que um relata os acontecimentos que de fato sucederam, enquanto o outro fala das coisas que poderiam suceder. E é por esse motivo que a poesia contém mais

[331] Antes dos "conselhos de Renan", porém, devo agradecimentos ao professor Temístocles Cezar, inspiração e influência direta, tanto na escolha das personagens, quanto na forma de apresentação. RENAN, E. *Dialogues et fragments philosophiques*. 4. ed. Paris: Calmann Lévy, Éditeur, 1876.

filosofia e circunspecção do que a história; a primeira trata das coisas universais, enquanto a segunda cuida do particular. Entendo que tratar das coisas universais significa atribuir a alguém ideias e atos que, por necessidade ou verossimilhança, a natureza desse alguém exige; a poesia, desse modo, visa ao universal, mesmo quando dá nomes a suas personagens"[332].

Renan (*um tanto assombrado, lembrou-se de algumas comparações*) – "Jesus fundou a religião na humanidade, como Sócrates fundou nela a filosofia e Aristóteles a ciência. Houve filosofia antes de Sócrates e ciência antes de Aristóteles. Desde Sócrates e desde Aristóteles, a filosofia e a ciência têm feito imensos progressos; mas tudo tem sido edificado a partir dos fundamentos que eles lançaram"[333].

Humboldt (*também admirado*) – "Desconsiderando que a História, como qualquer ocupação científica, se presta a muitos fins secundários, seu trabalho, assim como a Filosofia e a poesia, é livre, uma arte plena em si mesma. [...] A História persegue a imagem do destino humano em sua verdade autêntica, plenitude viva e pura clareza, e ela deve ser sentida de tal maneira pela alma resguardada no objeto a ponto de que, perante essa imagem, se percam e se dissolvam as opiniões os sentimentos e as ambições pessoais"[334].

Renan (*ainda estonteado, balbuciou algumas sentenças*) – "A história é uma ciência como a química, como a geologia"[335]. "A história, aliás, é uma arte tanto quanto uma ciência [...]"[336] e a "descoberta da verdade" é o "objetivo sagrado da ciência"[337].

---

[332] ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 47.

[333] RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863. p. 446. No texto original: "Jésus a fondé la religion dans l'humanité, comme Socrate y a fondé la philosophie, comme Aristote y a fondé la science. Il y a eu de la philosophie avant Socrate et de la science avant Aristote. Depuis Socrate et depuis Aristote, la philosophie et la science ont fait d'immenses progrès; mais tout a été bâti sur le fondement qu'ils ont posé".

[334] HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a tarefa do historiador (1821). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-100. p. 85.

[335] RENAN, E. *Jésus*. 15. ed. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1864. p. III. No texto original: "L'histoire est une science comme la chimie, comme la géologie".

[336] RENAN, E. M. Augustin Thierry. *Journal des Débats*, 7 jan. 1857. No texto original: "L'histoire d'ailleurs est un art autant qu'une science [...]".

[337] RENAN, E. *De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation*. (Discours d'ouverture du cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque au Collège de France). 4 ed. Paris: Michel Lévy Frères, 1862. p. 8-9.

Humboldt – "A tarefa do historiador consiste na exposição do acontecimento". [...] No mundo dos sentidos, porém, o acontecimento só é visível parcialmente, precisando o restante ser intuído, concluído e deduzido". [...] Quando se tenta esclarecer o fato mais insignificante, mas limita-se somente a dizer o que realmente aconteceu, logo se percebe que, sem um cuidado extremo na escolha e na medida das expressões, tornam-se inevitáveis os erros e as imprecisões, porquanto pequenos fatores acabam se mesclando aos eventos do passado"[338].

Renan (*exaltando-se um pouco*) – "Trate alguém de chegar à verdade sobre o modo como se deu esse ou aquele fato contemporâneo, e verá que não a alcança"[339]. "Esses detalhes não são verdadeiros ao pé da letra; mas são verdades de uma verdade superior, são mais verdadeiros do que a verdade nua, porque são a verdade expressiva e falante, elevada à altura de uma ideia"[340]. Seria suprimir a história "[...] enjeitar toda a cor dessas narrativas e limitar-nos ao enunciado dos fatos do conjunto [...]"[341].

Humboldt (*com um gesto afirmativo*) – "Ninguém pode negar-lhes um fundamento da mais autêntica verdade histórica, ainda que, mesmo nas melhores dentre elas, haja fatos deturpados e, inclusive, fábulas evidentes"[342]. Assim, a história "[...] traz consigo uma verdade mais elevada; afinal, o maior privilégio da obra de arte consiste em revelar a verdade interna e obscurecida da forma quando esta aparece na realidade"[343]. Além disso, "[...] as

---

[338] HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a tarefa do historiador (1821). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-100. p. 82-83.

[339] RENAN, E. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863. p. XLVII. No texto original: "Qu'on essaye d'arriver au vrai sur la manière dont s'est passé tel ou tel fait contemporain; on n'y réussira pas".

[340] Ibidem. No texto original: "Ces détails ne sont pas vrais à la lettre; mais ils sont vrais d'une vérité supérieure; ils sont plus vrais que la nue vérité, en ce sens qu'ils sont la vérité rendue expressive et parlante, élevée à la hauteur d'une idée.".

[341] Ibidem. No texto original: "[...] renoncer à toute la couleur des récits et se borner à l'énoncé des faits d'ensemble [...]".

[342] HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a tarefa do historiador (1821). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-100. p. 85.

[343] Ibidem. p. 88.

ideias, que, de acordo com sua própria natureza, situam-se fora do círculo da finitude, mas que organizam e dominam a história mundial em cada uma de suas partes"[344].

Renan – Pois bem, "em tamanho esforço para ressuscitar as sublimes almas do passado, um pouco de adivinhação e de conjectura deve ser permitido. Uma vida grandiosa é um todo orgânico que não pode se submeter a uma simples aglomeração de pequenos fatos. É mister que um sentimento profundo abrace o conjunto e constitua a sua unidade. Em tal matéria, a razão da arte é um bom guia; um delicado tato de um Goethe acharia aí em que aplicar-se"[345].

Humboldt – "Pode parecer duvidoso fazer com que se toquem, mesmo que o seja em um ponto, as áreas do historiador e do poeta. As atividades de ambos, porém, tem afinidades inegáveis, pois, se a exposição feita pelo historiador, como já foi dito antes, só atinge a verdade do acontecimento se houver complementação e articulação do que à observação imediata se mostra incompleto e fragmentado, tal conquista só é possível ao historiador, caso ele, como o poeta, use a fantasia. Fica, porém, afastado o risco da total supressão das diferenças entre as duas áreas quando se vê que o historiador subordina a fantasia à experiência e à investigação da realidade. Subordinada, a fantasia não age livremente, razão pela qual é melhor denominá-la 'faculdade da intuição' e 'dom de estabelecer conexões'"[346].

Renan – "A condição essencial das criações da arte é formar um sistema vivo cujas partes se nomeiam e se governam. Nas histórias como essa, o grande sinal de que se possui a

---

[344] Ibidem. p. 95.

[345] RENAN, op. cit., p. LV. No texto original: "Dans un tel effort pour faire revivre les hautes âmes du passé, une part de divination et de conjecture doit être permise. Une grande vie est un tout organique qui ne peut se rendre par la simple agglomération de petits faits. Il faut qu'un sentiment profond embrasse l'ensemble et en fasse l'unité. La raison d'art en pareil sujet est un bon guide; le tact exquis d'un Goethe trouverait à s'y appliquer".

[346] HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a tarefa do historiador (1821). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-100. p. 83-84.

verdade é ter conseguido combinar os textos de uma maneira que constitua uma narração lógica, verossímil, em que nada destoe"[347].

Humboldt – "Mal se obtém o esqueleto do dado através da crua triagem do que realmente aconteceu. O que se adquire por essa triagem é o fundamento necessário da história, seu material, mas nunca a própria história. Parar neste ponto significaria sacrificar uma verdade autêntica, interna e fundamentada em um contexto causal, em benefício de uma outra, superficial, literal e aparente. Significaria também optar por erros conhecidos para escapar do perigo de um erro cuja possibilidade de ocorrer ainda é incerta. A verdade do acontecimento baseia-se na complementação a ser feita pelo historiador ao que chamamos anteriormente de parte invisível do fato. Visto por esse lado, o historiador é autônomo, e até mesmo criativo; e não na medida em que produz o que não está previamente dado, mas na medida em que, com sua própria força, dá forma ao que realmente é, algo impossível de ser obtido sendo meramente receptivo. De um modo diverso ao do poeta, mas ainda assim mantendo semelhanças com ele, o historiador precisa compor um todo a partir de um conjunto de fragmentos"[348].

Renan – "[...] pois o que se trata de encontrar aqui, não é a circunstância material, impossível de verificar, é a própria alma da história; o que cumpre procurar, não é a apoucada certeza das minúcias, é a exatidão do sentimento geral, a verdade do colorido. Cada traço que sai das regras da narração clássica deve advertir para ficar atento, porque o fato que se trata de contar foi vivo, natural, harmonioso. Se não se consegue restitui-lo assim pela narrativa, é porque sem dúvida não pôde alcançá-lo direito"[349].

---

[347] RENAN, op. cit., p. LV. No texto original: "La condition essentielle des créations de l'art est de former un système vivant dont toutes les parties s'appellent et se commandent. Dans les histoires du genre de celle-ci, le grand signe qu'on tient le vrai est d'avoir réussi à combiner les textes d'une façon qui constitue un récit logique, vraisemblable, où rien ne détonne".

[348] HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a tarefa do historiador (1821). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-100. p. 83.

[349] RENAN, op. cit., p. LVI. No texto original: "[...] car ce qu'il s'agit de retrouver ici, ce n'est pas la circonstance matérielle, impossible à contrôler, c'est l'âme même de l'histoire ; ce qu'il faut rechercher, ce n'est pas la petite

Humboldt – "Assim como o desenhista, o historiador não produz mais do que caricaturas caso desenhe somente aspectos particulares do que se lhe apresenta, ou, por outra, se apenas reproduz a sua aparência ou a sequência em que se mostram"[350].

Renan – "Suponhamos que restaurando a Minerva de Fídias segundo os textos, produzíssemos um todo seco, fragmentado, artificial. Que conclusão se deve tirar daí? Só uma: os textos carecem da interpretação do gosto; é preciso solicitá-los com brandura até que cheguem a se harmonizar e a oferecer um todo em que sejam felizmente fundidas todas as partes. Haveria, então, a certeza de ter, traço por traço, a estátua grega? Não; mas, ao menos, não teríamos a sua caricatura: teríamos o espírito geral da obra, um dos modos como ela pôde existir"[351].

Humboldt – "Ainda assim, ficaria reservado à História um lugar inferior. A verdade do acontecimento bem pode parecer simples, mas é o que há de mais elevado a ser pensado. Conquistada integralmente, nela se desvelaria, como uma cadeia necessária, aquilo que condiciona o real. O historiador também precisa buscar o necessário e, ao contrário do poeta, não deve submeter o elemento material ao domínio da forma da necessidade, mas sim às ideias que lhe servem de leis e se preservaram incorruptíveis no espírito"[352].

---

certitude des minuties, c'est la justesse du sentiment général, la vérité de la couleur. Chaque trait qui sort des règles de la narration classique doit avertir de prendre garde ; car le fait qu'il s'agit de raconter a été vivant, naturel, harmonieux. Si on ne réussit pas à le rendre tel par le récit, c'est que sûrement on n'est pas arrivé à le bien voir".

[350] HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a tarefa do historiador (1821). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-100. p. 84.

[351] RENAN, op. cit., p. LVI. No texto original: "Supposons qu'en restaurant la Minerve de Phidias selon les textes, on produisît un ensemble sec, heurté, artificiel; que faudrait-il en conclure? Une seule chose :
c'est que les textes ont besoin de l'interprétation du goût, qu'il faut les solliciter doucement jusqu'à ce qu'ils arrivent à se rapprocher et à fournir un ensemble où toutes les données soient heureusement fondues. Serait-on sûr alors d'avoir, trait pour trait, la statue grecque? Non; mais on n'en aurait pas du moins la caricature : on aurait l'esprit général de l'oeuvre, une des façons dont elle a pu exister".

[352] HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a tarefa do historiador (1821). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-100. p. 84.

Renan – "O talento do historiador consiste em fazer um conjunto verdadeiro com traços que não são verdadeiros senão pela metade"[353].

Humboldt – E, por isso mesmo, s*avant confrère*, a "tarefa do historiador" [...] "exige extrema cautela"[354].

"A hora do fim da sessão tendo soado, Sr. Renan não teve tempo de responder [...], haverá [...] o retorno da discussão em uma próxima sessão"[355].

[353] RENAN, E. *Vie de Jésus*. 13. ed. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1867. p. XX. No texto original: "Le talent de l'historien consiste à faire um ensemble vrai avec des traits qui ne sont vrais qu'à demi".
[354] HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a tarefa do historiador (1821). In: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *História Pensada*: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-100. p. 82 e 94.
[355] RENAN, E. Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques et en particulier sur leur tendance au monothéisme. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 3e année, 1859. p. 67-100. p. 84. No texto original: "L'heure de la fin de la séance ayant sonné, M. Renan n'a pas eu le temps de répondre [...] le renvoi de la discussion à une séance prochaine".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> *Enfim, falávamos da contradição entre a realidade do cadáver e a crença na sobrevivência dos mortos que é preciso alimentar no túmulo: a contradição pode ser vivida sem dificuldade, pela simples razão de que a experiência do cadáver é uma "experiência", enquanto a crença no além é algo bem mais elaborado, ou seja, um espírito objetivo. Ora, como os espíritos objetivos estão sempre distantes, só se adere às crenças pela metade, por dever, e rindo delas, quando for o caso*[356].

O "enfim" dessa epígrafe, bem como os seus sentidos, contribuem para que leitores e leitoras saibam que essas linhas tratam de uma conclusão. Parte de fundamental importância no trabalho do historiador, ela pode muitas vezes gerar a sensação de que o autor pretende controlar as leituras, seus significados, ou ainda que ele creia em um fechamento do texto e até da história. Além de não partilhar essas crenças, creio, na verdade, que um texto apenas se realize na recepção. Mesmo com todos esses pressupostos, "concluir" é incontornável, é um dever que podemos, pelo menos, aderir pela metade, criando outros sentidos e sorrindo, quando for o caso.

Por isso, gostaria de recordar que, há muito tempo atrás, nas indesejáveis noites da Babilônia, a mão de Deus levou Ezequiel para um vale cheio de ossos. Após uma chegada brusca, o profeta caminhou e olhou em todas as direções; sob seus pés, apenas o som empoeirado, árido, frio, sedento e mudo de ossos completamente secos. Deus então perguntou a Ezequiel: tu crês que eles voltarão a viver? Sabiamente, Ezequiel respondeu que não sabia a resposta; talvez por lhe faltarem as orações corretas. Com a paciência de Jó e para a surpresa dos próprios ossos, Deus ensinou, com um sopro, palavras certeiras que atravessaram Ezequiel e lhe deram crédito. Eis que houve um ruído, tudo estremeceu, e os ossos começaram a se aproximar lentamente, pouco a pouco eles foram revestidos de tendões, carne

[356] VEYNE, P. Condutas sem crença e obras de arte sem espectador. *Topoi*, v. 13, n. 24, jan.-jun. 2012, p. 175-188. p. 188.

e pele. Essa composição, entretanto, não era suficiente para que Ezequiel acreditasse; já que ele só via diante de si um amontoado de corpos inertes. As palavras, que eram chaves da revelação, pertenciam ao divino e se ausentavam diante da visão. Quando Deus finalmente as revelou, o sacerdote pôde soprá-las em direção aos mortos, que se encheram do espírito, colocaram-se de pé e voltaram a viver.

O livro de Ezequiel, obra do exílio em relação à terra prometida, inaugurou, na bíblia, a forma de escrita apocalíptica, ou seja, aquela que só pode começar com o anúncio de um fim. A ação de fé de Ezequiel parece convidar à inscrição de um novo mandamento: para fazer os mortos renascerem, é preciso crer. É instituída a necessidade da crença para ressuscitar os "ossos secos", empoeirados, escondidos e até digitalizados. O ato de crer faria emergir palavras especiais, às vezes proféticas, que continham o poder de decifrar a morte e de penetrar os mais resistentes ossos.

Visto dessa forma, não é de se admirar a recorrência da cena do sopro de Ezequiel na historiografia do século XIX. No primeiro capítulo, entre tantos sorrisos, Gabriel Monod apresentava os três mestres da história e a um deles, a metáfora do "historiador Ezequiel" foi oportuna: Michelet. Ao lado de Taine, o "historiador filósofo", e de Michelet, estava Renan, um "historiador crítico". Além de sintetizar aspectos centrais da escrita da história de Taine e de Michelet, Renan, de acordo com Monod, teria determinado e desembaraçado as condições e os limites do conhecimento histórico.

Devo admitir que essa característica tornou ainda mais instigante a pergunta central dessa pesquisa: *como se escrevia a História em meados do século XIX?* Por meio da leitura dos diversos textos de Renan, pude somar alguns significados a ela, narrando importantes questões que compuseram a escrita da história oitocentista. Havia uma partilha, uma condição, uma regra incontornável entre os "missionários" da "grande obra" do século XIX: o "amor pela verdade". Esse amor, essa vontade de verdade, impulsionava angústias nos

obreiros do passado e tornava a tarefa dos historiadores uma missão que, em diversos momentos, deveria conduzir uma autorreflexão a respeito do caráter temporal e histórico da própria história e de seus métodos. Esse pacto de verdade e pela verdade além de situar a ciência histórica no tempo, reordenando as categorias de passado, presente e futuro, ainda possibilitava que ela "aperfeiçoasse" seus métodos com intuito de alcançar seu objetivo sagrado, ou seja, a verdade. Com esse vocabulário, Renan se tornava um dos "mestres" e "missionários" da criação original do século XIX. Diante dos embates pelas verdadeiras imagens do passado inventadas pelas Filosofias da História e pelo Historicismo, Renan fabricava uma saída para o método histórico, afirmando o ecletismo como método inevitável; um único meio, uma forma absoluta não lhe parecia suficiente para explicar os complexos fenômenos humanos. Assim, no "palco da historiografia" desse período, a história parece reclamar para si o papel de atriz, diretora e engenheira do teatro. Nesse sentido, a cena principal de sua peça criou um ambiente do avesso do avesso e vice-versa, talvez com o intuito de que todos aprendessem a chamá-la de realidade e cressem nela como uma "coisa religiosa", como a derradeira ciência da verdade; ao mesmo tempo, juíza do passado e regente das maneiras de escrever o passado. No estudo dessa grande missão pregada por Renan, foi impossível não me lembrar de duas frases de Charles-Olivier Carbonell: "no século XIX, Clio ceifa e enceleira" e "século da história, o século XIX é talvez, mais propriamente, o século dos historiadores no século"[357].

Para criar tais sentidos, li os escritos de Renan, primeiramente, relacionando-os aos *lugares* a que ele pertencia e, em segundo lugar, refletindo a respeito das maneiras com que tais escritos ordenavam as categorias de passado-presente-futuro[358]. Nos anos de 1847 e 1848,

[357] CARBONELL, Charles-Olivier. O século da história. In: _____. *Historiografia*. Tradução de Pedro Jordão. Lisboa: Teorema, [1992?]. p. 91-110. Respectivamente nas páginas 98 e 110.
[358] CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 65-119; HARTOG, F. *Regimes de historicidade:* presentismo e experiências do tempo. Tradução: Andréa Souza de Menezes et al. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Renan conquistou dois prêmios, oferecidos pela *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, com seus trabalhos a respeito da história das línguas gregas e semíticas. Leitor de Humbold, de Herder, de Grimm e de Franz Bopp, Renan pensava a língua como a poesia de um povo, de uma raça, de uma nação; ela revelava e expressava o que havia de mais profundo no humano. Mesmo possuindo leis internas, a grande lei da linguagem, no século XIX, estava na ordem do tempo; estudar uma língua significava, antes de qualquer coisa, dizer que ela possuía historicidade. Assim, a língua se tornava, ao mesmo tempo, objeto e documento para o trabalho do historiador.

Com seus estudos de filólogo e de historiador, Renan pôde se juntar, em 1847, à tropa que se situava na entrada do grande santuário da erudição: a *Société Asiatique*. Para além do conhecimento das línguas asiáticas ou orientais, havia outra regra fundamental para os membros desse lugar: viajar. Para o Oriente? Sem dúvida, mas não exclusivamente. Era possível viajar também para outros lugares do Ocidente, contanto que eles possuíssem traços e rastros orientais. De tal modo, Renan foi enviado à Itália e à Inglaterra em busca de manuscritos siríacos e árabes. Como diria Renan, após a "abundante ceifa", ele retornou em 1850 a Paris, para terminar suas duas teses na *Faculté des Lettres de Paris* sobre a história da filosofia síria e árabe. Essas teses colocavam em contato, novamente, gregos e semíticos. Para Renan, se não fossem os árabes, na Idade Média, talvez o Ocidente não possuísse conhecimento da ciência e da filosofia dos gregos. Então ele resolveu voltar ao ponto de partida dessa marcha do conhecimento, ou seja, aos monastérios sírios dos séculos VI e VII. Os manuscritos dessa pesquisa trouxeram uma feliz comprovação ao erudito: eles estavam repletos de comentários e traduções das obras de Aristóteles que tratavam da *Lógica* e da *Poética*.

Após a publicação das teses em 1852, Renan continuou a trabalhar com esses manuscritos e também com outras inscrições fenícias encontradas no Egito. Em um trabalho

minucioso, palavra por palavra, todos os possíveis significados poderiam ser relevantes na interpretação. Pela sua "antiguidade", esses documentos se metamorfoseavam em pérolas raras e preciosas, e, por isso, tornavam-se difíceis de decifrar. Renan, um pesquisador da verdade, aprendeu nesse instante que muitas vezes ele se contentaria apenas com o verossímil. A *Société*, ao perceber que Renan não abandonaria tais documentos, explicou que ele já havia extraído os fatos importantes e deveria aproveitar seus dons extraordinários de generalização com outros assuntos, sem perder tempo com estudos tão específicos.

Assim, um lugar da erudição instaurava a possibilidade das pesquisas renanianas a respeito da tendência dos povos semíticos ao monoteísmo. Ora, bastava afastar-se um pouco dos manuscritos, para perceber que, assim como a língua, a religião também era documento. Diante das dificuldades que apareciam no caminho que partia do específico e chegava à síntese, as possíveis leis do movimento eram bem vindas.

Em 1856, Renan desenvolvia tais estudos, quando outro "historiador Ezequiel" morreu: Augustin Thierry, o mestre que lhe ensinou a articular erudição, filosofia e escrita da e na história. Ele deixava vago um lugar na *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, instituição continuadora dos beneditinos de *Saint-Maur*, amantes da verdade e da autenticidade de documentos que se tornariam históricos. Renan substituiu Thierry e, nessa instituição voltada a uma escrita da história erudita e documental, pôde, pouco a pouco, não sem alguma dificuldade, comprovar outras tendências da raça semítica: a sua tendência ao monoteísmo e, necessariamente, ao cristianismo.

No ano de 1863, o primeiro volume da história das origens do cristianismo de Renan, intitulado *Vie de Jésus*, trazia logo em seu início essa tensão entre as leis da história e do progresso das religiões e a crítica minuciosa e racional de documentos originais. Essas fontes muito antigas deixavam lacunas que as leis viriam esconder e vice-versa. Mesmo assim, Renan percebia que as lacunas e incertezas dos documentos e das leis apareciam e se

ausentavam na narrativa. Representar a verdade de Jesus e do cristianismo era tarefa quase impossível para Renan diante da qualidade e dos valores dos documentos disponíveis – ainda mais se Jesus fosse considerado um homem, como sua expulsão do *Collège de France* não deixa esquecer. Nessas histórias, como afirmava Renan, em "diálogo" com Humboldt, havia a possibilidade de se tolerar um pouco de adivinhação e conjectura. Para escrever esse passado tão distante e incerto, a narrativa não poderia se contentar com o materialmente verdadeiro; ao contrário, o grande sinal de verdade dessa história emergiria a partir de uma narrativa que alcançasse o sentimento geral e que fosse lógica, possível, enfim, verossímil.

Nessa leitura, lembrei-me, "mais uma vez"[359], da distinção que Aristóteles, em sua *Poética*, estabeleceu entre a história, que se referia ao particular e ao que aconteceu, e a poesia, que cuidava do que poderia acontecer e se referia ao geral. Isso poderia significar que Renan, conhecedor de Aristóteles, em meados do XIX, situou a história junto à poesia? Para Renan, assim como Jesus fundou a religião, Aristóteles era o fundador da ciência. Desse modo, talvez seja possível imaginar que Renan criava com Aristóteles um novo lugar para a história. Ela era sim uma ciência em busca da verdade, do que realmente aconteceu no passado. Isso não impede, entretanto, que ela fosse também uma ciência do verossímil, que investisse, controladamente, imaginação e criatividade em sua escrita.

Ezequiel sinalizou para o crer, enquanto Aristóteles ensinou a criar. Entre o crer e o criar, a historiografia de meados do século XIX não cessou de se angustiar diante das dificuldades em se referir, em significar, em dar sentido ao passado, mediado pela escrita. Por isso, talvez seja importante, aqui também, questionarmo-nos: no que cremos[360]? O que criamos, hoje? Cremos e criamos (nas) conclusões? Talvez, seja melhor escrever que essa dissertação, suas considerações finais, conclusivas e no final do texto creem em si mesmas da

[359] HARTOG, F. Aristóteles e a história, mais uma vez. *História da historiografia*, n. 13, dezembro, 2013. p. 14-23.
[360] HARTOG, F. *Croire en l'histoire*. Paris: Flammarion, 2013.

forma como se crê em uma epígrafe: criando um sorriso possível. E, para isso, uma das crenças de Renan pode nos ajudar: "na ciência [...] nós somos exclusivamente gregos"[361].

[361] RENAN, E. *De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation*. (Discours d'ouverture du cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque au Collège de France). 4 ed. Paris: Michel Lévy Frères, 1862. p. 17. No texto original: "Dans la science [...] nous sommes exclusivement Grecs".

FONTES

Atas da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres:

COMPTES-RENDUS DES SÉANCES DE L'ACADÉMIE DES INSCRIPTIONS ET BELLE-LETTRES. Paris: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. (1857-1863).

Livros de Renan:

PSICHARI, Henriette (ed.). *Oeuvres complètes de Ernest Renan*. Paris: Callmann-Lévy, 1947. 10v.

RENAN, E. *De l'origine du langage*. Paris: Joubert, 1848.

_____. *Averroès et l'Averroïsme*: essai historique. Paris: Durand, 1852.

_____. *Histoire général et système comparé des langues sémitiques*. Paris: Imprimerie Impériale, 1855.

_____. *Études d'histoire religieuse*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1857.

_____. *De l'origine du langage*. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1858.

_____. *Le livre de Job*: traduit de l'hebreu – étude sur l'age et le caractère du poème. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1858.

_____. *Essais de Morale et de critique*. Paris: Michel Lévy Frères, 1859.

_____. *Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques et en particulier sur leur tendance au monothéisme*. Paris: Imprimerie Impériale, 1859.

_____. *Le Cantique des cantiques*: traduit d l'hebreu – étude sur la plan, l'age et le caractère du poème. Paris: Michel Lévy frères libraires-éditeurs, 1860.

_____. *La Chaire d'hébreu au Collège de France*. Explications à mes collègues. 2 ed. Paris: Michel Lévy, 1862.

_____. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1863.

_____. *Jésus*. 15. ed. Paris: Michel Lévy Frères libraires éditeurs, 1864.

_____. *Vie de Jésus*. 13 ed. Paris: Michel Lévy, 1867.

_____. *L'avenir de la science:* pensées de 1848. Paris: Calmann Lévy Éditeur, 1890.

_____. *Histoire de l'étude de la langue grecque dans l'Occident de l'Europe depuis la fin du Ve siècle jusqu'à celle du XIVe*. Paris: Les éditions du Cerf, 2009.

Prefácios de Renan:

RENAN, E. Préface. In: GRIMM, Jacob. *De l'Origine du langage*. Traduit de l'allemand par Fernand de Wegmann. Paris: A. Franck, 1859. p. 1-3.

_____. Préface. In: MÜLLER, M. *Essai de Mythologie Comparée*. Paris, Durand Libraire; Londres, W. Norgates Libraire, 1859.

Discurso de Renan:

RENAN, E. *De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation*. (Discours d'ouverture du cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque au Collège de France). 4 ed. Paris: Michel Lévy Frères. 1862.

Artigos a respeito de Renan:

BERTHELOT, Marcelin. La science idéale et la science positive. *Revue des Deux Mondes*, t. 47, p. 443-459, nov.-dez. 1863.

LITTRÉ, É. De la civilisation et du monothéisme chez les peuples sémitiques. A propos du livre de m. Renan sur les langues. *Revue des Deux-Mondes*. 2º période, T. X, jul.-ago. 1857, p. 114-138.

PREVOST-PARADOL. [Extratos da reedição de *l'Origine du langage*, precedida de uma nota de Prevost-Paradol]. *Journal des Débats*, 12 mar. 1858.

_____. [Aviso da segunda edição da *Histoire générale des langues sémitiques*, precedida de uma nota de Prevost-Paradol]. *Journal des Débats*, 9 set. 1858.

_____. [Extratos da *Introduction* à tradução do *Livre de Job*, precedida de uma nota de Prevost-Paradol]. *Journal des Débats*, 17 dez. 1858.

SACY, S. de. [Fragmento do prefácio dos *Études d'histoire religieuse* com observações de S. de Sacy]. *Journal des Débats*, 18 mar. 1857.

_____. [Extrato do prefácio dos *Essais de morale et de critique*, precedida de uma nota de S. de Sacy]. *Journal des Débats*, 12 juin 1859.

_____. [Extrato do prefácio da tradução do *Cantique des cantiques*, precedida de uma nota de S. de Sacy]. *Journal des Débats*, 21 mai 1860.

Artigos de Renan:

RENAN, E. Le Libéralisme clérical. *La Liberté de penser*. T. I, maio. 1848, p. 510-531.

_____. Histoire de la philologie classique dans l'antiquité. *Journal géneral de l'instruction publique*, t. 17, n. 48, p. 288-290, 14 jun. 1848 e n. 50, p. 296-298, 21 jun. 1848.

_____. Les congrès philologiques en Allemagne. *Journal géneral de l'instruction publique*, t. 17, n. 66, p. 388-389, 14 ago. 1848 e n. 67, p. 391-393, 23 ago. 1848.

_____. Cosmos de M. Alexandre de Humboldt. *La Liberté de penser.* T. II, nov. 1848, p. 567-579.

_____. De l'Origine du langage.... *La Liberté de penser*, T. II, set. 1848, p. 368-380; T. III, dez. 1848, p. 64-83.

_____. Les Congrégations *de auxiliis*, épisode de l'histoire de la théologie. *La Liberté de penser*, T. III, jan. 1849, p. 148-164.

_____. Les historiens critiques de la vie de Jésus. *La liberté de penser*, t. III, p. 365-384, 15 mar. 1849.

_____. L'Activité intellectuelle en France en 1849. *La Liberté de penser*. T. IV, 15 jul. 1849, p. 126-147.

_____. Qu'est-ce que la religion dans la nouvelle philosophie allemande? *La liberté de penser*, t. VI, p. 341-349, jun-nov. 1850.

_____. Lettre adressée à M. Reinaud par M. Renan, chargé, conjointement avec M. le Dr Daremberg, d'une mission scientifique en Italie. [Sur les manuscrits syriaques, arabes, hébreux et éthiopiens des bibliothèques de Rome.] *Journal asiatique*, IV série, T. XV, fev.-mar. 1850, T. I, p. 290-294.

_____. Deuxième lettre de M. Renan à M. Reinaud, membre de l'Institut. [Recherches dans les bibliothèques italiennes: manuscrits syriaques et arabes, relatifs à la philosophie des Syriens et à celle d'Averroès, manuscrit des Mendaïtes.] *Journal asiatique*, IVe série, T. XV, abr. 1850, T. I, p. 387-392.

_____. Catalogue général des manuscrits des bibliothèques publiques des départements. *Journal général de l'Instruction publique*. T. 20, n. 34, 26 abr. 1851, p. 198-199.

_____. L'Histoire littéraire de l'Italie. (A propos des Documents inédits pour servir à l'histoire littéraire de l'Italie, par Ozanam.) - Paris, 1850. In-8°. *Journal des Savants*, abr. 1851, p. 230-247.

_____. « Morale sociale, ou des Devoirs de l'État et des citoyens » par M. Adolphe Garnier. - Paris, 1850. *Journal de l'Instruction publique*. T. 20, 10 maio 1851, p. 218-219.

_____. De la Philosophie scolastique, par M. B, Hauréau, mémoire couronné par *l'Académie des sciences morales et politiques*. *La Liberté de penser*. T. VII, dez. 1850-maio 1851, p. 107-110.

_____. Du Mouvement intellectuel dans l'Italie contemporaine. Dom Luigi Tosti, ou le parti guelfe. *La Politique nouvelle*, 17 ago. 1851, p. 601-617.

_____. Mahomet et les origines de l'islamisme. *Revue des Deux Mondes*, t. 12, p. 1063-1101, 15 dez. 1851.

_____. Lettre à M. Reinaud, membre de l'Institut, sur quelques manuscrits syriaques du Musée Britannique, contenant des traductions d'auteurs grecs profanes et des traités philosophiques. *Journal asiatique*, 4ª série, T. XIX, abril de 1852, p. 293-333.

_____. Article nécrologique sur M. Eugène Burnouf. *Moniteur universel*, 13 jun. 1852.

_____. *Recueil des monuments inédits de l'histoire du Tiers-Etat* d'Augustin Thierry. *Revue des Deux-Mondes*. T. XV, jul. 1852, p. 198-200.

_____. *Spicilegium Solesmense, complectens SS. Patrum scriptorumque écclesiasticorum anecdota hactenus opera*, curante domino J.-B. Pitra. T. I. *Journal de l'Instruction publique*. T. 21, n° 100, 15 dez. 1852, p. 667.

_____. Notions élémentaires de grammaire comparée pour servir à l'étude des trois langues classiques, par M. Egger. *Athenaum français*, 18 dez. 1852. p. 395-397.

_____. *Ibn-Akil's Commentar zur Alfijja des Ibn Mâlik*, aus dem Arabischen zum ersten Male übersetzt, von Dr. F. Dieterici. - Berlin, 1852. *Athenaeum français*, 19 fev. 1853. p. 170.

_____. *Notices et extraits des manuscrits médicaux grecs, latins et français des principales bibliothèques de l'Europe*, par M. Daremberg. *Journal des Débats*, 22 abr. 1853. p. 4.

_____. *Notices et extraits des manuscrits médicaux grecs, latins et français des principales bibliothèques de l'Europe*, par le Dr. Ch. Daremberg. — *Essai sur la Providence*, par Ernest Bersot. — *Les Anciens statuts de l'Hôtel-Dieu-le-Comte, de Troyes*, publiés et annotés par Ph. Guignard. *Athenaeum français*, 23 abr. 1853. p. 386.

_____. Note sur les *Soliloques* de saint Augustin, trad. en français, avec le texte latin, une introduction et des notes par M. Pellissier. *Athenaeum français*, 7 maio 1853. p. 432.

_____. Des religions de l'antiquité et de leurs derniers historiens. *Revue des Deux Mondes*, t. II, p. 821-848, 15 maio 1853.

_____. *Der Segen Jacob's in Gènes: XLIX historisch erlaeutert...* von Ludwig Diestel. - *Die Moriscos in Spanien*, von A.-L. de Rochau. - *Die Handschriften-Verzeichnisse der Kœniglichen Bibliothek...* von Dr. Pertz. I. Band: *Verzeichniss der Sanskril-Handschriften...* von Dr. Weber. - *Die Biographieen der Troubadours in provenzalischer Sprache*, von C. A. F. Mahn. *Journal de l'Instruction publique*. T. 22, n° 42, 25 maio 1853, p. 331.

_____. Note sur l'édition, par Paul Boetticher (de Lagarde), de la traduction des Actes des Apôtres et des Epttres en copte (dialecte memphitique). *Journal asiatique*, 5ª série, T. I, jun. 1853, p. 577-578.

_____. *Les Séances de Hariri*, publiées en arabe, avec un commentaire choisi, par Silvestre de Sacy. 2e édition, revue et augmentée d'un choix de notes en français, par MM. Reinaud et Derenbourg. — Paris, 1853. 4 parties in-4º. *Journal des Débals*, 8 jun. 1853. p. 4.

_____. Un pèlerin chinois dans l'Inde an VIIe siècle. [A propos de: *L'Histoire de la vie de Hiouen-Thsang et de ses voyages dans l'Inde, depuis l'an 628 jusqu'en 645*, traduite du chinois par M. Stanislas Julien. — Paris, Impr. nationale, 1853.]. *Revue contemporaine*, 15 jul. 1853, p. 572-584.

_____. [Sur le personnage d'Averroès dans le tableau de Benozzo Gozzoli, *le Triomphe de saint Thomas d'Aquin*, au Musée du Louvre]. *Annuaire de la Société Impériale des Antiquaires de France*, 29 jul. 1853, p. 123-129.

_____. *Recherches sur l'histoire politique et littéraire de l'Espagne durant le moyen-âge*, par M. Reinhard Dozy,... T. I. Leyde, 1849. - *Scriptorum arabum loci de Abbadidis primum editi* a R. Dozy. T. II. - Lugduni Bataiorum, 1852. *Journal des Débats*, 31 ago. 1853. p. 4.

_____. Thèses de l'abbé Jallabert présentées devant la Faculté des lettres de Paris : 1º *De Epistolis consolatoriis Beati Hieronymi*. 2° *Examen du livre des Philosophoumena*. *Journal de l'Instruction publique*. T. XXII, n° 70, 31 ago. 1853. p. 547-549.

_____. La Découverte de Ninive. [Discoveries in the ruins of Niniveh and Babylon, with travels in Armenia, Kurdistan and the desert: being the result of a second expedition, by Austen Layard. -London, 1853. - A second series of the monuments of Niniveh, illustrating Mr. Layard's second expedition to Assyria, from drawings made on the spot. — London, 1853.]. *Journal de l'Instruction publique*. T. XXII, nº 83, 15 out. 1853. p. 678-681.

_____. *La Grammaire sanscrite* de Frédéric Baudry et *La Langue française dans ses rapports avec le sanscrit et les autres langues indo-européennes*, par Louis Delattre. *Journal de l'Instruction publique*. T. XXII, n° 88, 2 nov. 1853, p. 727-729.

_____. *Voyages d'Ibn Batoutah*, texte arabe, accompagné d'une traduction, par C. F. Defrémery et le Dr B. R. San-guinetti. Tome I. *Journal des Débats*, 14 dez. 1853. p. 3-4.

_____. Fragments du livre gnostique intitulé: Apocalypse d'Adam, ou Pénitence d'Adam, ou Testament d'Adam, publiés d'après deux versions syriaques... *Journal asiatique*. V série, T. II, dez. 1853, p. 427-471.

_____. Le Traité des synonymes de la langue latine, par M. E. Barrault, avec la coUah. pour la 2^ partie de M. Ernest Grégoire. *Athenaeum français*, 7 jan. 1854, p. 12.

_____. De la Poésie des races celtiques. *Revue des Deux Mondes*, t. 5, p. 473-506, 01 fev. 1854.

_____. Note sur la traduction des *Eléments métaphysiques de la doctrine du droit*, de Kant, par Jules Barni. *Journal des Débats*, 14 fev. 1854.

_____. *Souvenirs d'un vieux professeur* (*Aus dem Leben eines alten Professors*), par le Dr. Frédéric Creuzer. Leipzig et Darmstadt, 1848. *Journal des Débats*, 22 fev. 1854.

_____. Apollonius Dyscole. Essai sur l'histoire des théories grammaticales dans l'antiquité. *Journal des Débats*, 7 abr. 1854.

_____. Leibniz et Spinoza – Réfutation inédite de Spinoza par Leibniz. *Athenaeum français*, 29 abr. 1854.

_____. Note sur les Recherches sur les étoffes de soie, d'or et d'argent pendant le moyen-âge, par Francisque Michel. *Journal des Débats*, 25 jun. 1854.

_____. [Artigo sobre a continuação da *Acta sanctorum* (tomes VII et VIII. *Bruxelles*, 1845-1853).] *Journal des Débats*, 5 jul. 1854.

_____. *Le Désert et le Soudan, études sur l'Afrique au nord de l'Equateur*, par M. le Comte d'Escayrac de Lauture. – Paris, 1853. *Journal des Débats*, 17 out. 1854.

_____. *Parabole de l'enfant égaré, formant le chapitre IV du Lotus de la bonne loi, publiée pour la première fois en sanscrit et en tibétain, lithographiée à la manière des livres du Tibet et accompagnée d'une traduction française d'après la version tibétaine du Kanjour*, par Ph. Ed. Foucaux. - Paris, B. Duprat. In-8°. *Athenaeum français*, n° 44, 4 nov. 1854, p. 1033.

_____. Channing et le mouvement unitaire aux États-Unis. *Revue des Deux-Mondes*. Nouvelle période, 2ª série, T. 8, 15 dez. 1854, p. 1085-1107.

_____. Note sur les Mélanges d'épigraphie de Léon Renier. *Journal des Débats*, 7 jan. 1855.

_____. *Dell' autore del libro de Imitatione Christi*, discorso di Pier-Alessandro Paravia. (De l'auteur de l'Imitation de Jésus Christ. *Journal des Débats*, 16 jan. 1855.

_____. La Tentation du Christ, par M. Ary Scheffer. *Journal des Débats*, 25 abr. 1855.

_____. [Note sur les Recherches sur la religion et le culte des populations primitives de la Grèce, d'Alfred Maury.] *Journal des Débats*, 4 ago. 1855.

_____. Note sur l'*Histoire des Musulmans de Sicile*, de Michel Amari. *Journal des Débats*, 25 ago. 1855.

_____. Note sur l'identité de la secte gnostique des Elchasaïtes avec les Mendaïtes ou Sabiens. *Journal asiatique*, V série, T. VI, ago.-set. 1855, p. 292-294.

_____. *Lettres de Jean Calvin, recueillies pour la première fois et publiées d'après les manuscrits originaux, par Jules Bonnet. Lettres françaises.* 2 vol. *Journal des Débats*, 4 set. 1855.

_____. Du peuple d'Israël et de son histoire. *Revue des Deux Mondes*, Nouvelle période, 2ª série, 15 nov. 1855, p. 746-774.

_____. La Poésie de l'Exposition. *Journal des Débats*, 27 nov. 1855.

_____. Dante et les origines de la langue et de la littérature italiennes. *Revue des Deux Mondes*, 15 dez. 1855.

_____. Observations sur le nom de Sanchoniathon. *Journal asiatique*. V série, T. VII, jan. 1856, p. 85-88.

_____. *Maistre Pierre Patelin*, texte revu sur les manuscrits et les plus anciennes éditions, avec une introduction et des notes, par M. F. Génin. - Paris, 1854. *Journal des Débats*, 29 fev. 1856.

_____. Sur l'écrivain syriaque appelé Boud le Périoaeute. *Journal asiatique*, T. VII, fev.-mar. 1856, p. 250-256.

_____. Observations sur une inscription araméenne du Sérapéum de Memphis... *Journal asiatique*. 5ª série, T. VII, abr.-maio 1856, p. 407-427.

_____. Histoire et fabrication de la porcelaine chinoise, ouvrage traduit du chinois par M. Stanislas Julien. *Journal asiatique*. V série, T. VII, abr.-maio 1856, p. 443-444.

_____. Note sur le premier fascicule du tome XIV de la Gallia christiana, publié par Hauréau. *Journal des Débats*, 10 maio. 1856.

_____. [Nota sobre a morte de M. Augustin Thierry]. *Journal des Débats*, 23 maio 1856.

_____. *Ramus (Pierre de La Ramée), sa vie, ses écrits et ses opinions*, par Charles Waddington. -Paris, 1855. *Journal des Débats*, 5 jun. 1856.

_____. Note sur la Rivista enciclopedica. *Journal des Débals*, 14 jul. 1856.

_____. M. Augustin Thierry. *Journal des Débats*, 5 jan. 1857.

_____. M. Augustin Thierry. *Journal des Débats*, 7 jan. 1857.

_____. Note sur le 9 volume du *Râmâyana* publié par Gorresio. *Journal des Débats*, 9 fev. 1857.

_____. *Histoire des religions de la Grèce antique*, par Alfred Maury. Tome I. *Journal des Débats*, 19 maio 1857. p. 2-3.

_____. *Etudes sur la grammaire védique*, par Adolphe Régnier, contenant le texte et la traduction du premier livre du *Prâticâkhya* du Rig-Véda. *Journal des Débats*, 28 jun. 1857.

_____. Anekdota, ou Histoire secrète de Justinien, par le sénateur Procope de Césarée, traduite par M. Isambert. - Paris, 1856. *Journal des Débats*, 19 jul. 1857.

_____. M. de Lamennais et ses œuvres posthumes. *Revue des Deux-Mondes*. 2º période, T. X, 15 ago. 1857, p. 765-795.

_____. M. Etienne Quatremère. *Journal des Débats*, 20 out. 1857.

_____. [Nota a respeito do segundo volume da *Histoire des religions de la Grèce antique*, de Alfred Maury.] *Journal des Débats*, 22 nov. 1857. p. 3.

_____. Les Etudes savantes en Allemagne. (Lettre aux directeurs de la *Revue Germanique*). Paris, 15 décembre 1857. *Revue germanique*. T. I, jan. 1858, p. 21-26.

_____. De l'influence spiritualist de M. Cousin. *Revue des Deux Mondes*, 01 abr. 1858.

_____. Note sur l'Exposé d'une nouvelle doctrine philosophique, par Decorde.] *Journal des Débats*, 19 maio 1858.

_____. *Des Beaux-Arts en Italie, au point de vue religieux*, par Ath. Coquerel fils... - Paris, 1857. *Journal des Débats*, 20 maio 1858.

_____. L'école libérale, ses principes et ses tendances. *Revue des Deux Mondes*, t. 16, p. 662-685, jul./ago. 1858.

_____. Note sur la mort de M. Ernest Moret. *Journal des Débats*, 21 ago. 1858.

_____. *Histoire des Révolutions d'Italie*, par J. Ferrari. - Paris, 1857-1858. *Journal des Débats*, 26 out. 1858.

_____. Félix Lajard. *Journal des Débats*, 10 nov. 1858.

_____. Les Traductions de la Bible. [Sur les travaux de Munk, de Cahen et de Reuss.] *Journal des Débats*, 8 dez. 1858.

_____. Note sur Khurschedji Rustemdji Camadji et sur sa proposition de traduire en guzarati une leçon de Philarète Chasles au Collège de France sur les Parsis. *Journal des Débats*. 13 jan. 1859.

_____. *Histoire de l'Académie française*, par Pellisson et d'Olivet, avec une introduction, des éclaircissements et des. notes, par M. Ch. Livet. - Paris, 1858. *Journal des Débats*, 23 jan. 1859.

_____. Note sur les Analecta syriaca de M. Paul (Anton Boetticher) de Lagarde. *Journal asiatique*. V série, T. XIII, fev. 1859, p. 96.

_____. Nouvelles considérations sur le caractère général des peuples sémitiques et en particulier sur leur tendance au monothéisme. *Journal asiatique*. V série, T. XIII, fev.-mar. 1859, p. 214-282; p. 417-450.

_____. Note sur le 10e et dernier volume du *Râmâyana* publié par Gorresio. *Journal des Débats*, 7 mar. 1859.

_____. *Expédition scientifique en Mésopotamie*, par M. Oppert. Tome II, contenant les principes de l'interprétation de l'écriture cunéiforme assyrienne. - Paris, Impr. impériale, 1839. In-4º, 366 p. *Journal des Savants*, mar.-abr.-jun. 1859, p. 165-186; 244-260 e 360-368.

_____. Note sur l'ouvrage d'Adolphe Régnier concernant le *Prâtiçâkhya du Rig-Veda* et sur la traduction de l' *Histoire de la littérature indienne* d'Albert Weber, par Sadous. *Journal des Débats*, 16 maio 1859.

_____. De la Philosophie de l'histoire contemporaine. *Revue Deux Mondes*, t. 22, p. 179-209, 01 jul. 1859.

_____. Note précédant un extrait du Rapport annuel de M. Mohl à la Société asiatique. *Journal des Débats*, 16 nov. 1859.

_____. *Le Béranger des familles* (Paris, 1859). *Journal des Débats*, 17 dez. 1859.

_____. De la métaphysique et de son avenir. *Revue des Deux Mondes*, t. XXV, p. 365-392, 15 jan. 1860.

_____. Note sur l'Histoire de la théologie chrétienne au siècle apostolique, par Edouard Reuss. *Journal des Débats*, 2 fev. 1860.

_____. *Port-Royal*, par M. Sainte-Beuve, 2e édition. 5 vol, 1859-1860. *Journal des Débats*, 28 e 30 ago. 1860.

_____. De l'Avenir religieux des sociétés modernes. *Revue des Deux Mondes*, t. XXIX, p. 761-797, 15 out. 1860.

_____. Notes sur les *Essais de critique religieuse*, d'Albert Réville, le *Traité des doctrines religieuses des Juifs pendant les deux siècles antérieurs à l'ère chrétienne*, de Michel Nicolas et *La Magie et l'astrologie dans l'antiquité et au moyen-âge*, d'Alfred Maury. *Journal des Débats*, 6 out. 1860.

_____. Dr A. Sprenger. Discussion sur quelques points de la vie de Mahomet, revu et annoté par E. Renan. *Revue germanique*. T. XII, 31 out. 1860, p. 5-48.

_____. *Les Romans de la Table Ronde et les contes des anciens Bretons*, par M. de La Villemarqué. [Compte rendu.] *Journal des Débats*, 1 nov. 1860.

_____ ; LE BLANT, Edm. Sur une inscription trilingue découverte à Tortose. *Revue archéologique*. Nouvelle série, T. II, nov. 1860, p. 344-350.

_____. *Averroès et l'Averroïsme*. Préface de la 2e édition, précédée d'une note de Prévost-Paradol. *Journal des Débats*, 20 nov. 1860.

_____. Note sur la mort du baron d'Eckstein. *Journal des Débats*, 29 nov. 1861.

_____. L'art du Moyen age et les causes de sa décadence. *Revue des Deux Mondes*, t. XL, p. 203-228, jul. 1862.

_____. Études critiques sur l'Evangile de St Matthieu, par Albert Réville. *Journal des Débats*, 8 ago. 1862.

_____. Trois inscriptions phéniciennes trouvées à Oum-el-Awamid. *Journal asiatique*. V série, T. XX, set.-out. 1862, p. 355-380.

_____. *Mémoires de littérature ancienne*, d'Egger. *Journal des Débats*, 3 out. 1862.

_____. Sur la présentation de M. Adolphe Régnier à la chaire de sanscrit du Collège de France vacante depuis la mort de Burnouf, 1852. *Journal des Débats*, 10 dez. 1862.

_____. Monuments phéniciens d'Amrit. *Revue Germanique*, T. XXV, 1 mar. 1863, p. 1-39.

_____. Les sciences de la nature et les sciences historiques. *Revue des Deux Mondes*, t. 47, p. 761-774, 15 out. 1863.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5ª ed. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História:* a arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

ARGAN, Giulio Carlo. *A arte moderna na Europa: de Hogarth a Picasso*. Tradução, notas e prefácio: Lourenço Mammì. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARNES, Harry Elmer. *A history of historical writing.* 2ª ed. New York: Dover Publications, 1963.

BESSELAR, José Van Den. *As Interpretações da História através dos séculos*. São Paulo: Editora Herder, 1957. 2 v. (Volume I – De Homero ao evolucionismo Moderno).

BITTENCOURT, Renato Nunes. Nietzsche e a questão da vivência crística na psicologia do redentor d'o anticristo. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 9/10, p. 821-839, set./out., 2009.

BOURDÉ, G., MARTIN, H. *As escolas históricas.* Tradução de Ana Rabaça. Portugal: Publicações Europa-América: Mem. Martins Codex, 1983.

BRUNO, Sampaio. *Portuenses Illustres*. Porto: Chardron, 1908. 3 v.

BUARQUE, Virgínia de A. de C. Uma história moral, apologética e... moderna? A escrita católica do século XVIII ao início do século XIX. *História da historiografia*, Ouro Preto, n. 6, p. 142-157, Mar. 2007. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/163/194>. Acesso em: 8 ago. 2011.

BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (Orgs). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CARBONELL, Charles-Olivier. *Historiografia*. Tradução de Pedro Jordão. Lisboa: Teorema, [1992?].

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.* 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASSANI, J. L., AMUCHÁSTEGUI, A. J. P. *Del epos a La história científica: una vision de La historiografia através del método*. Buenos Aires: editorial Nova, 1971.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história.* Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CEZAR, Temístocles. Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. *História Unisinos*, vol. 8, n. 10, p. 11-34, jul./dez. 2004. Disponível em:

<http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_historia/vol10n8/07historian10vol8_artigo01.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2011.

_____. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagem. *Almanack Braziliense*. São Paulo, n. 11, p. 26-33, maio 2010. Disponível em: <http://www.almanack.usp.br/PDFS/11/AB-11_Sc-1_Forum_02.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2011.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Tradução: Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

_____. *A História ou a leitura do tempo*. Tradução: Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CHAVES, E., SENA, A. D. S. Nem gênio nem herói: Nietzsche, Renan e a figura de Jesus. *Revista Filosofia*, Aurora, Curitiba, v. 20, n. 27, p. 321-336, jul./dez. 2008.

CROCE, Benedetto. *Teoria e Historia de la historiografia.* Traducito de la 5ª ed. Italiana por Eduardo J. Prieto. Buenos Aires: Ediciones Imán, [19--].

DATE-TEDO, Kiyonobu. *L'histoire religieuse au miroir de la morale laïque au XIXe siècle em France*. 2006-2007. École Doctorale "Sciences de l'Homme et de la Société", Université Charles-de-Gaulle – Lille 3, Paris. Disponível em: <http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/31/09/53/PDF/Kiyonobu_Date.pdf>. Acesso em 13 ago. 2011.

DELACROIX, C.; DOSSE, F.; Garcia, P.; OFFENSTADT, N. (Dir.). *Historiographies*. Concepts et débats. Paris: Gallimard, 2010.

DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

DOBRÁNSKY, Enid de Abreu. Origem das línguas em Vico, Herder e Rousseau. *Polifonia*, Cuiabá: Ed. UFMT, n. 01, p. 116-123, 1994. Disponível em: <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/178.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2011.

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos annales à nova história*. Tradução: Dulce A. Silva Ramos. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

DUFOUR, Philippe. La lettre perdue. Sur les historiens allemands du christianisme dans la "Revue des Deux Mondes". *Flaubert*, 4, 2010, [em linha]. Disponível em: <http://flaubert.revues.org/index1217.html>. Acesso em: 26 ago. 2011.

ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. La construction d'une référence culturelle allemande en France: genèse et histoire (1750-1914). *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 42e année, n. 4, 1987. p. 969-992. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0395-2649_1987_num_42_4_283428>. Acesso em: 02 out. 2011.

_____. *Les Transferts culturels franco-allemands*, PUF, 1999.

FERREIRA, Ligia Fonseca. Luiz Gama: um abolicionista leitor de Renan. Estudos Avançados, 21(60), 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142007000200021&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 jun. 2010.

FORNARO, Sotera. Friedrich Creuzer (1771-1858) à l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. *Flauber*, 4, 2010, [Em linha]. Disponível em: <http://flaubert.revues.org/index1212.html>. Acesso em: 26 ago. 2011.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Alpiarça: Vega, 2000.

FUETER, Eduard. *Historia de la historiografia moderna.* Traduccíon de Ana Maria Ripullone. Buenos Aires: Editorial Nova: 1953. (Tomo II: La historiografia de la Ilustraccíon).

GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GAUCHET, M. (org.). *Philosophie des sciences historiques. Textes de P. de Barante, V. Cousin, F. Guizot, J. Michelet, F. Mignet, E. Quinet, A. Thierry*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1988.

GAULMIER, Jean. "Tout est fécond, excepté le bon sens". Sur le positivisme de Renan. *Romantisme*, n. 21-22, p. 5-20, 1978. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/roman_0048-8593_1978_num_8_21_5202>. Acesso em: 24 ago. 2011.

GAY, Peter. *O estilo da historia*: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIRARD, H.; MONCEL, H. *Bibliographie des oeuvres de Ernest Renan*. Paris: P.U.F, 1923.

GÓMES, Bárbara Natalia. Conceitos fundamentais para compreender a filosofia da história de Johann Herder. *Anais do XXVI Simpósio Nacional – ANPUH*, São Paulo, Julho de 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308158698_ARQUIVO_Herder.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2011.

GOOCH, George Peabody. *History and historians in the nineteenth century*. Boston: Beacon Press, [1958?].

GORE, Keith. *L'idée de progrès dans la pensée de Renan.* Paris: A. G. Nizet, 1970.

_____. Un homme, deux dates: 1848, 1890. *Revue d'histoire littéraire de la France*. Ano 94, n. 1, p. 14-35. Jan./fev. 1994. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56572881.image.langFR>. Acesso em: 04 jun. 2011.

GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Tradução: Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papirus, 1998.

GUIDOTTI, M. Imbricações entre Goethe e Kant: Arte, Natureza e Sublime. *Pandaemonium*, São Paulo, n. 17, p. 118-131, Julho/2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum/site/images/pdf/ed2011.1/07_Guidotti_Mirella.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2011.

GUIMARÃES, M. L. S. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 184-200, dezembro 2002. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a7.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2011.

_____. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, S. J (Org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____. (Org.). *Estudos sobre a escrita da história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

GUISAN, Gilbert. *Ernest Renan et l'art d'écrire*. Genève: E. Droz, 1962.

HARTOG, F (Org). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

_____. *O século XIX e a História: O caso Fustel de Coulanges*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003a.

_____. *Os antigos, o passado e o presente*. Tradução: Sonia Lacerda, Marcos Veneu, José Otavio Guimarães. Brasília, DF: UnB, 2003b.

_____. "Michelet, a história e a 'verdadeira vida'". *Revista de História e Geografia Ágora,* UNISC, v. 11, n. 1, p. 13-20, jan./jun. 2005.

_____. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. *Regimes de historicidade:* presentismo e experiências do tempo. Tradução: Andréa Souza de Menezes et al. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

JACOB E. Edouard Reuss, um théologien indépendant. *Revue d'histoire et de philosophie religieuses* Y. 1991, vol. 71, No. 4, p. 427-433.

KOHLIER, Heliane; RODRIGUES, Helenice. Introdução teórica. In: _____. (Org.). *Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 13-19.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LAURENS, Henry (Org.). *Colloque de rentrée du Collège de France: Hommage à Ernest Renan*. Paris, 11 e 12 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.college-de-

france.fr/site/colloque-2012/p1347353206910_content.htm#|q=../colloque-2012/symposium-2012-2013.htm|p=../colloque-2012/symposium-2012-2013.htm|>. Acesso em: 23 out. 2012.

LEFEBVRE, Georges. *El nacimiento de la historiografía moderna*. Traduccion de Alberto Mendez. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1974.

LOPES, Marcos A. (Org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

MALERBA, J. (Org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. (Org.). *Lições de história*: o caminho da ciência no longo século XIX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MATA, S. da. *História & Religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Tradução: Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Tradução: Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: Edusc, 2004.

MONTEZ, Luiz Barros. A *Doutrina das cores* de Goethe como capítulo no desenvolvimento da História das ciências. *Anais do XXVI Simpósio Nacional – ANPUH*, São Paulo, Julho de 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300707935_ARQUIVO_Doutrina_das_Cores_de_Goethe_na_Historia_das_Ciencias.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2011.

PETIT, Annie. Le prétendue positivisme d'Ernest Renan. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, 2003/1, n. 8, p. 73-101. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-histoire-des-sciences-humaines-2003-1-page-73.htm>. Acesso em: 6 ago. 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____ (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

PITT, Alan. The Cultural Impact of Science in France: Ernest Renan and the Vie de Jésus. *The Historical Journal*, Vol. 43, No. 1 (Mar., 2000), p. 79-101. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3021014>. Acesso em: 03 set. 2011.

POMMIER, Jean. Autour de la mission de Phénicie d'Ernest Renan. *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 109e année, n. 1, p. 126-141, 1965. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/crai_0065-0536_1965_num_109_1_11828>. Acesso em: 20 ago. 2011.

REIS, José Carlos. A História metódica, dita "positivista". In: _____. *A História entre a Filosofia e a Ciência.* 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REMOND, René (Org.). *Por uma história política.* Tradução: Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Dir.). *Para uma história cultural.* Lisboa: Estampa, 1998.

ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção*. Chapecó, SC: Argos, 2011.

RODRIGUES, Helenice. Transferência de saberes: modalidades e possibilidades. *História: Questões & Debates*, Curitiba. Editora UFPR, n. 53, p. 203-225, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/24122/16153>. Acesso em: 22 out. 2011.

ROIZ, Diogo da Silva. O ofício de historiador: entre a 'ciência histórica' e a 'arte narrativa'. *História da historiografia*, Ouro Preto, número 04, março 2010, p. 255-278.

SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SAMARAN, Charles. Renan et l' "Histoire littéraire de la France". *Journal des savants*, n. 4, p. 225-234, 1974. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jds_0021-8103_1974_num_4_1_1308>. Acesso em: 23 ago. 2011.

SANTOS, Samuel N. Criticismo neotestamentário e os evangelhos enquanto fontes histórico-biográficas para construção de uma Vita de Jesus. Revista Jesus Histórico, v. 1, p. 54-78, 2010. Disponível em: <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos4/5Samuel%20nunes%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Arlenice Almeida da. Edgar Quinet e a filosofia da Revolução Francesa. *Revista de História*. São Paulo, n. 146, p. 223-266, 2002. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n146/a12n146.pdf>. Acesso em: 7 de ago. 2011.

SIMON-NAHUM, Perrine. Ernest Renan, Histoire du christianisme et histoire des religions. In: HILAIRE, Yves-Marie (éd.). *De Renan à Marrou. L'histoire du christianisme et le progrès de la méthode historique (1863-1968)*. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaire du Septentrion, 1999.

_____. Renan et l'histore des langues sémitiques. *Histoire Épistémologie Langage*. Tome 23, fascicule 2, 2001. p. 59-75. Disponível em:

<http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hel_0750-8069_2001_num_23_2_2833>. Acesso em: 15 ago. 2011.

_____. Du langage à l'histoire des langues. La théorie du langage d'Ernest Renan. », *Methodos* [En ligne], 2, 2002. Disponível em: <http://methodos.revues.org/86>. Acesso em: 27 ago. 2011.

_____. L'Orient d'Ernest Renan : de l'étude des langues à histoire des religions. *Revue germanique internationale*, 7, 2008, p. 157-168. Disponível em: <http://rgi.revues.org/406>. Acesso em: 15 maio 2011.

_____. Avant-propos. In: RENAN, E. *Histoire de l'étude de la langue grecque dans l'Occident de l'Europe depuis la fin du Ve siècle jusqu'à celle du XIVe*. Paris: Les éditions du Cerf, 2009. p. 9-71.

WARDMAN, Harold W. "L'Esprit de Finesse" and Style in Renan. *The Modern Language Review*, v. 59, n. 2, p. 215-224, 1964. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3721749>. Acesso em: 03 set. 2011.

WEHLING, Arno. *A invenção da história: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro, Editora Central da UGF; Niterói, Editora da UFF, 1994.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Penser l'histoire croisée: entre empirie et réflexivité. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 58, n. 1, jan./fev. 2003. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-annales-2003-1-page-7.htm>. Acesso em: 03 out. 2011.

WHITE, Hayden. *Meta-História. A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

WINOCK, M. Renan lança uma bomba. In: WINOCK, M. *As vozes da liberdade*: os escritores engajados do século XIX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

WRIGHT, Terence R. The Letter and the Spirit: Deconstructing Renan's "Life of Jesus" and the Assumptions of Modernity. *Religion & Literature*, vol. 26, n. 2 (Summer, 1994), p. 55-71. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40059632>. Acesso em: 03 set. 2011.